

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**AS CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS EM RUSSO E EM
PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA**

Diego Leite de Oliveira

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

AS CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS EM RUSSO E EM PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Diego Leite de Oliveira

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como quesito para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Maria Luiza Braga
Co-orientador: Noé Silva – USP

Rio de Janeiro
Fevereiro/2008

As construções condicionais em russo e em português

Diego Leite de Oliveira
Orientadora: Maria Luiza Braga
Co-orientador: Noé Silva

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação Lingüística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Aprovada por:

Presidente, Prof. Dr. Christina Abreu Gomes – UFRJ

Prof. Dr. Maria Maura Cezário – UFRJ

Prof. Dr. Ana Flávia Magela Gehardt – PPG Letras Vernáculas – UFRJ

Prof. Cláudia Nívea Roncarati – UFF, suplente

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2008

Conhecer muitas línguas significa ter muitas chaves para a mesma fechadura

Voltaire

Para Cenira Braga da Silva,

Para minha Mãe, Cássia

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da dissertação;

À Professora Dr^a Maria Luiza Braga pela orientação objetiva e competente, por me acompanhar com segurança na estrada do saber durante todos esses anos que incluem não só o curso de mestrado, mas também minha trajetória enquanto estudante de graduação.

Ao Professor Dr^o Noé Silva por aceitar ser co-orientador nessa dissertação.

Aos professores do setor de língua russa por permitirem acesso à biblioteca do setor, em especial à professora Tatiana Gueorguievna Mariz, por fornecer material que contribuiu para a constituição do *corpus* em língua russa.

À Sonia Branco Soares pelas discussões acaloradas sobre língua russa, pelo apoio constante nos estudos de língua e literatura russas e pela amizade até mesmo nos momentos mais difíceis.

À Maria José, Keylla Manfili e Mariana Klôh, pelas discussões sobre lingüística, pela amizade durante todos esses anos de convivência.

À Taya, com quem compartilhei alguns dos melhores momentos da minha vida, pelas discussões sobre linguagem, pelo apoio durante a dissertação e pela paciência.

À minha família, que durante todos esses anos tem me proporcionado o porto seguro com o qual sempre posso contar.

RESUMO

Nesta dissertação investigamos o uso das construções condicionais, fornecendo uma análise comparativa entre duas línguas indo-européias de parentesco relativamente distante: russo e português. Entendemos que a relação estabelecida entre as orações que constituem a construção condicional se trata de hipotaxe, caracterizada não pelo encaixamento de uma oração subordinada em uma oração matriz, mas sim pela relação entre um elemento dependente (a oração hipotática) e o seu dominante (a oração núcleo), o que pode ser conferido em Halliday (1985). Analisamos, especificamente, as construções que apresentam o conectivo prototípico de cada língua, a saber, *iesli*, no caso do russo, e *se*, no caso do português. Para isso, utilizamos textos extraídos dos principais jornais do Rio de Janeiro (Brasil) e de Moscou (Rússia), controlando o número de palavras da amostra organizada, bem como o gênero e o tipo textuais. O foco principal de nossa análise se concentra na variação posicional da oração hipotática em relação à oração núcleo. A hipótese que orienta a dissertação é a de que a variação posicional da oração hipotática na construção condicional pode ser explicada pela combinação de fatores de ordem semântico-pragmática e fatores de caráter estrutural, o que é possível aplicar tanto ao russo como ao português, indicando a potencial universalidade de explicação do fenômeno sob investigação.

ABSTRACT

This dissertation investigates the use of conditional constructions, providing a comparative analysis between two Indo-European languages, not directly related: Russian and Portuguese. The study is based on the fact that the relationship in the conditional structure is that of hypotaxis, what is not characterized by embedding of a subordinated clause in a matrix clause, but rather by a relationship in which one has a dependent element (the hypotactic clause) and a dominant element (the nucleus clause), what can be seen in Halliday (1985). Here are analyzed specifically the constructions with the prototypic conjunction in every studied language, *iesli*, in Russian, and *se*, in Portuguese. The sample organized for this study is based on the main newspapers of Rio de Janeiro (Brazil) and Moscow (Russia) and aspects, as number of words, genre, type of text, are considered. The fundamental point of this dissertation is the analysis of the order of appearance of hypotactic clause in the conditional construction. The hypothesis that guide this work is that the variation of positioning of hypotactic clause in the construction can be explained by the combination of semantic-pragmatic and structural factors, what is possible to apply as to Russian as to Portuguese, showing the potential universality of explanation of the phenomenon under investigation.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
2. Fundamentação teórica.....	16
2.1. Algumas considerações.....	16
2.2. As abordagens em foco.....	21
2.2.1. O Funcionalismo Lingüístico.....	21
2.2.2 Lingüística Cognitiva.....	27
3. Processos de articulação de orações.....	31
3.1. A abordagem das gramáticas tradicionais.....	31
3.1.1 Tradição Gramatical Brasileira.....	32
3.1.2 Tradição Gramatical Russa.....	34
3.3.2. Abordagem Funcionalista.....	36
3.3.3. Abordagem Cognitivista.....	42
3.4. Algumas considerações.....	46
4. As Construções Condicionais.....	46
5. Considerações Teórico-metodológicas.....	66
5.1. A composição dos <i>corpora</i>	66
5.2. Hipóteses e Grupos de Fatores.....	71
5.3. Resultados Preliminares.....	75
6. O Status Informacional.....	78
6.1. As Concepções Adotadas.....	78
6.2. A definição dos Fatores.....	82
6.3. Resultados.....	89

7. Complexidade estrutural das posições marcada e não-marcada da oração hipotática condicional.....	94
7.1. Marcação e complexidade estrutural.....	94
7.2. Resultados.....	104
8. Domínio, modo e focalização.....	109
8.1. Domínio Cognitivo.....	109
8.2. Combinação tempo – modo – aspecto.....	114
8.3. Partículas de focalização.....	122
9. As construções condicionais em russo e em português – análise geral.....	129
10. Conclusões.....	137
11. Referências Bibliográficas.....	141

1. INTRODUÇÃO

Um dos fenômenos da linguagem que tem evocado a atenção de diversos estudiosos de variadas vertentes lingüísticas se refere ao emprego de formas gramaticais que podem veicular significados subjetivos, como é o caso das construções condicionais. A vasta bibliografia sobre esse assunto, sob as mais variadas perspectivas, não só comprova esta afirmação, mas também fornece dados interessantes acerca do presente tema.

Pensar condicionalmente envolve a assunção do mundo real, a imaginação de situações distintas da realidade, prováveis, possíveis ou até mesmo impossíveis, a criação de mundos alternativos e a projeção de situações futuras que podem de fato ocorrer ou serem apresentadas simplesmente como exemplo. A condicionalidade se manifesta linguisticamente por meio de, pelo menos, duas orações, o que não quer dizer que formas híbridas não sejam possíveis¹. Essas duas orações podem se relacionar estruturalmente de maneira mais integrada ou mais frouxa, a depender do processo de vinculação de orações que estiver envolvido, mas a relação prototípica entre as orações que constituem a construção condicional caracteriza-se por uma relação de dependência entre uma oração hipotática ou prótase (ou oração subordinada adverbial condicional, se considerarmos a nomenclatura tradicional) e sua respectiva oração núcleo ou apódose (ou ainda principal, segundo a tradição)².

À luz de diversas orientações teóricas, os estudiosos, ao analisarem as construções condicionais, podem priorizar níveis lingüísticos diversos: ora o sintático (Pancheva, 2003), ora o morfológico (Maslova 2005), o semântico ou discursivo/pragmático (Haiman 1978, Ford & Thompsom 1986, Sweetser 1990, Gryner 1990, Dancyngier & Sweetser 2000, Ferrari 2006, entre outros). A partir de uma perspectiva

¹ Em trabalho interessante, Gryner (2003) identifica na fala estruturas condicionais que se manifestam estruturalmente por apenas uma oração.

² Para discussão mais detalhada confira o capítulo 2.

tipológica, Comrie (1986), bem como Khrakovski et al. (2005) analisam as condicionais de diversas línguas do mundo, levando em consideração marcas morfológicas e a semântica da oração condicional, buscando identificar os vários tipos de condicionais existentes, e, em alguns momentos, focalizando determinadas funções discursivas desse tipo de construção.

No entanto, no Brasil a investigação da condicionalidade em línguas naturais ainda carece de estudos comparativos baseados nas funções discursivas das condicionais em situações concretas de comunicação, seja em textos orais ou escritos. Se as descobertas apresentadas até o momento já contribuem para a compreensão do funcionamento das construções condicionais, resta saber se as explicações para as propriedades de tal funcionamento podem ser aplicadas também a línguas com grau distante de parentesco ou não aparentadas. Desta forma, um estudo comparativo, ainda que restrito a apenas duas línguas, pode vir a contribuir para a potencial postulação de universais lingüísticos, capazes de contribuir para a explicação da relação entre linguagem e mente.

Neste trabalho estudamos as construções condicionais expressas pela forma ‘Se P, Q’³, a partir de um estudo comparativo entre o russo e o português, línguas indo-européias com parentesco distante. O foco principal de nossa análise se refere à variação posicional das orações que constituem esse tipo de construção no discurso escrito. Acreditamos que a variação posicional das orações que constituem a construção condicional está relacionada a fatores de ordem estrutural e discursiva e que, por isso, pode ser sistematizada e explicada. O objetivo do trabalho é, segundo a proposta de Givón (1995) quanto ao fenômeno da marcação, identificar, no que diz respeito à

³ Se é uma referência ao conectivo prototípico de cada língua analisada. P se refere à prótase, ou segundo a tradição gramatical brasileira, oração subordinada adverbial condicional, e Q se refere à apódose, ou oração principal segundo a tradição.

variação posicional, a posição não marcada das orações hipotáticas de condição e tentar explicar o uso da posição marcada, tanto em língua russa como em língua portuguesa.

Como se sabe, o português é uma língua românica que teve sua origem no *latim vulgar*, se desenvolvendo, a partir do século XVI, na versão europeia e na versão brasileira. O elemento conectivo prototípico que introduz as construções condicionais em língua portuguesa é o *se*. O russo, por sua vez, embora seja também uma língua indo-europeia, tem seu início no eslavo antigo, o qual deu origem a línguas como polonês, tcheco, eslovaco, búlgaro, servo-croata, ucraniano, entre outros. Nesse ramo de línguas ainda temos uma subdivisão entre grupos de línguas ocidentais, meridionais e orientais, sendo este último o grupo ao qual pertence a língua russa. O conectivo prototípico que introduz as orações condicionais em russo é o *iesli*.

Tendo em vista o grau de parentesco afastado das línguas analisadas, desejamos verificar se os mesmos fatores que explicam a ocorrência da posição marcada em português servem para explicar o uso da posição marcada em russo. Desta forma, a convergência de explicações do uso marcado em ambas as línguas pode contribuir para a asserção de universais lingüísticos referentes à forma como as construções condicionais se dispõem numa seqüência textual.

No que tange aos fatores utilizados para a explicação do posicionamento das orações na construção condicional, selecionamos variáveis de ordem gramatical e semântico-pragmática. Acreditamos que o posicionamento das orações na construção é influenciado pela comunhão de uma série de fatores internos e externos à gramática, sendo alguns deles mais importantes que outros.

Com base na concepção acima apresentada, organizamos o trabalho da seguinte forma: no **capítulo 2** apresentamos um pequeno esboço das teorias lingüísticas em que o trabalho se fundamenta. Comentamos brevemente o grupo de teorias que está

recentemente sendo rotulado como *Modelos Baseados no Uso* e discutimos duas vertentes lingüísticas que, em maior ou menor grau, orientam o presente trabalho: o Funcionalismo Lingüístico e a Lingüística Cognitiva.

No **capítulo 3**, esboçamos em linhas gerais as hipóteses sobre os processos de vinculação de orações que se instauram nas construções condicionais que analisamos neste trabalho. Apresentamos a concepção das gramáticas tradicionais russas e brasileiras, e em seguida as perspectivas funcionalistas e cognitivistas, representadas por Halliday (1985), Mathiessen & Thompson (1988) e Hopper & Traugott (1993) na linha funcionalista, bem como Croft (2001) na linha cognitivista.

No **capítulo 4**, nos aprofundamos nos estudos específicos acerca das construções condicionais, discorrendo sobre os trabalhos mais relevantes para a presente pesquisa. Questionamos a abordagem lógica sobre as condicionais e introduzimos as propostas dos primeiros estudiosos que sugeriram um caminho diferente para o estudo deste tipo de construção, tais como Ducrot (1977) e Haiman (1978). Em seguida comentamos os trabalhos desenvolvidos numa perspectiva semântico-pragmática dos estudos sobre condicionais, como Swetser (1990), Gryner (1990), entre outros, contrapondo-os a outros trabalhos que sugerem uma análise centrada na sintaxe das condicionais como Batt & Pancheva (2003) ou numa perspectiva lexical como Maslova (2005).

O **capítulo 5** trata das questões metodológicas que permeiam o presente trabalho. Nele, discutimos a composição dos *corpora*, justificamos o uso da modalidade escrita, discutimos as hipóteses levantadas e enumeramos os grupos de fatores a serem utilizados para comprová-las ou refutá-las. Além disso, apresentamos resultados preliminares que se referem ao posicionamento da oração hipotática condicional em relação a sua núcleo na construção em russo e em português.

Enumerados os grupos de fatores, nos capítulos que se seguem apresentamos análise detalhada, acompanhada, em alguns casos, da literatura que fundamenta a proposta do grupo de fatores. **No capítulo 6** analisamos a variação posicional da oração hipotática em relação a sua núcleo na construção condicional, levando em consideração a distribuição da informação no texto. Para isso, discutimos a noção de status informacional, a partir da proposta de Chafe (1976, 1984, 1988) e Prince (1982, 1994).

No **capítulo 7**, buscamos investigar a estrutura do co-texto no qual se insere a construção condicional. Assim, recorremos a Croft (1990) e Givón (1995) que estudam a complexidade estrutural como critério para a identificação do elemento marcado. Além disso, nos baseamos em Ford & Thompsom (1986) que encontraram relação interessante entre posição das orações hipotáticas condicionais e complexidade estrutural do co-texto em que elas ocorrem em inglês.

No **capítulo 8**, referimo-nos a fatores que se mostraram menos relevantes. em termos quantitativos, que os primeiros discutidos nos dois capítulos anteriores, mas que são interessantes, se observados sob o ponto de vista da posição marcada. Nele discutimos o domínio cognitivo associado às condicionais, a correlação tempo-modo-aspecto entre oração hipotática de condição e oração nuclear, bem como a ocorrência de algumas palavras de focalização que parecem favorecer a posição marcada tanto em russo como em português.

O **capítulo 9** apresenta em linhas gerais uma comparação entre russo e português, considerando todos os fatores utilizados na dissertação na tentativa de explicar o uso da posição marcada na construção condicional. A conclusão encerra o trabalho.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Na lingüística atual podemos identificar duas grandes vertentes que, apesar de buscarem explicar os fenômenos lingüísticos e não apenas descrevê-los, partem de pontos de vista distintos para o estudo da linguagem. Num primeiro momento, poderíamos dizer que esses pontos de vista diferentes se baseiam na distinção feita por Saussure entre *langue* e *parole*, que mais tarde influenciou o estruturalismo americano e culminou com a distinção feita por Chomsky entre *competência* e *desempenho*.

Numa dessas vertentes o objeto de estudo seria a *langue* ou, em termos mais apropriados, a *competência*, de maneira que o que importa é saber como é o sistema de conhecimentos do falante de uma determinada língua, bem como de que maneira esse conhecimento se desenvolve em sua mente. Tal perspectiva concebe a linguagem como um mecanismo autônomo pertencente à biologia do ser humano, de forma que sua organização se dá através do que é conhecido como *Gramática Universal*⁴, regida por princípios inerentes a todas as línguas do mundo e por parâmetros que seriam acionados por uma espécie de gatilho (*triggering*) a partir da exposição do indivíduo a uma língua (Haegeman & Gueròn 1999). Assim, nessa vertente, o estudo do uso da linguagem tem permanecido em segundo plano.

Uma outra vertente que vem ganhando força nas últimas décadas não isola o estudo da estrutura lingüística da análise do uso da linguagem. Pelo contrário, nessa perspectiva é dada importância substancial ao uso do sistema lingüístico e ao conhecimento desse uso por parte do falante (Langacker, 2000). O que se busca nessa abordagem é saber em que medida o uso da linguagem afeta as representações lingüísticas. Nesse sentido, grupos de lingüistas funcionalistas e cognitivistas vêm

⁴É importante ressaltar aqui que, como afirma Tomasello (2004), há uma controvérsia muito grande (entre os próprios defensores da visão inatista da linguagem) no que diz respeito ao que «realmente» constituiria a gramática universal.

contribuindo para a criação do que ficou conhecido como *Modelos Baseados no Uso* (Barlow & Kemmer 2000, Langacker 2000, Bybee 2001). Embora haja alguma diferença no que diz respeito a alguns aspectos metodológicos e ao foco adotado por esses grupos de pesquisadores, os *modelos baseados no uso* compartilham pressupostos em comum, os quais serão discutidos a seguir.

Basicamente, esses tipos de abordagem levam em consideração a relação íntima entre o sistema lingüístico e o seu emprego em situações concretas de comunicação. Um modelo baseado no uso é aquele que sustenta que o sistema lingüístico do falante é fundamentado em eventos de uso, os quais constituem a experiência a partir da qual o sistema é abstraído num primeiro momento (Kemmer & Barlow 2000). Dessa forma, é possível dizer que o uso produz efeitos na organização cognitiva da linguagem, exercendo influência até mesmo na aquisição. A esse propósito é interessante citar Bybee (2005):

Se enxergarmos a gramática como a organização cognitiva da linguagem, então a asserção de que gramática é uso e uso é gramática poderá ser tomada como um *slogan* que significa não que os dois sejam realmente iguais, mas antes que a gramática é a organização cognitiva da experiência de alguém com a linguagem e as faces dessa experiência como, por exemplo, a freqüência do uso ou mesmo exemplos particulares de certas construções têm impacto na representação que podemos ver evidenciada de várias formas, mas primeiramente na mudança lingüística. A proposta é de que capacidades cognitivas gerais do cérebro humano, que lhe permitem categorizar, classificar por identidade, similaridade e diferença, funcionam nos eventos da linguagem com os quais uma pessoa se defronta, categorizando e introduzindo na memória essas experiências. O resultado é uma representação cognitiva que pode ser chamada gramática. Essa gramática, embora possa ser abstrata, uma vez que todas as categorias cognitivas o são, está fortemente ligada à experiência que o falante teve com a linguagem⁵. (Bybee, 2005: 1)

⁵No original: If we view grammar as the cognitive organization of language, then the assertion that ‘grammar is usage, and usage is grammar’ could be taken as a slogan that means, not that the two are literally equated, but rather that grammar is the cognitive organization of one’s experience with language, and facets of that experience, for instance, the frequency of use of certain constructions or even particular instances of constructions, has an impact on representation that we can see evidenced in various ways, but primarily in language change. The proposal is that the general cognitive capabilities of the human brain, which allow it to categorize and sort for identity, similarity and difference, go to work on the language events a person encounters, categorizing and entering in memory these experiences. The result is a cognitive representation that can be called a grammar. This grammar, while it may be abstract, since all

A partir da citação acima apresentada é possível identificar mais três pressupostos discutidos pelas abordagens baseadas no uso: a importância da frequência, a relação entre o sistema linguístico e outros sistemas cognitivos e a relação entre uso, sincronia e diacronia.

No que se refere à frequência, uma vez que o sistema linguístico está atrelado à experiência que o falante tem com a linguagem, o uso afeta a representação da gramática, produzindo o que Langacker (2000) denomina *entrenchment*, ou rotina cognitiva. A ocorrência de eventos psicológicos deixa um tipo de traço que facilita sua recorrência. Através da repetição até mesmo um evento altamente complexo pode ser facilmente executado (cf. Langacker 2000: 4).

Com isso, acreditamos ser necessária a diferenciação entre frequência de tipo (*type*) e frequência de ocorrência (*token*). Segundo Lyons (1977) a ocorrência instancia o tipo. Tomemos por exemplo o padrão silábico do português. Existem várias estruturas silábicas em língua portuguesa (cv, ccv, v, vc, ccvc, ccvcc), de maneira que cada uma delas constitui um tipo. Certamente uma delas se manifesta em um número maior de palavras do dicionário do que as outras. Temos aí a frequência de tipo (*type*). Se todas as manifestações dessas estruturas silábicas são tomadas como realizações concretas na linguagem, independentemente de sua difusão no dicionário linguístico, temos aí a frequência de ocorrência (*token*). No caso do estudo da ordem das orações condicionais em russo e em português, levamos em consideração a frequência de dois tipos de ordenação das cláusulas condicionais no discurso escrito: a posposição e a anteposição, e consideramos também a frequência de ocorrência das construções condicionais como realizações concretas nas duas línguas analisadas.

No que se refere à relação entre o sistema linguístico e outros sistemas cognitivos, a visão que emerge é a de uma rede massiva na qual a estrutura com graus

cognitive categories are, is strongly tied to the experience that a speaker has had with language.

variáveis de rotinas cognitivas e níveis diferentes de representação lingüística está ligada a estratégias de categorização, composição e simbolização (cf. Langacker 2000:4), as quais não necessariamente são específicas às habilidades lingüísticas. Exemplo disso é a maneira como categorizamos formas, cores, etc. A categorização se dá de forma distinta em diversas culturas, tal como podemos perceber em Rosch (1973, apud Lakoff, 1987). Em alguns povos podemos verificar que verde e azul são concebidos como nuances de uma mesma cor, assim como azul claro e azul escuro são tidos como cores diferentes. Processo semelhante ocorre com a linguagem, quando caracterizamos diversos tipos de construções como pertencentes à categoria das orações condicionais.

Quanto à relação entre uso, variação sincrônica e mudança diacrônica, podemos constatar que a freqüência de uso de determinadas categorias da linguagem exerce grande influência tanto na variação quanto na implementação da mudança lingüística. Exemplo disso é fornecido por trabalhos em gramaticalização, nos quais a variação do uso de determinada expressão lingüística pode ampliar sua aplicabilidade a diversos contextos, bem como gerar um processo de dessemantização⁶, o que pode desencadear mudança de status categorial e, através da freqüência⁷, dar margem ao surgimento de novas formas lingüísticas gramaticalizadas (Hopper & Traugott 1993, Martelotta et al. 1996, Bybee 2005). Para Bybee (2005), gramaticalização é a criação de um novo morfema gramatical e uma nova construção a partir de um exemplo particular de uma construção antiga. “Uma construção com itens lexicais se torna mais freqüente, muda de várias maneiras e se torna uma nova construção” (Bybee 2005:10).

⁶ A propósito conferir Heine & Kuteva 2003.

⁷ A questão da freqüência é um ponto discutível para os estudiosos em gramaticalização. Em apresentações recentes, Heine e Kuteva evidenciaram que a grande freqüência de uso de uma construção não acarreta necessariamente sua gramaticalização. No entanto ainda verificam a importância da freqüência, não como mecanismo principal para o fenômeno de gramaticalização, mas como um dos diversos componentes que permitem sua ocorrência.

Outro pressuposto compartilhado pelos *Modelos Baseados no Uso* se refere às representações lingüísticas como sendo emergentes e não como entidades fixas (Barlow & Kemmer 2000). A concepção de unidades armazenadas que são operadas por um conjunto de procedimentos ou instruções (inatos) as quais produzem um *output* é rejeitada pelas abordagens baseadas no uso. O conceito *emergência* enfatiza a idéia de que estruturas qualitativamente novas e mais complexas podem emergir de fatos básicos mais simples, a partir de uma rede de ativação (Barlow & Kemmer 2000, Behrens 2005). Bybee (2000, 2005) apresenta evidências para essa afirmação ao acentuar a relação cognitiva entre os itens lexicais, a partir dos quais as regularidades fonológicas e morfológicas emergem.

Uma última consideração que faremos sobre os *Modelos baseados no Uso* se refere à importância do contexto na operação do sistema lingüístico. Se acreditamos que há uma relação íntima entre a linguagem e outros domínios da cognição, então acreditamos também que há uma relação entre fatores de ordem lingüística e não-lingüística que interferem no uso da linguagem e conseqüentemente na representação. A linguagem está condicionada ao seu contexto de uso, uma vez que é a partir dele que o falante constrói o significado.

As considerações feitas acima nos remetem a uma vertente da lingüística que concebe a linguagem como massiva e altamente redundante, ao invés de econômica, sendo os elementos idiossincráticos privilegiados em relação aos elementos mais gerais na aquisição e operação do sistema lingüístico, pois, nessa visão, o geral surge a partir do específico, o qual estaria mais diretamente relacionado com a experiência. (Barlow & Kemmer 2000).

É nesse entrecruzar de pressupostos e concepções que este trabalho se insere, ora colhendo princípios no âmbito funcionalista de análise, ora recorrendo ao arcabouço

teórico da lingüística cognitiva. Nas próximas duas seções discutimos essas duas abordagens em foco, apontando para os conceitos adotados e aplicados neste trabalho.

2.2. AS ABORDAGENS EM FOCO

2.2.1. O FUNCIONALISMO LINGÜÍSTICO

O fato de a linguagem estar a serviço das necessidades comunicativas dos seres humanos é inegável. Assim, no Funcionalismo Lingüístico, a interpretação teleológica da linguagem assume destaque. A língua serve a funções determinadas. Com isso, uma das noções que operam com grande ênfase nesta abordagem é a própria idéia de função.

No que tange a essa noção, é pertinente observar os seus significados para Halliday (1970, 1985). Halliday acredita que a língua serve para a expressão do ‘conteúdo’, ou seja, da experiência do falante com o mundo real, incluindo o mundo interno de sua própria consciência. Esta seria a função *ideacional*.

Outra função da linguagem para Halliday, a *interpessoal*, é a de estabelecer e manter relações sociais, isto é, a expressão de papéis sociais de comunicação criados pela própria língua, como, por exemplo, questionar e responder, bem como fazer as coisas por meio da interação entre uma pessoa e outra.

E, finalmente, para Halliday existe também a função *textual*, a qual capacita o falante ou escritor a produzir textos, ou blocos de discurso conectados que são situacionalmente relevantes, e capacita também leitor e ouvinte a distinguir um texto de um grupo de orações desconexas. Segundo o estudioso, um aspecto da função textual é o estabelecimento de relações de coesão entre uma sentença e outra no discurso.

A concepção de Halliday apresentada acima se enquadra no conjunto de abordagens denominado Gramática Sistêmico-Funcional. É importante ressaltar, porém que, a depender da abordagem funcionalista, o termo função terá um significado

próprio. Para Nichols (1984), as acepções da palavra função constituem uma instância de polissemia e não um conjunto de homônimos. Em seu trabalho, a autora apresenta os significados principais atribuídos por diversas vertentes funcionalistas à palavra função, enumerados a seguir:

- Função/ interdependência: este termo está relacionado à noção matemática de função, estabelecendo a interação entre variável dependente e variáveis independentes;
- Função/ propósito: é o emprego mais geral da palavra função, uma vez que se relaciona ao objetivo da comunicação. É o que o falante pensa ou acredita estar fazendo com a linguagem: questionando, declarando, ordenando, nomeando, etc;
- Função/ contexto: quando se considera a palavra função nesse sentido, a língua é encarada como o reflexo do contexto em que ocorre. Assim, é possível investigar o contexto de duas formas:
 - i. como evento de fala, em que se estudam o papel e o *status* dos participantes no evento de fala (falante ou ouvinte);
 - ii. como texto, em que se estuda a organização do discurso, como por exemplo questões como figura/ fundo, desenvolvimento da narrativa, etc.;
- Função/ relação: esse termo se refere à relação de um elemento estrutural com uma ou mais unidades de ordem estrutural diferente.
- Função/ significado: está relacionada a outros tipos de função, envolvendo a natureza semântica das formas lingüísticas.

No presente trabalho, algumas funções assumem maior destaque, como é o caso de função-propósito, função-interdependência, e função-contexto. A focalização da primeira decorre do fato de acreditarmos que o uso das condicionais se aplica a uma

determinada função comunicativa, como ilustra, por exemplo, sua presença nos textos jornalísticos de caráter opinativo. Levamos em consideração a função como interdependência, quando caracterizamos a posição das condicionais como variável dependente correlacionada com fatores de natureza lingüística e extralingüística. A função como contexto é levada em consideração quando investigamos como as condicionais se organizam no discurso escrito, mais especificamente em textos argumentativos de jornal.

Apresentada a complexidade do conceito função e a forma como é empregado neste trabalho, discutiremos a seguir dois conceitos bastante difundidos pelo Funcionalismo Lingüístico, os quais serão relevantes para a análise que desenvolvemos: *marcação e iconicidade*.

O conceito de marcação está associado à existência de assimetrias entre categorias lingüísticas. De acordo com Givón (1995), o princípio de marcação surgiu com a *Escola de Praga*, tendo advindo do conceito saussureano de valor lingüístico em distinções binárias. Para o autor, a marcação é um fenômeno dependente do contexto (Givón 1995:27), pois a mesma estrutura pode ser marcada num contexto, mas não em outro. No que se refere à distinção entre a categoria marcada e a não-marcada, Givón apresenta três critérios para sua identificação, apresentados abaixo:

- *Complexidade estrutural*: a estrutura marcada tende a ser estruturalmente mais complexa (maior) que a não marcada;
- *Complexidade cognitiva*: a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de esforço mental, demanda de atenção ou tempo de processamento;
- *Frequência de uso*: a categoria marcada tende a ser menos freqüente e, com isso, cognitivamente mais saliente que a não-marcada.

Para Givón, a tendência geral na linguagem é de que esses três critérios coincidam. O item não-marcado tende a ser menos complexo estruturalmente, menos complexo cognitivamente e, conseqüentemente, mais freqüente. A associação comum entre marcação estrutural, marcação cognitiva e baixa freqüência é o reflexo mais geral da iconicidade na gramática (cf. Givón 1995: 28).

Nem sempre dados que confirmam complexidade cognitiva ou estrutural estarão disponíveis. Assim, Givón observa que as categorias não são identificadas pela presença ou ausência de um único traço criterial, mas sim pelo agrupamento de um número de traços centrais, que tendem a caracterizar o *protótipo*, categoria sobre a qual discorreremos mais adiante.

O princípio da marcação é importante neste trabalho, em que comparamos línguas distintas, para a identificação de seus itens marcados e não-marcados e respectiva explicação de sua distribuição em contextos de uso. No entanto, a aplicação deste princípio ao fenômeno em questão, a posição da oração condicional em relação à sua oração núcleo, suscita discussão. Primeiro, porque a questão da complexidade estrutural se coloca como um problema: será possível propor maior ou menor complexidade estrutural em relação a fenômenos que envolvem a ordem de constituintes na sentença?⁸ Em segundo lugar, porque ainda não sabemos em que grau a complexidade cognitiva estaria vinculada à posição da oração condicional. Seria a freqüência de uso válida, se empregada como único critério para a identificação do item não-marcado? Nesse sentido, ressaltamos mais uma vez a importância atribuída à freqüência pelos *Modelos Baseados no Uso*, uma vez que, como podemos conferir em Bybee (2000, 2005), o uso repetido de determinada categoria afeta a representação.

⁸ Geralmente a complexidade estrutural é associada a fenômenos de natureza morfológica e fonético-fonológica, como é possível conferir em Lakoff (1987), Croft (1990) e Givón (1995). No entanto, isso não quer dizer que não seja possível propor complexidade estrutural para o nível sintático.

Introduzimos aqui outro conceito que pode contribuir para a identificação e explicação da categoria não-marcada no que diz respeito a alguns fenômenos da linguagem: a iconicidade. O conceito de iconicidade nos remete à tentativa de refutar um dos dogmas da lingüística estrutural: a arbitrariedade do signo lingüístico. A concepção estruturalista de arbitrariedade do signo contribui para a concepção de que o sistema lingüístico é autônomo e a concepção de autonomia, por sua vez, contribui para a noção da língua como um *sistema* (cf. Du Bois 1984: 343). A arbitrariedade separa o signo, o significante, do seu correlato mental, o significado.

A iconicidade, em lingüística, é definida como a correlação natural entre o código lingüístico e o seu *designatum* (Lehmann, no prelo). Desta forma, as estruturas lingüísticas seriam motivadas, o que se contrapõe à concepção estruturalista exposta acima. Aqui é importante ressaltar que até mesmo Saussure, embora tenha enfatizado a arbitrariedade do signo lingüístico, reconheceu que o signo pode ser relativamente motivado. Assim, *dix-neuf* em francês é mais motivado (ou relativamente menos arbitrário) do que *vingt* (Saussure 1988:153). No entanto, permaneceu na lingüística estrutural a concepção de que a motivação não era relevante.

De fato, a depender do viés de observação, um mesmo fenômeno pode ser motivado ou arbitrário. Se o signo for investigado isoladamente, o que emerge diante da visão do estudioso é uma relação arbitrária entre o signo e o seu significado, mas quando se analisa a linguagem levando-se em consideração o contexto de uso, “observa-se a existência de mecanismos recorrentes, que refletem um processo mais funcional de criar rótulos novos para novos referentes” (Martelotta & Areas 2003:25).

Furtado da Cunha et al. (apud Givón 1995) ao discutirem o princípio da iconicidade ressaltam três subprincípios, que se relacionam à quantidade de informação,

ao grau de integração dos constituintes da expressão e do conteúdo e à ordenação linear dos segmentos.

De acordo com o *subprincípio da quantidade*, quanto maior a quantidade de informação maior será a forma, de maneira que a estrutura de uma expressão gramatical expressaria a estrutura de seu conceito. Conforme o *subprincípio da integração*, conteúdos cognitivamente mais próximos estarão mais integrados na codificação lingüística. E por último, segundo o *subprincípio da ordenação linear*, aquilo que o falante considera como mais importante tende a ocupar a primeira posição na cadeia sintática.

No âmbito das construções condicionais o princípio da iconicidade é evocado na tentativa de explicar a maior freqüência de condicionais antepostas, como é possível conferir em Gryner (1995) e Greenberg (1986, apud Gryner, 1990), para quem a anteposição das orações condicionais constitui um universal lingüístico motivado iconicamente. À medida que tendemos a perceber a condição como que antecedendo o resultado no plano do conteúdo, a tendência é de que expressemos as orações condicionais antepostas à oração núcleo.

Desta forma poderíamos afirmar que cognitivamente a anteposição das condicionais seria menos complexa quanto à formulação e codificação⁹. Considerando que a iconicidade nos ajuda a evidenciar a complexidade cognitiva no que diz respeito à posição das condicionais no discurso, podemos retornar ao conceito de marcação e verificar que agora não apenas o critério da freqüência pode ser considerado.

Na próxima seção apresentamos a perspectiva cognitivista da linguagem, cuja proposta associada à concepção funcionalista constitui a fundamentação teórica deste trabalho.

⁹ A propósito dos conceitos de formulação e codificação conferir Hengeveld & Mackenzie (no prelo).

2.2.2. LINGÜÍSTICA COGNITIVA

A Lingüística cognitiva surge como uma teoria que concebe a linguagem como meio de conhecimento e “em conexão com a experiência humana do mundo” (Silva 1997). Assim como no Funcionalismo, o sistema lingüístico é estudado como a manifestação de capacidades cognitivas gerais, tais como categorização, abstração, simbolização, experiência cultural, social e individual (Lakoff 1987, Silva 1997 e Langacker 2000, Bybee 2005).

Nesse sentido, a Lingüística Cognitiva caracteriza-se por adotar alguns pressupostos opostos aos da tradição formalista, assumindo que a significação não se baseia numa relação entre símbolos e dados numa perspectiva autônoma, mas sim no fato de que as palavras e as frases são contextualmente baseadas, o que implica a noção de que os conceitos derivam de padrões criados culturalmente (Martelota & Areas 2003).

Assume-se, nessa perspectiva, que o pensamento é *corporificado*, ou seja, as estruturas usadas para constituir o sistema conceptual nascem a partir da experiência do corpo, sendo baseadas em sua percepção e movimento (Lakoff, 1987). Além disso, o pensamento é imaginativo, pois em conceitos não relacionados diretamente com a experiência são empregados metáforas, metonímias e o imaginário mental (Lakoff 1987). Desta forma, podemos afirmar que a sintaxe não é autônoma, mas subordinada a mecanismos semânticos que nossa mente processa durante a produção lingüística em seu contexto de uso. Com isso, também é possível dizer que a linguagem apresenta um caráter *ecológico* (Lakoff 1987, Du Bois 1984), uma vez que não atua por si só, ou seja, não é autônoma ou modular, mas ligada ao processamento cognitivo como um todo, envolvendo o aprendizado, a experiência, a memória.

Segundo a Lingüística Cognitiva, uma das capacidades cognitivas fundamentais é a *categorização*, processo de identificação, classificação e nomeação de diferentes entidades como membros da mesma categoria (Silva 1997, Langacker 2000, Bybee 2005). A categorização lingüística se processa na base de *protótipos* (Lakoff 1987, Silva 1997). Vários membros ou propriedades que integram uma determinada categoria apresentam diferentes graus de saliência e são agrupados, basicamente, de acordo com a similaridade entre eles, sendo seus limites, assim como os das diferentes categorias, imprecisos (Silva 1997, Langacker 2000). É na idéia que acabamos de apresentar que se baseia a *Teoria do Protótipo*.

Um dos efeitos do conceito de protótipo na linguagem apontados por Lakoff (1987) diz respeito ao princípio da marcação, já mencionado anteriormente. Esse princípio é usado pela lingüística para descrever uma assimetria entre membros de uma categoria, em que um membro, ou subcategoria é tomado como mais básico do que outro (ou outros); de forma correspondente, para Lakoff, o termo não-marcado é o valor *default*, ou seja, o membro da categoria que ocorre, quando apenas um membro da categoria pode ocorrer (Lakoff 1987: 61).

As categorias gramaticais, para a Lingüística Cognitiva, são como as categorias lexicais, entidades simbólicas que devem ser consideradas tendo como base a semântica (Sweetser 1990, Silva 1997), sendo estruturadas a partir de protótipos e susceptíveis a caracterizações esquemáticas (Lakoff, 1987, Sweetser 1990, Silva 1997, Langacker 2000). Uma vez que utilizamos os critérios apontados por Givón (1995) para a identificação do item não-marcado, cabe-nos pensar quais características possibilitariam identificar, entre as diversas configurações de condicionais, o item não-marcado, ou seja, haveria um protótipo de condicional?

Essa questão, no que diz respeito à posição, parece já ter em parte sido respondida em diversos trabalhos tais como Ford & Thompson (1986), Greenberg (1986), Gryner (1990), Neves (1999), Dancyngier & Sweetser (2000) e Kobashi (2004). O padrão não marcado parece ser realmente a anteposição, quando se utiliza o conectivo prototípico de cada língua, de maneira que é possível propor o esquema ‘SE P, Q’¹⁰. No entanto, a investigação do padrão marcado e sua possível previsão, bem como explicação, ainda não foram aprofundadas. Além disso, a escassez de estudos translingüísticos que analisam a língua em seu contexto de uso indica a necessidade de investigação mais detalhada.

No que tange às teorias lingüísticas utilizadas como fundamentação teórica para o presente trabalho, podemos identificar grande semelhança em várias das hipóteses que permeiam ambas as vertentes lingüísticas, mas principalmente no que se refere à hipótese de que a linguagem não é autônoma, mas está associada a diversos fatores de natureza extralingüística, tais como outros processos cognitivos, assim como o contexto de uso.

É com base nos pressupostos teóricos acima apresentados que buscamos estudar as orações condicionais em russo e em português. Porém, antes de partir para a expressão da condicionalidade em si, verificamos a necessidade de estudar o processo de vinculação que se estabelece entre oração condicional (prótase ou oração hipotática) e oração principal (apódose ou oração núcleo). Para isso, faz-se necessário observar na literatura disponível como é concebido o processo de articulação de orações na linguagem. O próximo capítulo é dedicado a esse assunto.

¹⁰ P e Q representam respectivamente prótase (a oração condicional) e apódose (a oração principal).

3. PROCESSOS DE ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES¹¹

Um dos fenômenos que mais instigam os estudiosos da linguagem diz respeito a como duas ou mais orações podem se combinar para formar um construto maior: a oração complexa. Tal fenômeno, classificado, descrito e estudado por diversas abordagens, merece atenção especial neste capítulo, em que discorreremos sobre os processos de articulação de orações segundo três perspectivas diversas: a perspectiva tradicional, apresentada por gramáticas de cunho descritivo/normativo; a concepção funcionalista para combinação de orações, representada por Halliday (1985), Mathiessen & Thompson (1988) e Hopper & Traugott (1993) e a concepção cognitivista proposta por Croft (2001), nesta ordem.

Ressaltamos que empregaremos os termos *oração principal* e *oração subordinada* sempre que eles forem utilizados pelos autores, o que não significa necessariamente que é esta a denominação adotada neste trabalho. Geralmente o rótulo principal e oração subordinada condicional usados em referência aos constituintes de um período composto por subordinação estão associados a uma aproximação da concepção tradicional da relação entre orações.

3.3.1. A ABORDAGEM DAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

Iniciamos nossa discussão a respeito dos processos de vinculação de orações a partir da concepção tradicional representada pelas gramáticas de língua portuguesa e de língua russa. O termo “tradicional” se deve ao fato de tais obras, de cunho descritivo/normativo, prescreverem o padrão de fala e escrita do seu respectivo idioma.

¹¹ Ressaltamos aqui que no decorrer do trabalho utilizamos intercambiavelmente os termos articulação de orações, vinculação de orações e combinação de orações.

3.3.1.1 TRADIÇÃO GRAMATICAL BRASILEIRA

Cunha & Cintra (1985), por exemplo, apresenta uma classificação apoiada em critérios sintáticos para a definição do período composto, o qual pode ser dividido em dois grupos, classificados abaixo:

- coordenação: as orações que integram o período composto têm sentido próprio, não funcionam como termos de outras orações e nem a elas se referem;
- subordinação: a oração principal não exerce nenhuma função sintática em outra no período. Já a subordinada exerce função sintática em outra oração no período, pois é dela termo ou parte de um termo.

No que diz respeito à coordenação, Cunha & Cintra fazem uma subdivisão entre orações coordenadas sindéticas, em que há a presença de conjunção interligando essas orações, e coordenadas assindéticas, em que não há conjunção. Quanto à subordinação, os autores fazem uma subclassificação em subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais, a depender da função da oração subordinada em relação à oração principal.

Embora adote a mesma perspectiva que Cunha & Cintra, Rocha Lima (1999) aponta para traços semânticos presentes na composição do período, que fazem, por exemplo, com que a ordem das orações coordenadas seja relativamente fixa para a transmissão de determinado sentido. Isso fica bem claro quando o autor apresenta o seguinte exemplo:

(1) Cheguei, vi, venci (p. 230)

Segundo Rocha Lima, a alteração da ordem das orações no período apresentado acima acarretaria mudança de sentido da informação transmitida. Para o autor, a tendência é de que as orações se dispõem “conforme o sentido e a sucessão lógica dos

fatos” (p. 231). Lança mão aí, indiretamente, do princípio da iconicidade para explicar essa tendência.

No que concerne à subordinação, porém, Rocha Lima mantém as mesmas propostas que Cunha & Cintra, divergindo em alguns pontos, como por exemplo, quando afirma que não existe objeto indireto em forma de oração, nomeando como orações completivas relativas aquelas que, segundo a NGB, seriam chamadas de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas. Além disso, Rocha Lima aceita a existência de orações adverbiais modais na forma reduzida.

Bechara (2005) lança mão de termos como hipotaxe, parataxe, período composto e orações complexas para tentar explicar de forma mais abrangente os processos de vinculação de orações. No entanto, como o próprio autor afirma, seu trabalho respeita “o peso da tradição” e retorna às bases já estabelecidas. O estudioso equipara a coordenação à parataxe e associa a subordinação ao termo oração complexa.

Embora mude a nomenclatura em alguns momentos, a concepção de Bechara acerca da subordinação ainda está muito integrada à perspectiva tradicional, havendo inclusive aquela classificação das orações segundo as funções que assume: orações que funcionam como um substantivo, orações que funcionam como adjetivos e orações que funcionam como advérbios. Entretanto, Bechara questiona a diferenciação entre completivas relativas e orações objetivas indiretas e a existência de orações adverbiais locativas e modais.

Se levarmos em conta as orações condicionais estudadas neste trabalho, veremos que a tendência dos gramáticos apresentados é a de classificar esse tipo de oração como aquela que integra um período composto por subordinação – segundo Cunha & Cintra (1985) e Rocha Lima (1999) – ou oração complexa – segundo Bechara

(2005) – no qual temos uma oração principal e uma oração subordinada adverbial condicional.

3.3.1.2. TRADIÇÃO GRAMATICAL RUSSA

Apresentando uma descrição dos processos de articulação de orações na língua russa, Pulkina & Zakhava-Nekrassova (1972) lançam mão do termo orações complexas para dar conta de qualquer relação estabelecida entre orações na sentença. As orações complexas seriam, para as autoras, divididas em dois grandes grupos: o das orações coordenadas e o das subordinadas. No primeiro grupo as orações podem se manifestar com a presença de conjunção unindo as orações, ou sem a presença de conjunções. As autoras não chegam a apresentar qualquer tipo de classificação quanto a esse fato. No segundo grupo, a descrição é feita com base em dois critérios: a função sintática que a oração subordinada assume diante da oração principal e a semântica da oração subordinada. Temos assim uma mescla entre critérios semânticos e sintáticos, sendo que em alguns momentos a descrição também é feita com base no elemento conectivo que introduz a oração subordinada.

No que se refere às orações condicionais, as autoras fazem uso dos dois primeiros critérios apresentados acima (sintaxe e semântica), quando as classificam como orações *subordinadas com subordinação condicional*, e fazem uso do último critério (tipo de elemento conectivo que introduz a subordinada) quando afirmam que é fácil identificar esse tipo de oração porque geralmente são introduzidas pela conjunção *iesli* (se).

Posição semelhante é adotada por Valgina (1978). Num manual dedicado à sintaxe da língua russa, a autora introduz junto à concepção russa de oração complexa uma classificação bipartida, em que as orações coordenadas seriam mais independentes

e as orações subordinadas seriam dependentes da oração principal. Ainda assim, Valgina propõe um outro grupo que não é totalmente distinto do das subordinadas, mas no qual há menor grau de dependência. Nesse subgrupo das subordinadas, a autora aloca aquelas orações que na tradição brasileira são chamadas de adverbiais. Para Valgina, nesse subgrupo de orações a oração principal seria independente, podendo existir sem a subordinada; mas a subordinada não existiria sem a principal. Nesse caso, sendo as condicionais um tipo de oração adverbial, seriam alocadas neste subgrupo, na medida em que a apódose, na ausência da prótase poderia existir independentemente. No entanto, quando vai classificar as orações, Valgina apresenta as mesmas concepções de Pulkina & Zakhava-Nekrassova, reproduzindo o discurso da tradição gramatical russa, classificando as condicionais como orações subordinadas com subordinação condicional (*slozhnopodtchinennye predlozhenia s pridatotchnymi uslovnymi*).

Dolenga (1961) em sua descrição da língua russa para estrangeiros, adota os mesmos critérios de Pulkina & Zakhava-Nekrassova (1972) ao se referir à relação entre duas ou mais orações como oração complexa. Também se assemelha as outras autoras, quando diferencia os processos de coordenação e subordinação. No entanto, diferencia-se delas ao apresentar uma classificação tripartida das orações subordinadas: substantivas – orações que assumiriam a função que um substantivo pode assumir tais como objeto direto, sujeito etc. – adjetivas – aquelas que assumem a mesma função que um adjetivo pode assumir – e adverbiais – as que assumem a mesma função que um advérbio. Além disso, a autora não faz qualquer menção quanto à variedade de tipos de orações adverbiais e nem apresenta uma classificação baseada no uso das conjunções, ilustrando apenas uns poucos exemplos do que considera “orações adverbiais”.

Ao analisarmos as gramáticas tradicionais de língua portuguesa e língua russa, verificamos a convergência no que diz respeito à redução dos processos de vinculação

de orações à dicotomia coordenação/subordinação. De acordo com essa concepção, as orações que se articulam por coordenação são sintaticamente independentes e as orações subordinadas funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de uma oração principal.

O tipo de concepção apresentado acima não dá conta minimamente de todos os processos de vinculação que podem ocorrer entre orações nas línguas em questão. Temos aqui uma concepção restrita a prescrever e não a evidenciar todas as possibilidades de manifestação de processos de vinculação de orações. Se adotarmos uma perspectiva que busca explicar tais processos e não simplesmente prescrevê-los (ou simplesmente descrevê-los), veremos que o comportamento das línguas se dá de forma um tanto diferente. Nas próximas seções discutimos os processos de articulação de orações sob as perspectivas funcionalista e cognitivista, respectivamente.

3.3.2. ABORDAGEM FUNCIONALISTA

Diferentemente das classificações tradicionais, que costumam caracterizar o processo de vinculação de orações de forma binária, a perspectiva funcionalista propõe abordagens variadas para esse tipo de construção, o que sugere que este fenômeno é um pouco mais complexo do que a tradição descreve. Nesta seção, discutimos algumas abordagens funcionalistas para a análise do processo de articulação de orações e, no decorrer da discussão, apresentamos convergências e divergências entre os diversos estudiosos mencionados.

Segundo Halliday (1985), podemos investigar as formas como duas ou mais orações se articulam para formar uma oração complexa de acordo com dois sistemas distintos: o de *relações táticas* e o de *relações lógico-semânticas*.

No que diz respeito ao primeiro sistema de relações, podemos fazer uma distinção entre *parataxe*, ou seja, processo constituído por orações de mesmo estatuto, uma iniciando e outra (ou outras) continuando a sentença; e *hipotaxe*, isto é, a relação entre um elemento dependente e seu dominante. Ressaltamos aqui que Halliday diferencia tais processos daquele que nomeia encaixamento, relação em que uma oração funciona como constituinte de outra oração.

Em termos de hipotaxe, podemos verificar que as orações que constituem o complexo oracional apresentam mobilidade quanto à posição na sentença, uma vez que, como afirma Halliday, o que está em jogo nesse tipo de relação não é a ordem das orações, mas o fato de a oração dependente modificar a dominante. Assim podemos verificar nos exemplos abaixo:

Russo – Argumenty i fakty [06-06-2001]

(2.a) **Если в Иванов день (7 июня) выпадает обильная**
Iesli v Ivanov den' (7 iunya) vupadaet obil'naya
 Se PREP de Ivan dia 7 julho-GEN cair-PERF abundante

роса – ожидается ясный солнечный день
roca – *ozhidaet-sya yasnyi solnetchnyi den'*
 orvalho espera-REFL claro ensolarado dia.

Se no dia de Ivan (7 de julho) cair orvalho em abundância – espera-se dia claro e ensolarado.

(2.b) ожидается ясный солнечный день
ozhidaetsya yasnyi solnetchnyi den'
 espera-REFL claro ensolarado dia.

если в Иванов день (7 июня) выпадает обильная
iesli v Ivanov den' (7 iunya) vupadaet obil'naya
 se PREP de Ivan dia 7 julho-GEN cair-PERF abundante

роса
roca
 orvalho

Espera-se dia claro e ensolarado se no dia de Ivan cair orvalho em abundância.

Português – O Globo [10-05-04]

- (3.a) *Se o governo não botar urgentemente um fim a essa ciranda*, não vai sobrar ninguém para contar a história no final.
- (3.b) Não vai sobrar ninguém para contar a história no final, *se o governo não botar urgentemente um fim a essa ciranda*

Quanto ao segundo sistema, o de relações lógico-semânticas, Halliday faz a distinção entre *Expansão* e *Projeção*. No que diz respeito ao primeiro item, em que a oração secundária expande a oração primária, o autor faz uma subdivisão entre *elaboração* (retomada/especificação da informação já apresentada na primeira oração), *extensão* (a expansão de sentido da informação) e *realce* (adição de conteúdo circunstancial à informação). Quanto ao segundo item, a *projeção*, a oração secundária é projetada pela oração primária, por meio de uma *locução* ou uma *idéia*.

Em termos da relação semântica *realce*, verificamos que sua combinação com a hipotaxe resulta nos tipos de orações tradicionalmente nomeadas de subordinadas adverbiais e adjetivas explicativas (Halliday 1985:235), podendo se manifestar de forma finita ou não-finita. Neste trabalho, lidamos com as orações condicionais finitas que se alocam no campo das adverbiais, segundo a tradição, e cuja presença de conectivo serve tanto para marcar a dependência (hipotaxe), como para expressar o conteúdo circunstancial (condicionalidade). Aqui observamos especificamente as construções condicionais com o conectivo “se”, em português, e “*iesli*”, em russo como é possível comparar nos exemplos abaixo:

Russo - Izvestia [06-07-2006]

- | | | | | | | | |
|-----|--------------|----|------------|---------|-------|----------|----------|
| (4) | <i>Если</i> | ты | срубил | дерево, | то | вместо | него |
| | <i>Iesli</i> | ty | srubil | derevo, | to | vmesto | nego |
| | se | tu | cortar-PAS | árvore, | então | em lugar | dele-GEN |

должен	посадить	два	новых.
doljen	posadit'	dva	nov-ykh.
dever	plantar	duas	novas-GEN

Se você cortou uma árvore, então em seu lugar deve plantar outras duas.

Português - JB [02-06-03]

- (5) **Se entendemos fundamental que tenhamos um órgão que controle e fiscalize o Poder Judiciário**, esse órgão, ao se desviar de suas finalidades, estaria a requerer a existência de órgão que lhe seja superior.

Nos exemplos apresentados é possível identificar, no que diz respeito à relação tática, a presença de um elemento dominante, a oração núcleo, e o seu dependente, a oração hipotática (em negrito). Quanto à relação lógico-semântica estabelecida entre as orações apresentadas, podemos perceber que a oração hipotática adiciona o conteúdo circunstancial de condição à informação contida na oração núcleo, modificando a compreensão do enunciado como um todo. Assim temos a relação lógico-semântica de realce, que também é expressa pelo conectivo condicional em ambas as línguas.

Posição semelhante assumem Mathiessen & Thompson (1988), para quem as orações também se articulam por meio de *parataxe* e *hipotaxe*. Assim como Halliday (1985), os autores diferenciam o *encaixamento* dos processos de combinação de orações.

Focalizando especificamente o processo que Halliday (1985) nomeia como *hipotaxe de realce*, Mathiessen & Thompson (1988), defendem que, para se explicar as relações existentes neste tipo de combinação, é necessário recorrer aos atos retóricos que subjazem à elaboração do texto em que a oração complexa aparece. Para isso, os autores apresentam algumas relações discursivas que se estabelecem entre os atos retóricos, dentre as quais a relação *núcleo-satélite* e a relação *lista*, cuja distinção seria essencial para a compreensão do funcionamento das orações no discurso. Na primeira, há um vínculo hierárquico entre os elementos, sendo o *satélite* um elemento periférico;

na última, tal vinculação não ocorre. Logo depois, fazem uma associação entre *lista* e as orações paratáticas e entre *núcleo-satélite* e as hipotáticas.

É importante observar que a hipótese de Mathiessen & Thompson é que os processos de combinação de orações representam uma gramaticalização dos processos de combinação dos atos retóricos. Dentre as propriedades que os autores citam para ilustrar essa hipótese, estão o uso da oração hipotática, as marcas gramaticais e a ordem¹².

Podemos exemplificar o que foi discutido por Mathiessen & Thompson com orações condicionais do português, extraídas de Gryner (1990:15):

(6) “*Se correr, o bicho pega.*”.

(7) “*Corre, o bicho pega.*”.

É possível perceber que, no que tange às marcas gramaticais, orações como (6), que se relacionam por meio de hipotaxe, tendem a apresentar marcas morfológicas específicas, como a presença de conjunção e a concordância de tempo e modo em suas orações. Quanto à ordem desse tipo de oração, podemos perceber uma maior maleabilidade já que a noção de condicionalidade se preserva mesmo que a posição das orações seja alterada, como acontece em (8). Em se tratando das orações que se relacionam por parataxe (que se apresentam como *lista*), como em (7), a troca da posição acarretaria a diluição da noção de condicionalidade, o que mostramos em (9), isto é, se trocássemos a ordem de (7), não teríamos mais a idéia de condição, o que não acontece se trocarmos a posição das orações em (6).

(8) “*O bicho pega, se correr.*”

(9) “*O bicho pega, corre.*”

¹² No entanto, se a *hipotaxe* em inglês pode ser encarada como a gramaticalização de unidades retóricas, então talvez o processo de vinculação de orações possa diferir ou se assemelhar em outras línguas e, por isso, os autores sugerem que uma investigação translingüística desse tipo de fenômeno e da sua organização no contexto discursivo seria interessante.

Esse fato nos remete à questão evocada acima quando relacionamos a ordem das orações à iconicidade. Devido à ausência de qualquer marca formal que evidencie a relação de condicionalidade na construção, as orações paratáticas que apresentam leitura condicional dependem muito mais da ordem do que as hipotáticas.

Nesse sentido, o trabalho de Halliday e Mathiessen & Thompson dialogam. Pelo fato de as orações que se vinculam por hipotaxe terem como função discursiva básica a relação núcleo-margem (ou satélite), a ordem dessas orações não é importante para a manutenção da idéia de condicionalidade, mas sim o seu próprio vínculo (hipotaxe) atrelado à relação semântica estabelecida. A ordem, aqui, segundo os autores, servirá a funções discursivas no texto, mantendo a coesão.

É interessante ressaltar que o fato de a mudança na posição não alterar a noção de condicionalidade não quer dizer necessariamente que a variação posicional seja livre de qualquer sistematização. Assim, neste trabalho, é necessário verificar em que grau a escolha da posição da oração condicional em relação à núcleo está atrelada a fatores de ordem formal e semântico-pragmática.

Os trabalhos mencionados acima se relacionam diretamente com o de Hopper & Traugott (1993). Para os autores, propor uma relação tripartite para o processo de vinculação de orações significa romper com duas tradições, a primeira no âmbito da interdependência das cláusulas cuja classificação é baseada em processos de coordenação e subordinação, e a segunda no âmbito da presença ou não de conectivo, cuja classificação esteve por muitos anos relacionada aos rótulos parataxe e hipotaxe.

Assim, Hopper & Traugott propõem, assim como Halliday e Mathiessen & Thompson, hipotaxe e parataxe como processos de vinculação de orações que se distinguiriam pelo traço mais ou menos dependência, respectivamente, sendo que ambos os processos apresentam o traço menos encaixamento. No que diz respeito a este

último, os autores propõem a subordinação, cujos traços característicos seriam mais dependência e mais encaixamento.

A partir de uma perspectiva calcada nos estudos do fenômeno da gramaticalização, Hopper & Traugott propõem que as estratégias de combinação de orações sejam dispostas em uma espécie de *continuum* com a identificação entre estruturas menos dependentes e estruturas menos gramaticalizadas, por um lado, e estruturas mais dependentes e/ou mais encaixadas e mais gramaticalizadas, por outro lado. Para ilustrar essa perspectiva, os autores apresentam o quadro abaixo.

Parataxe	Hipotaxe	Encaixamento
- dependência	+dependência	+dependência
-encaixamento	- encaixamento	+encaixamento

Quadro 1. Quadro dos processos de vinculação de orações segundo Hopper & Traugott (1993)

Se observarmos mais atentamente os processos de combinação de orações sob a ótica do Funcionalismo Lingüístico, perceberemos que há grande convergência no que se refere à constatação de que a classificação binária coordenação/ subordinação não dá conta de todas as formas com as quais duas ou mais orações podem se articular para a constituição do período. Embora haja certa variação na perspectiva, análise e foco entre as abordagens apresentadas, devemos ressaltar a importância que o termo *hipotaxe*¹³ assume para o presente trabalho, uma vez que identificamos a relação entre oração hipotática condicional e oração núcleo (ou principal) como uma relação entre um elemento dependente e seu dominante, respectivamente.

3.3.3. ABORDAGEM COGNITIVISTA

A partir de uma abordagem cognitivista, Croft (2001) também propõe um *continuum* entre coordenação e subordinação, contrapondo-se à visão tradicional para a

¹³ É importante verificar que o termo hipotaxe neste trabalho é assumido nos termos funcionalistas e não de acordo com a perspectiva tradicional.

abordagem das orações complexas. Embora proponha as mesmas quatro categorias observadas na tradição gramatical, a saber, coordenadas, subordinadas substantivas, subordinadas adverbiais e subordinadas relativas, o autor acredita que entre elas existem *continua* de interligação, representados por construções tais como verbos seriais, orações paratáticas, complementos de fala, orações relativas adjuntas, orações relativas internamente nucleadas, estruturas de co-subordinação e orações de finalidade. Além disso, o autor fundamenta sua análise numa perspectiva tipológica, tentando identificar como o processo de vinculação de orações se caracteriza em quantidade considerável de línguas do mundo¹⁴.

Apresentando, então, uma análise tipológica das orações complexas, Croft (2001) propõe que tais orações podem ser organizadas num espaço conceptual definido pela distinção da Gestalt feita entre construções de figura-fundo e figura complexa, assim como as propriedades de elaboração nomeadas pelo autor de *e-site* (o que corresponde a uma variável argumental numa representação de predicado). Aqui é proposta também uma hierarquia de dessentencialização, na qual, segundo Croft (2001) as formas verbais de sentenças complexas manifestam-se de maneira diferente das formas verbais de uma oração principal, podendo apresentar uma das características enumeradas abaixo:

- (i) eliminação de marcas de tempo, modo e aspecto, ou uso de formas especiais distintas das utilizadas na oração principal;
- (ii) eliminação das marcas de concordância geralmente usadas em orações principais ou uso de formas distintas das nelas utilizadas;
- (iii) a presença de um morfema especial preso ao verbo que indicaria a

¹⁴ É interessante verificar aqui que Lehmann (1986), numa perspectiva funcionalista, também busca atribuir ao seu trabalho um caráter tipológico, na medida em que investiga o processo de vinculação de orações em certa quantidade de línguas distintas. Lehmann assim como Croft acredita que entre coordenação e subordinação há uma espécie de continuum, o qual pode ser identificado de acordo com uma série de traços.

subordinação.

A hierarquia de dessentencialização, segundo Croft, se conformaria aos universais de marcação tipológica, o que nos permitiria reduzir o espaço sintático a uma dimensão que pode ser mapeada no espaço conceptual em termos de interação semântica. Essa concepção pode ser aplicada tanto ao encaixamento como à fusão de orações¹⁵, pois, de acordo com Croft, a integração semântica motiva iconicamente esses processos.

Considerando as orações condicionais, podemos perceber que pelo menos a primeira das características apresentadas acima para a hierarquia de dessentencialização constitui uma tendência nesse tipo de oração em português, já que muitas vezes o tempo e o modo expresso no verbo da oração condicional não são os mesmos do verbo da oração principal, mas são determinados pelo tempo e modo da oração núcleo. Entretanto, isso não quer dizer que seja uma regra inerente às construções condicionais, uma vez que temos exemplos como (8) do russo, em que o tempo e o modo dos verbos da oração principal e condicional são os mesmos e precisam ser os mesmos para expressar a noção de contrafactualidade.

Russo – Izvestia [21-08-03]

(10)	Если <i>бы</i>	мужчинам	в	Иране	разрешали	носить	
	Iesli by	muchinam	v	Irane	razrechali	nossit'	
	Se cond	homens-dat	em	Iran-prep	permitir-pass-pl	usar-inf	
	галстук,	мировое	сообщество	не	волновалось		
	galstuk,	mirovovoe	soobchestvo	ne	volnovalos		
	gravata	mundial	comunidade	não	agitar-se-pass-n		
	<i>бы</i>	столь	неутолимо	по	поводу	иранской	атомной
	by	stol'	neutolimo	po	povodu	iranskoi	atomnoi
	cond	tão	insaciável	por	causa	iraniano-GEN	atômico-GEN

¹⁵ Termo adotado por Croft (2001) para se referir aos processos de vinculação de orações.

программы.
programy
programa-GEN

Se permitissem aos homens no Iran usar gravata, a comunidade mundial não se agitaria de forma tão insaciável por causa do programa atômico iraniano.

Podemos verificar com o exemplo apresentado que o tempo e o modo (no caso do russo, indicativo) dos verbos da oração condicional e da oração núcleo são os mesmos. Além disso, devemos perceber também que em ambas as orações há a partícula *by*, responsável por exprimir o modo *irrealis* da construção condicional apresentada.

Retomando a afirmação de Croft sobre a redução do espaço sintático a uma dimensão mapeada semanticamente, podemos perceber que a Gramática Cognitiva não reconhece a sintaxe como um nível de organização lingüística distinto. A combinação de palavras em configurações maiores é assumida não por um componente sintático da gramática, mas em termos de construções (cf. Taylor 2002:561)¹⁶.

Neste trabalho, em que tratamos das orações condicionais em russo e em português, consideramos a associação entre oração núcleo e oração condicional como uma construção, analisável em partes componentes, que constituem outras construções. Assim, quando observamos a variação posicional, estamos considerando a construção “oração hipotática condicional” e sua ordem em relação à construção “oração núcleo”, construções que juntas e em variadas posições compõem o que nomeamos neste trabalho de construção condicional.

¹⁶ Para Goldberg (1995, 2003), as construções são pareamentos de forma e função, que incluem morfemas, palavras, expressões. Qualquer padrão lingüístico pode ser reconhecido como uma construção, desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir de suas partes componentes ou de outras construções existentes. Segundo Taylor (2002), o conceito de construção é mais amplo: uma construção pode ser encarada como qualquer estrutura lingüística analisável em partes componentes.

3.4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste capítulo estudamos os processos de articulação de orações sob diversas perspectivas. Verificamos, no decorrer do texto, que algumas delas se diferenciam em maior ou menor grau da tradição gramatical das línguas naturais, que geralmente propõem classificações binárias (coordenação e subordinação) para as orações complexas. Posição adotada por quantidade considerável de estudiosos é de certa forma a defendida por Halliday (1985), no que se refere à distinção feita entre *parataxe*, *hipotaxe* e *encaixamento*¹⁷.

Foi possível perceber também que algumas dessas abordagens concebem a existência de um *continuum* entre os mecanismos de combinações de orações, cujos rótulos se assemelham aos rótulos adotados pelas gramáticas tradicionais, como é o caso de Croft (2001).

Além das concepções acima mencionadas, também verificamos, principalmente com Mathiessen & Thompson (1988), que as orações que se relacionam por meio de hipotaxe de realce, ou seja, as tradicionalmente conhecidas como orações adverbiais¹⁸, devem ser estudadas em seu contexto discursivo, pois assumem funções no processo de estruturação do texto, enriquecendo-o e dando a este coesão.

Foi visto também que as orações complexas de condição podem ser analisadas como construções, nos termos da Linguística Cognitiva, por constituírem um pareamento forma/função analisável em partes componentes (Taylor 2002).

Tendo apresentado as concepções existentes no que se refere ao estudo dos processos de vinculação de orações, assim como apresentado a maneira como delimitamos o processo de vinculação das orações que constituem a construção

¹⁷ Faz-se necessário ressaltar que mais adiante Hopper & Traugott (1993) defendem a mesma perspectiva, atribuindo o nome de subordinação ao que Halliday chama de encaixamento.

¹⁸ Ressaltamos aqui que a hipotaxe não inclui apenas as orações que segundo a gramática tradicional são nomeadas como subordinadas adverbiais, mas também as conhecidas como subordinadas adjetivas explicativas.

condicional, podemos agora restringir os nossos estudos a essa construção e a maneira como ela vem sendo tratada pelas vertentes lingüísticas.

4. AS CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS

O fenômeno da condicionalidade chama a atenção dos estudiosos de diversas áreas do conhecimento já há bastante tempo, talvez por possibilitar a veiculação de significados diversificados e, em certo grau, ricos em subjetividade. A vasta bibliografia a respeito desse fenômeno não só confirma essa afirmação, mas como já afirmado anteriormente também gera uma série de discussões interessantes acerca deste tópico de investigação.

Os estudos acerca das construções condicionais foram calcados, num primeiro momento, na concepção lógica de “implicação material” de construções com o conectivo “se”, fundamentada na idéia de valor-verdade, apresentada na tabela abaixo:

P	Q	P → Q
V	V	V
V	F	F
F	V	V
F	F	V

Quadro 2. Relação entre os valores-verdade que definem a implicação material¹⁹.

A partir da tabela de relações de valor-verdade apresentada, podemos chegar às seguintes conclusões, expressas também em Haiman (1978):

- (a) um antecedente falso não prejudica o valor-verdade da condicional;
- (b) um conseqüente verdadeiro também não altera o valor-verdade da construção;
- (c) uma condicional verdadeira pode ser construída a partir de duas declarações quaisquer.

Em termos de lógica, uma condicional só é falsa quando *só* o seu conseqüente é falso. Na tentativa de defender a noção de implicação material como a descrição

¹⁹ P equivale a prótase, q equivale a apódose, v equivale a verdadeiro e f equivale a falso.

apropriada para as orações condicionais com “se” em línguas naturais, muitos estudiosos de lógica propõem exemplos tais como (9) extraído de Haiman (1978:578):

(11) Se Hitler foi um gênio de guerra, eu sou o tio de um macaco.²⁰

Entretanto, como afirma Sweetser (1990:113), falantes de línguas naturais parecem requerer mais do que valores-verdade apropriados para aceitar uma condicional como bem formada: eles requerem uma conexão entre as duas orações, pois línguas naturais usam condicionais para falar sobre coisas relacionadas. Até Ducrot (1977), ao fazer uma comparação entre o uso de empregos “marginais” dessa construção (aqueles de difícil compreensão sob a ótica da implicação material) e os empregos “standard” (os tão considerados pela lógica) afirma que estes últimos são menos frequentes em relação aos primeiros.

Com isso, estudos baseados no uso real que falantes de línguas naturais fazem das construções condicionais vêm contribuindo para grandes descobertas acerca desse tipo de construção. Neste capítulo discutimos a literatura relevante para o estudo das condicionais no presente trabalho, sob um enfoque baseado no uso.

Optamos por discutir o trabalho de Ducrot (1972) inicialmente, por se tratar de um dos primeiros trabalhos que buscam abranger o uso das condicionais de forma diferente da descrição lógica, a qual defende que a relação semântica entre as orações que compõem a construção condicional não é necessária.

Ao realizar um estudo sobre a suposição e a pressuposição, Ducrot sugere que, nas construções condicionais com o conectivo *se*, existe uma série de empregos nomeados de “marginais”, devido a sua difícil compreensão, se observados do ponto de vista da implicação material. Para Ducrot, a compreensão desses tipos se torna mais simples se entendermos que o “se” marca, basicamente, a realização de dois atos de fala

²⁰ No original “If Hitler was a military genius, I’m a monkey’s uncle.”

sucessivos. Assim, são enumerados quatro tipos “marginais”²¹:

- “se positivo” (parafrazeado por “se é verdade que”)

(12) Se ele tem inteligência, não tem nenhuma bondade.

No exemplo acima, “ter inteligência” não implica “não bondade” Segundo o autor, a oposição se situa apenas no nível das conseqüências que tiramos quanto ao valor da personagem (Ducrot 1972:186).

- “se contrastivo”

(13) Se o Jardim da Luz é o pulmão de São Paulo, a Praça da República é o coração.

Neste emprego, as proposições postas em paralelo não se opõem nem pelo conteúdo, nem por suas conseqüências. Para Ducrot, elas se opõem apenas pela sua caracterização formal.

- (c) “se pressuposicional”

(14) Se Pedro estiver em Campinas, certamente ali permanecerá.

Neste uso de *se*, a oração condicional é apresentada como pressuposto sob a forma de hipótese, em relação à oração principal.

- (d) “se de Austin”

(15) Se você estiver com sede, há cerveja na geladeira.

Aqui não há nenhuma pressuposição específica, de maneira que a suposição destina-se a apresentar uma informação interessante ao interlocutor. Neste exemplo fica clara a inexistência de implicação material entre as orações, pois, de acordo com Ducrot, se aqui fizermos uma contraposição, teremos um resultado estranho:

²¹ Os exemplos apresentados como “marginais” encontram-se na tradução de Ducrot (1972), realizada por Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa Attié Figueira.

(16) Se não há cerveja na geladeira, é porque você não está com sede.

É possível verificar que os exemplos de condicionais apresentados acima se distanciam da concepção lógica de valor-verdade. A veracidade da construção não depende do valor verdade contido em prótase e apódose. No entanto, embora Ducrot (1977) apresente uma investigação relacionada a um plano mais discursivo das construções condicionais, podemos dizer que ele não se afasta completamente da concepção lógica predominante nos estudos desse tipo de construção. É somente com Haiman (1978) que vemos um tratamento realmente discursivo das condicionais.

Segundo Haiman, nem lingüistas e nem filósofos haviam sugerido uma explicação coerente para as condicionais de línguas naturais, de maneira que a única forma de identificação dessas construções seria a sua forma superficial: a presença do conectivo mais comum, o *if*, no caso do inglês, e conjunções correspondentes, no caso de outras línguas, a ordem vocabular, a desinência verbal, etc.

Ao estudar Hua, uma das línguas de Papua Nova Guiné, Haiman percebeu algumas características que aproximavam o funcionamento das condicionais do funcionamento de tópicos discursivos, exibidas abaixo.

1. As marcas características de condicionais e as de tópico são idênticas em diversas línguas (como hua, uma das línguas de Papua Nova Guiné);
2. Ambas são idênticas a uma terceira categoria, a interrogativa.
3. As marcas características de condicionais e tópicos podem ser distintas, no entanto, parafraseáveis uma pela outra.

A partir de uma série de evidências baseadas na forma “superficial” das condicionais em diversas línguas do mundo, tais como a semelhança entre conjunções condicionais e marcas de tópico, condicionais e tópicos como construções deslocadas

para a margem esquerda, e a semelhança entre as marcas de condicionais, tópico e interrogativas sim/não, Haiman (1978) afirma, em um trabalho inovador, que as condicionais funcionam como tópico das construções em que ocorrem, pois assim como os tópicos as condicionais são dados que constituem a moldura de referência a partir da qual a oração principal é verdadeira (se for uma proposição), ou adequada (se não for). Assim, se levarmos em consideração as definições de tópico adotadas em seu trabalho, perceberemos que Haiman caracteriza as proposições sinalizadas pelas condicionais como conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte.

Nesse sentido, Haiman contribui explicitamente para a formulação de um protótipo para as condicionais, as quais apresentam como traço comum a sua estrutura informacional e não a sua estrutura lógica. No entanto, Sweetser (1990) acredita que as condicionais são mais complexas do que Haiman sugeriu.

A partir de uma abordagem cognitivista, Sweetser elabora uma série de questões quanto ao trabalho de Haiman (1978). A primeira delas diz respeito à relação direta entre condicionais e tópicos: uma vez que há similaridade suficiente entre essas duas categorias, qual a conclusão que é possível tirar a partir disso? E quanto a outras supostas características das condicionais lingüísticas, tais como hipoteticidade da prótase e a ligação nebulosa entre condicionalidade e causalidade? Outra questão é se as condicionais em hua são realmente tópicos, seria também este o caso do inglês (ou de outras línguas)? Pois o próprio Haiman afirma que Hua codifica a categoria de contrafactuais de forma diferente do inglês e que a maioria dos gramáticos do inglês considera como atípicas as construções condicionais parafraseáveis por “*dado que*”, muito comuns em hua.

Em seu trabalho, Sweetser estuda, entre outros itens, construções condicionais e afirma que a conjunção *if* que introduz esse tipo de oração pode possibilitar leituras em

três domínios semântico-pragmáticos distintos, a saber, o domínio de conteúdo, o domínio epistêmico e o de ato de fala.

No primeiro desses domínios, o de conteúdo, a conjunção *if* indica que a realização do evento descrito na prótase é uma condição suficiente para a realização do que é apresentado na apódose. Exemplos de condicionais de conteúdo são expressos em (17) e (18):

Russo Argumenty i Fakty [06-06-2001]

(17)	если вы принесете на почту документ,						
	iesli vy prines-iote na potcht-u dokument,						
	se 2PL trazer-2PL PREP correio-AC documento						
	подтверждающий ваше отсутствие в Москве в						
	podtverjda-iuch-i vache otssutstvie v Moskve v						
	confirmar-PPA-M POS.2PL ausência PREP Moscou-PRP PREP						
	этот период времени (справка с места						
	etot period vrem-eni (spravka s mest-a						
	esse período tempo-GEN (certificado PREP lugar-GEN						
	работы о командировке, билеты), плата						
	rabot-y o komandirovk-e, bilet-y), plata						
	trabalho-GEN PREP missão-PRP bilhete-PL pagamento						
	за хранение не взимается.						
	za khranenie ne vzimai-et-sia.						
	PREP depósito NEG cobrar-3SG-REF						

Se você trazer para o correio documento que confirme sua ausência em Moscou neste período de tempo (certificado do local de trabalho sobre a missão, passagens) não é cobrada a taxa de depósito.

Português EXTRA [12-03-05]

(18) Se for aprovado, o veterano jogador assinará contrato até o fim do Carioca.

O exemplo (18) implica que se o estado de coisas do mundo real inclui a aprovação do jogador, então incluirá também a assinatura do contrato até o fim do campeonato carioca. Nesse caso, a conexão entre antecedente e conseqüente pode ser

causal, ou seja, temos aqui um evento acarretando outro na construção. O mesmo ocorre em (17), em que a apresentação de qualquer documento implica, causa o não pagamento de determinada taxa.

Diferente comportamento apresentam as condicionais epistêmicas. Nesse tipo de construção, Sweetser afirma que a conjunção condicional expressa a idéia de que o conhecimento da verdade da premissa hipotética é uma condição suficiente para se deduzir a verdade da proposição expressa na apódose. Em outras palavras, o que é afirmado na apódose é inferível a partir do que é apresentado na prótase. Considerem-se os exemplos (19) e (20):

Russo – Argumenty i Fauty [06-06-01]

(19) если идет реставрация — значит, закрыто для
iesli id-iot restavratsiia – znatch-it, zakryt-o dlia
se ir-3SG restauração – significar-3SG fechado-PA PREP
посещений.
possecheni-i.
visita-GEN.PL

Se estão restaurando – significa que está fechado para visitas.

Português – O GLOBO [07-09-03]

(20) se há uma guerra declarada nas ruas, "a polícia está ganhando"

No exemplo (20) a afirmação de que a polícia está ganhando é uma inferência a partir da premissa de que há uma guerra nas ruas. Não se verifica nesse caso qualquer leitura causal, ou seja, o fato de haver uma guerra nas ruas não provoca ou favorece a vitória da polícia. Se observarmos o exemplo (19), verificaremos situação semelhante na medida em que se ocorre restauração de algum lugar, certamente este lugar estará

fechado à visitação.

Outro tipo de construção apresentado por Sweetser é a condicional de ato de fala. Nesse domínio, o ato de fala representado na apódose está condicionado ao preenchimento do estado de coisas descrito na prótase, isto é, ele capacita o ato de fala que se segue. No exemplo (21), o fato de o leitor contar com a ajuda de remédios gratuitos capacita, possibilita o escritor aconselhar como agir diante do médico durante a consulta. No exemplo (22), o fato de o Iraque sustentar que não possui armas de destruição em massa capacita ou possibilita perguntar por que o país não aceita o regresso de inspetores, para a solução do problema.

Russo – Argumenty i Fakty [04-04-2001]

- (21) Если вы рассчитываете на бесплатное лекарство, то
iesli vy rasstchityvaiete na besplatnoe lekarstvo, to
se 2PL contar-2PL PREP gratuito remédio, então
- на приеме у врача не стесняйтесь
na priem-e u vratch-a nie stesnia-i-t-es
PRER recebimento-PRP PREP médico-GEN NEG envergonhar-IM-2PL
- задавать ему вопрос-ы, но не диктуйте ему
zadavat' iemu voprosy no nie diktuite iemu
fazer 3SG.DAT pergunta-PL, mas NEG ditar-IM-2PL
3SG.DAT
- при этом "как надо" лечить.
pri etom "kak nado" letchit'.
PREP isso-PRP como preciso tratar.

Se você conta com o remédio gratuito, então na consulta com o médico não se envergonhe de fazer-lhe perguntas, mas não dite para ele como é preciso tratar.

Português - O GLOBO [12-08-02]

- (22) Se o Iraque sustenta que não possui armas de destruição, por que não aceita o regresso dos inspetores para esclarecer o assunto?

A leitura de Sweetser (1990) focaliza o plano de interpretação pragmática das

condicionais e caminha paralelamente aos estudos que priorizam a investigação das proposições codificadas pela prótase e pela apódose numa construção condicional, o que é descrito por Mateus et. alii (1986) e investigado mais detalhadamente por Gryner (1990, 1995, 2003).

Em se tratando das proposições expressas na prótase e apódose podemos identificar, basicamente, três tipos de condicionais: *factuais*, *potenciais* (ou *hipotéticas*) e *contrafactuais*.

Segundo Mateus et alii, condicionais factuais se remetem a uma situação do mundo real que ocorre ao mesmo tempo que a enunciação, como podemos conferir nos exemplos (23) e (24):

Russo [Pulkina 1974:356]

- (23) Если дождь идет, все становится мокро.
Iesli dojd' id-iot, vsio stanov-it-sya mokro.
COND chuva ir-3SG tudo tornar-3SG-R molhado.
Se chove, tudo fica molhado.

Português [Mateus et alii, 1986:706]

- (24) Se está bom tempo, ficamos bem dispostos.

Quanto ao exemplo (23) é possível inferir que sempre que chove, tudo fica molhado. No caso de (24) verificamos que o carácter geral da proposição expressa pela prótase nos permite concluir que sempre que está bom tempo ficamos bem dispostos, fato indicado não só pelo conteúdo da proposição, mas também pelas formas lingüísticas veiculadas pelos verbos da prótase e da apódose (presente do indicativo).

Nas orações condicionais potenciais (ou hipotéticas), assume-se a possibilidade do que é descrito na prótase, ou seja, verifica-se que a proposição expressa na prótase representa um mundo possível, criado lingüisticamente pelo enunciado, epistemicamente não acessível no intervalo de tempo da enunciação, como é possível

verificar nos exemplos abaixo:

Russo – Izvestia [29-06-2001]

- (25) Если ты не отправишь его дальше,
Iesli ty ne otravi-ch' ego dal'che
se 2SG NEG enviar.PERF-2SG 3SG adiante

ничего не случится.
nitch-ego ne slutchi-t-sya
nada-GEN NEG acontecer.PERF-3SG-RFLX

Se você não levar adiante, nada acontecerá.

Português – JB [21-02-2002]

- (26) Se o governo não botar urgentemente um fim a essa ciranda, não vai sobrar ninguém para contar a história no final.

É possível verificar, com os exemplos apresentados acima, que as orações condicionais potenciais também apresentam marcas formais, tais como o futuro em russo (*otpravich* e *slitchitsya*) tanto em prótase como em apódose. No português, marcas formais que caracterizam as condicionais potenciais também estão presentes, a saber, o futuro do subjuntivo (*botar*) em prótase e o futuro do indicativo na apódose (*vai sobrar*).

Além disso, temos também aqueles tipos de construção condicional em que se considera a impossibilidade do acontecimento de prótase e apódose, as chamadas condicionais contrafactuais, como ilustram os exemplos (27) e (28):

Russo – Izvestia [05-09-2001]

- (27) А если бы мы хотели продать коня, мы
А iesli by my khote-l-i prodat' kon-ya my
Mas COND IR 1PL querer-P-PL vender cavalo-AC 1PL

бы	сделали	это	сразу	после	Олимпиады,	когда
by	sdela-l-i	eto	srazu	posle	Olimpiady	kogda
IR	fazer-P-PL	PRO	logo	PREP	olimpiada	quando

он	был	дороже.
on	byl	doroje.
3SG	ser-P	caro.

Se quiséssemos vender o cavalo, faríamos isso logo após as olimpíadas, quando estava caro.

Português O GLOBO [29-09-04]

- (28) Se tivesse sido aprovado, Lula teria sido afastado do cargo e poderia, mais adiante sofrer processo de impeachment.

Podemos verificar através dos exemplos apresentados acima que a inferência do conteúdo proposicional das orações de condição está relacionada também à combinação modo temporal entre os verbos de prótase e apódose. No russo temos a partícula *by*, responsável por determinar que aquilo que está sendo afirmado em prótase e apódose é irreal e, já em português, a combinação entre pretérito mais que perfeito do subjuntivo e futuro do pretérito do indicativo é responsável por realçar a noção de contrafactualidade da construção condicional.

Nesse sentido, Gryner (1990) busca argumentar que a escolha do tempo e modo dos verbos nas orações em condicionais hipotéticas está relacionada a diversos fatores, tais como paralelismo, linha de argumentação, experiencição, entre outros. A autora organiza uma amostra do português falado na cidade do Rio de Janeiro, considerando aspectos como localização da moradia dos falantes, faixa etária, escolaridade, etc. Assim, busca observar em que grau variáveis extralingüísticas influenciam a escolha do tempo e do modo dos verbos de prótase e apódose.

Em seu trabalho, Gryner verifica que há cinco graus de adesão do locutor ao conteúdo das proposições condicionais, sinalizados pela variação entre indicativo e

subjuntivo. Para a autora o presente do indicativo ocorre de forma categórica em condicionais *factuais*, mas há também a possibilidade de funcionamento em contextos variáveis que também admitem o futuro do subjuntivo, caracterizando o que Gryner classifica como condicionais *potenciais prováveis*. O futuro do subjuntivo em contextos variáveis – no qual também pode acontecer o presente do indicativo - indicaria o que a autora chama de condicionais *potenciais possíveis*. O imperfeito do subjuntivo ocorre em contextos quase categóricos caracterizando o que se chama de condicionais *contrafactuais improváveis*, mas, além disso, o imperfeito pode funcionar também de forma quase categórica nos contextos das condicionais *contrafactuais impossíveis*.

Ao investigar detalhadamente os grupos de condicionais potenciais, Gryner verifica que as potenciais possíveis, ou seja, aquelas que se manifestam sob a forma de futuro do subjuntivo, podem ser definidas negativamente por retratar conteúdos relacionados a fatos não vivenciados pelo locutor, com os quais o locutor não se sente envolvido. Além disso, para a autora, a persuasão se dá não pela referência a fatos concretos e conhecidos por todos, mas pela utilização de evidências indiretas, fatos ou considerações não associados a sujeitos objetivos.

No que se refere às condicionais potenciais prováveis, isto é, aquelas que se manifestam com o presente do indicativo, Gryner verifica que sua ocorrência está relacionada ao maior envolvimento do locutor. As evidências apresentadas pelo locutor são extraídas da sua vivência concreta e constituem uma confirmação direta do ponto de vista defendido por ele. Além disso, conclui que os traços contextuais associados ao presente do indicativo definem de forma contundente o que a gramática denomina o modo do “real”, da “certeza”, dos “fatos concretos” e “conhecidos”.

A perspectiva sócio-funcionalista de Gryner se associa em certo grau com a perspectiva cognitivista de Ferrari (1999), quando esta analisa a postura epistêmica do

falante em condicionais preditivas. A postura epistêmica se relaciona ao grau de associação ou dissociação por parte do falante/escritor quanto ao mundo descrito na prótase. Assumindo os pressupostos de Fillmore, Ferrari demonstra que em língua portuguesa podemos ter instância epistêmica negativa e neutra, em condicionais com o conectivo *se*. Nesse sentido, Ferrari analisa verifica como as combinações de tempo e modo contribuem para a identificação da postura epistêmica do falante/escritor em condicionais preditivas (de conteúdo).

Os trabalhos de Gryner e Ferrari são importantes para a presente dissertação, na medida em que verificamos em que grau a relação tempo modo e aspecto entre prótase e apódose influenciam a posição das condicionais numa seqüência textual.

Ainda numa perspectiva Cognitivista, temos a contribuição de Fauconnier (1985, 1994), com a *Teoria dos Espaços Mentais*, que, segundo Ferrari (1999:116), fornece um modelo geral para o estudo da interação entre conexões cognitivas e línguas naturais, apontando a provável universalidade do fenômeno de conexão entre domínios conceptuais no pensamento e na linguagem.

Segundo Fauconnier, espaços mentais são como modelos parciais ou locais de aspectos do conteúdo mental; não são como mundos possíveis, pois não são de natureza objetiva e não são necessariamente passíveis de descrição em termos de condições-verdade.

No que tange às construções condicionais, Ferrari (1999) salienta os argumentos de Fauconnier de que ao criarmos um espaço mental a partir de uma oração como “Se João tivesse vindo à reunião, eu estaria mais feliz”, não expressamos a idéia de que eu estaria mais feliz no mundo de forma geral (ou seja, no plano do mundo real), nem vislumbramos por isso um mundo diferente. O que temos é a focalização de uma porção limitada da estrutura do mundo: “cria-se um espaço no qual João veio à reunião, e as

outras estruturas locais (hora, local, etc.) provavelmente mantém-se as mesmas” (Ferrari 1999:116).

É na perspectiva dos espaços mentais que o trabalho de Dancygier & Sweetser (2000) se insere, no intuito de estudar as possibilidades de emprego das conjunções *if*, *since* e *because* como construtores de espaços mentais e a ordem das orações introduzidas por essas conjunções em inglês.

Dada a noção de espaço mental, as autoras questionam como ordenações diferentes nesses tipos de construções, entre oração principal e subordinada, interagem com a construção de um espaço mental. Dancygier & Sweetser sustentam que as construções condicionais em geral (não apenas as introduzidas por *se*) envolvem o uso convencional da ordem de expressões de antecedente e conseqüente e afirmam as autoras ser intuitivamente natural que a oração construtora do espaço deve preceder a oração que o elabora, ou seja, prótase precede apódose.

No entanto, em alguns contextos a prótase pode não preceder a apódose. Nesses casos, de acordo com as autoras, parece necessário que algum espaço de fundo (prévio) já tenha sido estabelecido para certificar que o ouvinte adicionará apódose ao espaço relevante.

É importante ressaltar que no caso das construções com “if”, Dancygier & Sweetser restringem o estudo às condicionais de conteúdo, pois uma das funções centrais desse tipo de construção seria a predição, daí denominarem esse tipo de condicional de preditiva. Quando estabelecemos uma relação condicional entre prótase e apódose, como em *Se chover não vou ao cinema*, o falante prediz o cancelamento da ida ao cinema com base na possibilidade de chuva. Nesse sentido temos aí, de acordo com os pressupostos de Fauconnier (1985), a criação de espaços mentais alternativos: um espaço em que há chuva e não se vai ao cinema, e outro espaço em que não há

chuva e se vai ao cinema. Para Dancygier (1992, apud. Ferrari 1999) condicionais epistêmicas e de ato de fala geralmente não são preditivas, pois não estabelecemos alternativas, quando realizamos um ato de fala condicionalmente, ou quando apresentamos um padrão de raciocínio.

Com isso, podemos tomar a definição de condicionais como tópicos (Haiman 1978), bem como a noção de que condicionais preditivas acionam espaços mentais como hipóteses relevantes para o presente trabalho, uma vez que lidamos com o fenômeno da variação posicional, muitas vezes explicado em termos de distribuição de informação no contexto, fator que se relaciona com essas duas noções. Cabe, no entanto, nos questionarmos também em que medida as condicionais de ato de fala e epistêmicas são explicáveis, no que concerne à posição, pela relação tópico/comentário (Chafe 1976, Prince 1980, Haiman 1978).

No que diz respeito à posição das condicionais no discurso, temos ainda os trabalhos de Neves (1999), Kobashi (2004) e Neves & Braga (1996), merecedores de atenção especial.

Também numa perspectiva funcional, Neves (1999) estuda as construções condicionais no português falado e busca interpretar seu uso em diversos níveis, seja no âmbito discursivo, semântico ou sintático. Para isso a autora leva em consideração diversos fatores para a análise, dentre os quais se destacam a posição das condicionais no discurso, o domínio e as proposições que permeiam prótase e apódose. No entanto, Neves não considera a hipótese de que as diversas posições da oração hipotática condicional na construção condicional podem apresentar diferentes significados, ou seja, servir a funções discursivas distintas, o que tentamos verificar no presente trabalho.

Seguindo a linha de investigação de Neves, Kobashi (2004) focaliza a posição

das orações condicionais no português popular falado na cidade de São Paulo. Com isso, o autor busca verificar o grau de integração entre oração núcleo e condicional, na medida em que propõe como foco de análise fatores tais como ordem das orações no período, presença ou ausência de conector conjuncional, nuance semântica expressa no período hipotético, relação modo temporal estabelecida entre condicional e núcleo, bem como a possibilidade de mudança da ordem dos constituintes que formam o período.

O trabalho é de relevância considerável, pois focaliza as ocorrências no português falado da cidade de São Paulo, amostra que abarca falantes analfabetos ou semi-analfabetos (que tenham cursado no máximo a quarta série primária). Tal contexto constitui ambiente de grande interesse para investigação, pois geralmente as condicionais são estudadas fora do contexto discursivo em que foram produzidas ou na produção oral e escrita de falantes com grau de escolaridade mais elevado.

Em seu trabalho Kobashi busca interpretar a função semântico-discursiva das condicionais de acordo com a posição que elas assumem no texto. O autor chega a alguns resultados bastante interessantes. Verifica que a ordem das orações condicionais não constitui um caso de variação lingüística em termos labovianos (duas ou mais maneiras de se dizer a mesma coisa, com o mesmo valor-verdade). Observa que a mudança da ordem das hipotáticas condicionais no período acarreta mudança semântica, seja pela diminuição da ênfase dada à condicional, seja pela adição de nuance semântica diversificada, como por exemplo, a possibilidade de condicionais postostas funcionarem como ressalva em muitos dos casos.

Neves & Braga (1998) analisam não apenas o estudo das construções condicionais, mas também das orações de tempo, sob uma perspectiva funcional no português falado. Neste trabalho, as autoras examinam a correferencialidade e formas de expressão dos sujeitos em prótase e apódose em suas correlações com a ordem das

orações, com vistas a verificar o grau de gramaticalização das construções de tempo e condição.

No que se refere a trabalhos que objetivam investigar o grau de gramaticalização em construções condicionais, temos também a contribuição de Hirata-Vale que aborda as construções condicionais não prototípicas, ou seja, aquelas de difícil classificação por parte da tradição. Em seu trabalho, Hirata-Vale conclui que a noção semântica de condicionalidade pode ser expressa não apenas por construções canônicas sob a forma “se P, Q”, mas por diversos outros tipos de construções, tais como aditivas, disjuntivas, justapostas e temporais, e argumenta, diante disso, que entre essas construções não há uma separação discreta, de cunho classificatório, mas há sim um contínuo que vai das construções partáticas até as condicionais canônicas.

Paralelamente aos estudos baseados no uso da linguagem, temos uma perspectiva Gerativista que também tenta dar conta de descrever e explicar construções de condição em línguas naturais. Batt & Pancheva (2003), ao investigarem as condicionais em algumas línguas distintas, como inglês, russo, chinês e alemão salientam as diversas formas empregadas por essas diversas línguas na codificação das condicionais. Além disso, argumentam os autores que as condicionais apresentam o movimento “clássico” para a estrutura CP no modelo gerativo, daí o fato de geralmente se apresentarem antepostas. A questão interessante apresentada pelos autores diz respeito à metodologia de caráter tipológico e ao fato de dialogarem com diversos outros tipólogos, tais como Greenberg (1964, 1986), bem como Comrie (1986), os quais buscam atestar procedimentos universais no uso das categorias lingüísticas, num viés mais funcionalista.

Também numa perspectiva tipológica seguem os trabalhos de Maslova (2005) em língua russa. Ao analisar construções condicionais em russo e em duas línguas

faladas na Sibéria (Yukaghir e Kaluma-yukaghir), Maslova lança mão da interpretação semântica de Wierbizska (1997), para quem todas as línguas do mundo exibem um universal lexical para expressar a condicionalidade, como o *if* do inglês, seja em forma de conector ou como um morfema verbal ou oracional.

As perspectivas tipológicas são importantes neste trabalho, pois, ao estudarmos línguas distintas, como o russo e o português, almejamos verificar as semelhanças e diferenças entre essas línguas no que diz respeito ao uso das construções condicionais e contribuir, mesmo que em pequena escala, para a comprovação ou refutação de universais lingüísticos propostos pelas perspectivas mencionadas.

Apresentada a revisão da literatura relevante para o presente trabalho, partimos agora, no capítulo quatro, para a discussão de aspectos de cunho metodológico, tais como a organização dos *corpora* utilizados e coleta dos dados relevantes, as hipóteses que norteiam esta dissertação, o tratamento dado aos fenômenos investigados, entre outros.

5. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.

Neste capítulo discutimos a coleta, organização e análise de dados referentes ao presente trabalho, bem como apresentamos alguns resultados preliminares de uma

análise inicial. Na primeira seção, apresentamos o processo de composição dos *corpora* referentes aos dados de língua russa e língua portuguesa e, em seguida, na segunda seção, apresentamos a metodologia utilizada para a análise dos dados, bem como as hipóteses que a fundamentam. Na terceira seção apresentamos os resultados referentes à posição da oração hipotática condicional em relação à sua oração núcleo, delineando desde então a linha de investigação que adotaremos nos capítulos seguintes.

5.1. A COMPOSIÇÃO DOS *CORPORA*.

Já dizia Bakhtin em 1979 que todas as diversas áreas da atividade humana estão relacionadas com o uso da língua. Assim sendo, torna-se difícil analisar a linguagem *in vitro* como se fosse estanque e não relacionada à maneira com a qual é utilizada e adequada às diversas situações comunicativas.

É com base nesse ponto de vista que adotamos uma perspectiva voltada para o uso da língua em situações concretas de comunicação. Nesse sentido, fez-se necessário, para a constituição dos *corpora* referentes ao russo e ao português neste trabalho, lançar mão de uma metodologia bastante apurada, a começar pela escolha da modalidade.

No que tange a esta primeira escolha, optamos por elaborar *corpora* de língua escrita, uma vez que não há no Brasil qualquer trabalho de *corpus* em língua russa, sendo, portanto, necessário criar um específico para a presente pesquisa. Como a comunidade russa residente no Brasil é de número muito reduzido e de imigração antiga, apresentando em sua linguagem traços de contato lingüístico com o português, seria difícil construir um *corpus* adequado ao trabalho proposto no que diz respeito à modalidade falada. Já que o propósito deste trabalho é realizar uma análise comparativa entre línguas, escolhemos a modalidade escrita também para o português.

Definida a modalidade estudada no presente trabalho, surge um novo problema. Quando se investiga a linguagem em situações concretas de comunicação, é importante estar atento, pois o ambiente (ou veículo) em que a linguagem se manifesta, a quem a comunicação é destinada, e até mesmo a função comunicativa do “veículo” podem alterar o uso da língua.

Iniciamos este capítulo com uma afirmação de Bakhtin sobre a relação estreita entre a linguagem e as diversas áreas da atividade humana. Aqui é interessante ressaltar que a língua serve às necessidades comunicativas dos seres humanos. Estes, por sua capacidade de viver em sociedade, a todo o momento estabelecem relações sociais por meio de atividades diversas que geralmente envolvem o uso da língua. Esse uso pode ser veiculado de diversas maneiras, ou seja, a partir de diversos gêneros textuais. Desta forma, gêneros textuais seriam atividades sócio-históricas que servem como veículo para a manifestação da linguagem.

Em termos gerais, poderíamos classificar os gêneros textuais como realizações lingüísticas concretas, definidas por propriedades sócio-comunicativas. Para Marcuschi (2002), os gêneros constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas, abrangendo número aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função. A depender da atividade realizada, o gênero textual empregado se modifica. Por exemplo, a interação face a face entre amigos pode ser caracterizada como o gênero textual conversa, assim como uma aula seria um gênero textual em que um professor transmite conhecimento a uma série de alunos e estes podem perguntar, tirar dúvidas, pedir esclarecimentos. Uma carta também constitui um gênero textual bem definido²², da mesma forma que uma receita de bolo. Assim, é possível perceber que o conceito de gênero está intimamente relacionado com as relações sociais que se estabelecem entre

²² A propósito das últimas, conferir Paredes (1988).

os seres humanos. A competência comunicativa, segundo Vilela & Koch (2001), leva o falante à detecção de um texto adequado ou inadequado a uma situação comunicativa concreta, o que o leva também a diferenciar determinados gêneros de textos, como por exemplo, saber se está diante de uma anedota, um poema, uma declaração de amor, uma discussão, etc.

Contudo, é importante perceber que, a depender da modalidade ou do gênero textual, a língua pode se manifestar de formas diferentes, apresentando estruturas características que, em muitos momentos, podem constituir traços distintivos para a identificação das intenções comunicativas, do gênero, e até mesmo da modalidade²³. Para Vilela & Koch, a competência textual permite ao falante averiguar se num texto predominam seqüências de caráter narrativo, descritivo, argumentativo, etc. Tratamos aí dos tipos textuais, que podem ser definidos por características lingüísticas intrínsecas que compõem o texto, e em número altamente reduzido. Segundo Marcuschi (2002), no máximo cinco: argumentação, narração, descrição, exposição e injunção.

De todos os tipos textuais, a argumentação parece ser o ambiente mais produtivo para as condicionais, como é possível conferir em Ducrot (1976), bem como Gryner (1990, 1995, 2003) e Koch (2006). Isso se dá pela possibilidade de condicionais vincularem conteúdos subjetivos, bem como pelos pressupostos com os quais esse tipo de oração se relaciona²⁴, características também comuns à argumentação.

Para Vilela & Koch (2001) argumentar é procurar convencer, ou mesmo persuadir, levando o leitor/ouvinte, por meio de razões, evidências, justificativas ou apelos de ordem emocional, a ter como correta e boa determinada proposta. Na tentativa de identificar o tipo textual argumentativo, os autores apresentam uma análise em quatro vias distintas, que buscam identificar, respectivamente, o plano

²³ Conferir Marcuschi (2002).

²⁴ A propósito conferir Gruner (1990) e Koch (2006), para uma discussão mais detalhada sobre a relação das condicionais com o texto argumentativo.

composicional da argumentação, os traços gramaticais que constituem uma estrutura argumentativa, os traços de coesão e coerência desse tipo de texto, bem como a pragmática do texto argumentativo.

De acordo com o plano composicional, o texto argumentativo apresenta o que é chamado de silogismo, composto por premissas (as quais podem ser explícitas ou não) e de uma conclusão. Para Vilela & Koch, existem diversas formas de argumentação na medida em que existem diversas formas de silogismo, que vão desde uma simples pergunta a um enquadramento complexo expresso pelo período hipotético. Assim, podemos dizer que, na argumentação, parte-se de algo que já é conhecido, compartilhado de certa forma entre autor e leitor/ falante e ouvinte, para chegar ao estabelecimento de idéias de acordo com o enquadramento proposto.

Quanto à estrutura gramatical da argumentação, verificam-se traços como a presença do verbo *ser* ou equivalente na construção da proposição, verbos que põem em relação a causa e o efeito tais como ocasionar, originar, suscitar, provocar, etc, assim como determinados tempos verbais (o presente universal, por exemplo), e tipos oracionais como a interrogação ou a asserção.

Do ponto de vista da coesão e coerência, têm-se marcadores específicos tais como a ordenação dos argumentos por meio de marcas como *em primeiro lugar, em segundo lugar, por um lado, por outro lado*, ou a conexão entre argumentos a partir de estruturas como *já que, assim, de modo que*, etc.

Pragmaticamente, a argumentação apresenta como traço principal o valor perlocucionário de convencer, característica do ato de argumentar, daí, segundo Vilela & Koch, o fato de serem evidentes marcadores de introdução de argumentos como os supracitados (*já que, de modo que*, etc), bem como os conectivos introdutores de conclusão tais como *então, logo*, etc.

A partir da distinção apresentada entre gênero e tipo textuais e mais especificamente da identificação do texto argumentativo, compomos os *corpora* do presente trabalho a partir de textos jornalísticos, em especial textos de caráter opinativo (crônicas, editoriais e textos de opinião), em que figurasse o maior número possível de seqüências argumentativas.

Obviamente, nos gêneros textuais investigados não existem apenas seqüências textuais de cunho argumentativo. Há também seqüências variadas, em que temos tipos textuais como injunção, exposição, descrição e até mesmo narração – estas em número bastante reduzido. Por isso, na tentativa de verificar a ocorrência de condicionais em relação ao tipo textual, dividimos os textos em seqüências de caráter argumentativo e não-argumentativo²⁵.

Desta forma, levamos em consideração quatro tipos de jornais em língua portuguesa publicados na cidade do Rio de Janeiro, a saber, *POVO*, *EXTRA*, *JB* e *O GLOBO*, e quatro tipos de jornais em língua russa publicados na cidade de Moscou, *ARGUMENTY I FAKTY*, *NEZAVISSIMAYA GAZETA*, *VETCHERNIAIA MOSKVA* e *IZVESTIA*. Com o intuito de construir uma amostra homogênea em termos de quantidade de texto tanto para o russo quanto para o português, controlamos o número de palavras da amostra de cada língua. Apresentamos abaixo um quadro com o número médio de palavras²⁶ para as amostras investigadas neste trabalho.

Língua	Número de palavras
Russo	28.585
Português	27.875

Tabela 1. Número de palavras das amostras analisadas

²⁵ Tal divisão foi realizada com vistas a manter um controle rígido sobre a amostra. No entanto, é importante ressaltar que o tipo textual não se configura, na amostra utilizada, como fator de influência na variação posicional da oração hipotática na construção condicional.

²⁶ Contamos as palavras com o auxílio do editor de textos Microsoft Word.

Constituída a amostra, debruçamo-nos sobre os dados em si. Para isso, fizemos uso da metodologia utilizada pela Sociolingüística criando uma série de grupos de fatores que confirmassem ou refutassem as hipóteses que propomos. Na próxima seção, apresentamos a filosofia em que as hipóteses se baseiam, bem como os grupos de fatores criados.

5.2. HIPÓTESES E GRUPOS DE FATORES

Este trabalho se fundamenta na idéia de que a linguagem não é arbitrária, mas sim motivada. Nesse sentido, acreditamos que fatores de natureza lingüística e extralingüística influenciam a manifestação de determinados fenômenos na linguagem. Aqui especificamente investigamos a variação posicional das condicionais no discurso escrito, comparando duas línguas indo européias, já informadas anteriormente, russo e português.

Partindo dos critérios adotados por Givón (1995) para a marcação, desejamos identificar, no que se refere à posição das orações condicionais no discurso, quais são os itens marcado e não-marcado e explicar o uso marcado no que tange à posição. Como o item não-marcado parece ser realmente a anteposição, como atestado em Ford & Thompson (1986), bem como Gryner (1990), levamos este fato em consideração para a formulação das hipóteses que norteiam este trabalho.

Como neste trabalho lidamos com um fenômeno que, à primeira vista, se apresenta como variável, a metodologia utilizada pelos estudos em Sociolingüística tal como a noção de grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos que interferem no uso da língua, bem como o uso do pacote computacional GOLDVARB 2001 são de grande auxílio.

Muitos estudiosos utilizam os aspectos metodológicos da Sociolinguística para tratar de situações em que se tem duas formas para o mesmo significado, como por exemplo, em estudos sobre o rotacismo em português, em que se tem duas formas distintas para a expressão do mesmo significado. No entanto, a mudança de ordem das condicionais no discurso não só está a serviço das intenções comunicativas dos falantes (escritores) no momento da enunciação, mas também apresentam nuances diferentes de significação.

Concebemos a posição das orações condicionais no discurso escrito como dependente de questões de cunho informacional, ou seja, de como o discurso se organiza em termos de distribuição de informação. Acreditamos que as orações condicionais antepostas tendem a veicular informação velha ou inferível, mantendo relação direta com o discurso precedente, ao passo que as condicionais pospostas tendem a veicular informação não disponível no contexto anterior, apresentando-se em diversos momentos como ressalvas, ou apresentando informação com a qual se relaciona o discurso seguinte. Assim, propomos o grupo de fatores “Status Informacional”, constituído de três componentes: novo, inferível e velho²⁷.

No entanto, como já dito, acreditamos que a variação posicional das condicionais no discurso se dá pela comunhão de fatores de natureza linguística e extralinguística. Assim, propomos também alguns fatores de cunho gramatical, a saber, complexidade estrutural, tempo, modo e aspecto em oração núcleo e condicional.

Quanto à complexidade estrutural, observamos o posicionamento das condicionais em função das orações que as seguem e antecedem, bem como da função estrutural que há entre esses enunciados. Com isso, propomos os seguintes fatores: (1) a condicional só se relaciona estruturalmente com a sua oração núcleo; (2) a condicional se relaciona com uma oração matriz, numa articulação de encaixamento; (3) a

²⁷ Para discussão mais detalhada sobre este grupo de fatores, observe-se o capítulo 6.

condicional se relaciona com uma oração paratática ou outra hipotática²⁸; (4) a oração condicional ou a sua núcleo funcionam como oração matriz para uma oração encaixada.

Os fatores propostos para este grupo provêm da prerrogativa de que quanto mais complexo o contexto em que se encontra a condicional, maiores são as chances de manifestação do item marcado, ou seja, a posposição. Assim, no capítulo 7, buscamos apresentar com maior acuracidade como a complexidade estrutural influencia o posicionamento das condicionais em russo e em português.

No que tange à combinação tempo, modo e aspecto entre oração núcleo e oração hipotática condicional, acreditamos que há uma tendência geral de termos o tempo futuro e o modo *irrealis* em condicionais pospostas. No entanto, devido ao fato de a anteposição ser o item não marcado, é possível maior número de combinações de tempo modo e aspecto nesse contexto, o que buscamos conferir no capítulo 8.

Além dos grupos de fatores propostos acima, propomos, também no capítulo 8, uma discussão sobre qual importância do domínio cognitivo das condicionais no que se refere à variação da posição desse tipo de oração. Acreditamos que tendência geral é de que as condicionais epistêmicas aparecem antepostas, devido a sua estreita relação com o âmbito da inferência a partir de fatos já conhecidos pelo falante/escritor, o que indica uma relação íntima desse tipo de oração com o status informacional velho. No entanto, no que se refere aos outros domínios cognitivos das condicionais, torna-se nebuloso traçar uma relação direta com o status informacional²⁹, ou seja, a relação entre posição e alguns domínios ainda se apresenta como uma incógnita. Por essa razão propomos o grupo de fatores “Domínio Cognitivo das Condicionais”, cujos fatores são: (1)

²⁸ Os itens mencionados serão melhor explicados no capítulo 7, no qual também são apresentados os resultados referentes à complexidade estrutural.

²⁹ No que tange às condicionais de ato de fala, compreendemos que a força ilocucionária do ato envolvido também exerce influência no posicionamento da condicional no discurso, mas por questões de tempo exigido para a elaboração do trabalho, a análise das condicionais de ato de fala pelo viés de sua força ilocucionária exige a elaboração de um trabalho subsequente, além dessa dissertação de mestrado.

condicionais epistêmicas, (2) condicionais de conteúdo, e (3) condicionais de ato de fala.

Ainda no capítulo 8 investigamos algumas partículas focalizadoras que ocorrem na oração núcleo e que, potencialmente, poderiam influenciar o posicionamento da oração hipotática na construção. Acreditamos que quando essas partículas estão presentes na oração núcleo, a tendência é de que a hipotática apareçam pospostas.

A partir dos grupos de fatores apresentados acima, pretendemos averiguar a distribuição da variável dependente, ou seja, da posição das construções condicionais em relação a sua respectiva oração núcleo no discurso e, com isso, constatar ou refutar as hipóteses propostas para a explicação do item marcado. Além de trabalhar com a noção de grupo de fatores, freqüentemente utilizada como ferramenta metodológica pela Sociolinguística, como já mencionado, utilizamos o pacote de programas GOLDVARB 2001. Tal programa faz a leitura estatística num viés quantitativo, informando o total de ocorrências das variáveis, em função dos fatores analisados, apresentando os percentuais desse resultado.

A partir da metodologia apresentada pretendemos chegar a alguns resultados relevantes para o suporte das hipóteses apresentadas. Desta forma, nos capítulos subseqüentes discutimos a posição das condicionais nas línguas analisadas, associada aos grupos de fatores que propomos como variáveis independentes, apresentando os resultados de uma análise quantitativa.

Com a metodologia apresentada esperamos chegar a resultados que confirmem as hipóteses apresentadas, o que funcionaria como suporte para a tese geral de que fenômenos de natureza variável podem ser sistematizados pela combinação de fatores considerados internos (gramaticais) e fatores considerados externos à linguagem (semântico-pragmáticos e, em alguns casos, históricos e sociais). Na próxima seção

apresentamos alguns resultados preliminares no que se refere ao posicionamento das orações hipotáticas condicionais no discurso, os quais servem como ponto de partida para as análises presentes nos próximos capítulos.

5.3.RESULTADOS PRELIMINARES

No que concerne ao posicionamento das orações condicionais em termos de frequência, podemos já fazer algumas considerações sobre ambas as línguas estudadas neste trabalho.

Através de uma análise quantitativa que contou com a ocorrência total de 152 orações condicionais da língua portuguesa e 166 orações condicionais da língua russa, em amostra com número de palavras relativamente equivalente – como foi possível verificar no início deste capítulo – chegamos aos seguintes resultados concernentes à ordenação da oração hipotática condicional no discurso escrito:

Russo				Português			
Anteposição à oração núcleo.		Posposição à oração núcleo.		Anteposição à oração núcleo.		Posposição à oração núcleo.	
Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
132	80	34	20	103	67	49	33

Tabela 2. Frequência de tipo das orações condicionais em russo e em português

A partir dos resultados referentes apenas ao posicionamento das orações no discurso já podemos fazer algumas considerações no que se refere à marcação. Em termos de frequência de uso, verificamos que a anteposição realmente é a estratégia mais utilizada em ambas as línguas o que contribui para a afirmação geral proposta inicialmente por Greenberg (1986) e retomada por Comrie (1986) de que a maior frequência da anteposição no que diz respeito às condicionais pode constituir um universal lingüístico.

Além disso, podemos analisar os dados acima apresentados em mais duas direções: na perspectiva da posposição em relação à anteposição e numa perspectiva comparada da frequência de cada tipo em ambas as línguas.

Quanto à primeira perspectiva, podemos verificar que, embora a posposição seja menos utilizada em relação à anteposição, a frequência de ocorrência é relativamente alta para a identificação do item não marcado. No entanto, se concebermos a noção de iconicidade, atrelada à baixa complexidade cognitiva envolvida na anteposição das condicionais no discurso, verificamos que de fato as condicionais antepostas podem constituir o item não-marcado. Resta apenas uma constatação estrutural, o que pretendemos verificar no capítulo 7.

Comparado ao russo, o português permite uma variação maior no que se refere ao posicionamento das condicionais na escrita. Temos 67% de anteposição e 33% de posposição em português, ao passo que em russo temos 80% e 20%, respectivamente. Vale lembrar que o número de condicionais do russo é levemente mais elevado do que o número de condicionais do português.

Os resultados acima apresentados por si só não são capazes de explicar o funcionamento das condicionais no discurso escrito. Por essa razão, consideramos necessário realizar uma análise com base nos grupos de fatores acima apresentados, na tentativa de constatar a anteposição como item não marcado, bem como sistematizar como a posposição é utilizada no discurso em ambas as línguas investigadas.

Desta forma, nos capítulos que se seguem abordaremos de forma detalhada como os fatores apresentados neste capítulo influenciam na ordenação das orações hipotáticas condicionais em relação às suas respectivas orações núcleo, apresentando, num primeiro momento, proporcionada pelo pacote de programas GOLDVARB 2001, como já mencionado anteriormente.

No capítulo que se segue, discutimos a importância do status informacional para o posicionamento das orações condicionais no discurso escrito. Verificamos que tipo de informação é introduzido pela oração hipotática condicional e qual a relação que ela mantém com o discurso precedente e com o subsequente. No capítulo 7 analisamos a complexidade estrutural das construções condicionais, verificando principalmente como se comporta o item marcado em comparação ao item não marcado. No capítulo 8 investigamos qual a importância da combinação de tempo modo e aspecto para o posicionamento das condicionais no discurso, bem como apresentamos algumas observações interessantes concernentes a alguns fatores que não foram em si de grande significância em termos estatísticos, mas que consideramos importantes para uma compreensão mais abrangente do funcionamento das condicionais. As considerações finais encerram o trabalho.

6. O STATUS INFORMACIONAL

Neste capítulo e nos que se seguem discutimos os fatores relevantes para o estudo da variação posicional em orações condicionais do russo e do português.

Apresentamos a literatura relevante que fundamenta a proposta do fator em questão, bem como os resultados de uma análise quantitativa (ocorrências e percentuais). Neste capítulo especificamente, apresentamos discussão referente ao status informacional da oração hipotática na construção condicional.

6.1. AS CONCEPÇÕES ADOTADAS.

Muito tem sido dito sobre a maneira com a qual expressamos a informação em textos orais ou escritos. A idéia geral é de que tendemos a apresentar o que é velho, conhecido ou de fácil acesso em posição anterior ao que é novo, desconhecido, ou de difícil acesso.

No entanto, o problema consiste em identificar as diversas nuances do que é tido como informação velha e até mesmo o que significa este rótulo. Além disso, também há dificuldades, quando estendemos a noção de status informacional para porções de texto mais amplas que a intra-oracional.

Se retomarmos as funções da linguagem propostas em Halliday (1974, 1985) e já mencionadas nessa dissertação, ou seja, as funções ideacional, interpessoal e textual, verificaremos que todas essas funções envolvem, em graus distintos, a veiculação de informação e a forma como a linguagem desempenha esse papel. Nesse sentido, poderíamos dizer que quando as pessoas usam a língua de forma natural, estão tentando geralmente fornecer algum tipo de informação.

Sabemos que status informacional na literatura lingüística tem recebido maior ênfase no que se refere ao âmbito da oração, o que se torna evidente pela bibliografia numerosa sobre o assunto. O próprio Haiman (1978), quando afirma veementemente que as condicionais funcionam como tópicos, discute a bibliografia sobre esse tema no âmbito oracional. Neste trabalho não será diferente. Baseamo-nos em Chafe (1976,

1988, 1994), bem como em Prince (1981) – que discutem a noção de status informacional no âmbito da sentença – para chegar a uma noção que consideramos adequada para o tratamento do status informacional no âmbito do discurso.

Ao considerarmos as noções de informação *dada* (ou velha) e de informação *nova*, verificamos que existem certos pontos de divergência, ou definições distintas sobre o conceito de tópico entre os estudiosos do assunto. Por esta razão é importante definir o que, neste trabalho, assumiremos como novo ou velho.

Chafe (1976), num trabalho interessante sobre sujeito e tópico, introduz uma discussão breve sobre a natureza da informação dada (ou velha). Para o autor, esse tipo de informação constitui o conhecimento que o falante assume estar no foco de consciência do interlocutor no momento da enunciação, ao passo que a informação nova seria aquilo que o falante assume estar apresentando ao interlocutor por meio do que está sendo dito. Além disso, o autor acredita que informação nova e velha são rótulos confusos, pois nos fazem pensar que “velho” seria o que o ouvinte já sabe a respeito da informação, enquanto que “novo” seria o que o ouvinte ainda não sabe. No entanto, como afirma Chafe, numa oração como *Eu vi o seu pai ontem* não se assume que o interlocutor não tenha conhecimento de quem seja seu pai, embora a informação seja apresentada como nova. Assume-se sim que o interlocutor não estava pensando em seu pai no momento da enunciação. Daí *seu pai* funcionar como informação nova.

Mas como o status velho se estabelece? Para Chafe (1976, 1988), o falante pode assumir que algo está no foco de consciência do interlocutor com base em contexto lingüístico ou extralingüístico. No que se refere a este último contexto, o falante pode acreditar que sua percepção do mundo ao redor é compartilhada com o interlocutor. Assim, num ambiente em que ambos, falante e ouvinte, estão olhando para uma pintura, o falante pode dizer *Eu a comprei*, apresentando o quadro como informação velha. No

que se refere ao contexto lingüístico, a informação já mencionada no contexto anterior geralmente é apresentada como informação velha no contexto seguinte. O que vemos então é que lingüisticamente esse tipo de informação pode se manifestar por meio de anáforas pronominais ou ainda por meio de acentuação mais fraca em contextos de fala.

Outra questão que Chafe (1976) levanta, e também disponível em outros trabalhos como Chafe (1984, 1988, 1992) se refere ao tempo de duração da informação velha, ou seja, até quando o falante pode apresentar determinada informação como velha ao interlocutor, uma vez que na interação, a todo momento, o fluxo de informação nova é constante. O fato é que o status “velho” da informação cessa quando falante acredita que ela não está mais no foco de consciência de seu interlocutor. Claro que esse é um momento de dificuldade, o qual provoca alguma confusão quando, por exemplo, o falante diz *ele* e o interlocutor já não sabe mais de quem se trata. O mesmo pode ocorrer em textos escritos. Nesse sentido, Chafe relembra que a noção de “velho” é uma questão de crença do falante de que certo item está no foco de consciência do interlocutor.

Neste trabalho lidamos com textos escritos e, portanto, o contexto lingüístico pode, num grau tanto maior do que na fala, auxiliar o leitor a retomar determinada informação e interpretá-la como dada ou não, uma vez que a leitura permite que o processamento se prolongue por um pouco mais de tempo do que a audição, o que permite o leitor retornar e observar com mais atenção o que lê.

Por outro lado, parece já ser lugar comum que os textos dialogam entre si, com a sociedade e, em muitos casos, com a época em que foram criados. Trata-se da intertextualidade. Nesse caso podemos ver em alguns textos determinadas referências, diretas ou indiretas, a outros textos, ou até mesmo a acontecimentos contemporâneos aos textos em questão. Por exemplo, num texto de jornal da atualidade que se refira ao

problema político do “mensalão” ou aos “ataques de 11 de setembro”, podemos ver referências tais como *Roberto Jefferson* ou *Bin Laden* sendo apresentadas como informação velha em determinados contextos. Mas seriam elas exatamente velhas? Certamente não poderíamos dizer que nesse caso se trata de informação nova, porque, ao dialogar com situações do momento, pressupõe-se que os leitores tenham itens relacionados, senão em seu foco de consciência, pelo menos naquele momento em lugar acessível na mente.

Por essa razão, acreditamos que a classificação velho/novo não se encaixa completamente no que se refere ao tratamento que desejamos dar ao status informacional no presente trabalho. Assim, o artigo de Prince (1982) vem ao encontro de nossas expectativas ao apresentar uma classificação mais diversificada.

Após analisar como a noção de status informacional vem sendo observada pelos diversos estudiosos da linguagem, Prince identifica que o status *velho* pode ser interpretado sob três perspectivas diversas: como retomada ou predizibilidade, como saliência ou como conhecimento compartilhado.

No que se refere à primeira perspectiva, ou seja, a *natureza de retomada ou predizibilidade* que a informação velha possui, Prince retoma Halliday e Kuno quando afirma que informação dada pode ser apresentada por meio de anáforas pronominais ou por meio da acentuação dada aos itens no discurso, e que isso pode ser previsto pelo interlocutor. A segunda perspectiva, *a saliência*, dialoga com a concepção de Chafe sobre o fato de a informação velha representar aquilo que o falante acredita estar no foco de consciência do interlocutor. Por último, Prince discursa sobre a perspectiva do conhecimento compartilhado, na qual o falante assume que o ouvinte conhece ou pode inferir alguma coisa em particular, mas não necessariamente estar pensando sobre ela.

É com base nas perspectivas supracitadas que Prince propõe uma análise da informação tripartida em nomenclaturas tais como velho, inferível e novo, estas ainda subdivididas em mais outras partes. Aqui optamos por classificar as informações, considerando os três rótulos adotados por Prince (1982) mencionados acima.

6.2. A DEFINIÇÃO DOS FATORES

Neste trabalho levamos em consideração a importância do status informacional como fator de influência no posicionamento da oração hipotática de condição na construção condicional. Buscamos verificar se a posição marcada das condicionais veicula tipo de informação distinto daquele veiculado pela posição não marcada. A hipótese é de que a posição não marcada, ou seja, a anteposição, tende a apresentar informação velha ou inferível, lidando com o discurso precedente, ao passo que a posição marcada tende a veicular informação nova, ainda não mencionada no discurso anterior ou de difícil inferência por parte do leitor, apontando tema que poderá ser reelaborado no discurso seguinte.

Adotamos o rótulo *velho* ao nos referirmos a qualquer tipo de informação já mencionada em contexto lingüístico anterior, retomada por repetição lexical, anáfora pronominal, anáfora zero ou reformulação de conteúdo preexistente. Observem-se os exemplos abaixo do russo e do português respectivamente:

Russo – Izvestia [26-07-01]

(29)	Пресненский суд	приостановил	рассмотрение дела	на		
	<i>Presnenskii sud</i>	<i>priostanovi-l</i>	<i>rassmotrenie del-a</i>	<i>na</i>		
	Presnenski tribunal	supender.PERF-PAS	investigação caso-GEN	PREP		
	ТОМ	ОСНОВАНИИ,	ЧТО	В	ДРУГОМ	СУДЕ
	<i>t-om</i>	<i>osnovani-i,</i>	<i>tchto</i>	<i>v</i>	<i>drugom</i>	<i>sud-e –</i>
	aquele-PRP	base-PREP,	que	PREP	outro-PREPS	tribunal-PRP

Тверском	сейчас	рассматривается	иск	НТВ	к
<i>Tverskom</i>	<i>seichas</i>	<i>rassmatriva-et-sya</i>	<i>isk</i>	<i>NTV</i>	<i>k</i>
Tver-PRP	agora	examinar-3SG-RF	demanda	NTV	PRP
«Медиа-Мосту»	о	признании		недействительными	
<i>“Media-Mostu”</i>	<i>o</i>	<i>priznani-i</i>		<i>nedeistvitel’n-yimi</i>	
Media-Mostu	PREP	reconhecimento-PREPS		sem valor-INST	
Векселей,	за	которые	мы	пытаемся	взыскать
<i>veksel-ei,</i>	<i>za</i>	<i>kotorye</i>	<i>my</i>	<i>pyta-em-sya</i>	<i>vzyskat’</i>
letra de cambio-GEN	PREP	PRORE	2PL	tentar-2PL-REF	apelar
задолженность. Если	суд	в	итоге	признает	
<i>zadolzhennost’.</i>	<i>esli</i>	<i>sud</i>	<i>v</i>	<i>itog-e</i>	<i>prizna-et</i>
dívida	se	tribunal	PRE	total-PRP	reconhecer-3SG
<i>НТВ</i>	<i>должником,</i>	арестованные	64	миллиона	рублей
<i>NTV</i>	<i>dolzhnik-om,</i>	<i>arestova-nnye</i>	<i>64</i>	<i>milliona</i>	<i>rubl-ei</i>
NTV	devedor- INST	prender-PARTC	64	milhão-GEN	rublo-GEN.PL
будут	переданы	«Медиа-Мосту».			
<i>bud-ut</i>	<i>pereda-ny</i>	<i>“Media-Mostu”.</i>			
ser-3PL	transmitir-PARTC	Média-Mostu.			

O tribunal de Prenenski suspendeu a investigação do caso com base no fato de em outro tribunal – no de Tver – se estar avaliando agora a demanda da NTV para a Media-Most sobre o reconhecimento das letras de câmbio como inválidas, pelas quais tentamos apelar para dívida. *Se o tribunal finalmente reconhecer a NTV como devedora*, os 64 milhões de rublos detidos serão entregues a Media-Most.

Português - Extra [05-01-04]

- (30) O assassinato de um senhor de 60 anos em Realengo, ontem, poucos dias depois de entrar em vigor o Estatuto do Idoso, foi um ato bárbaro praticado por três jovens. Como se houvesse palavras que justificassem a agressão, um dos detidos disse que a vítima, morta a pedradas, havia agarrado uma moradora e cometido pequenos roubos. **Se o idoso realmente fez isso**, que fosse punido dentro da lei e não na base do olho por olho, dente por dente. Acabamos de entrar em 2004 e algumas pessoas parecem ainda viver na Idade Média. É mais do que louvável a idéia do juiz Siro Darlan, que pretende transformar o juizado de menores em Vara da Infância, da Juventude e do Idoso, além de punir com cadeia quem maltrata idosos.

Podemos observar nos exemplos acima apresentados que a informação contida na condicional repete ou reformula conteúdo presente no contexto anterior de forma direta ou indireta. Isso se relaciona em certo ponto com a proposta de Ford &

Thompson (1986), quando as autoras propõem o esquema “X. Se X, Y.”, em que se tem assim a reformulação do que fora dito no contexto anterior na oração condicional. Quando, no *corpus* analisado, temos esse esquema, classificamos a informação contida na oração condicional como informação velha, ou seja, presente em contexto lingüístico prévio. Isso fica claro tanto no exemplo do russo, quando temos a reformulação direta da informação contida no contexto anterior por meio da condicional *esli sud v itog-e prizna-et ntv dolzhnik-om*, como no exemplo do português em que temos a retomada da informação contida no contexto anterior por meio de repetição lexical acrescida de anáfora pronominal que retoma toda a informação prévia com a condicional **se o idoso realmente fez isso**.

Classificamos como informação inferível aquela que não foi diretamente mencionada em contexto anterior, mas que se apresenta reformulada por meios lexicais distintos do contexto lingüístico prévio. A informação presente na condicional é inferível a partir do contexto precedente que aciona redes de informações possíveis relacionadas com o contexto situacional extralingüístico (época, sociedade em que o texto fora escrito), bem como por pistas lingüísticas existentes no contexto anterior. Vejamos os exemplos abaixo:

Russo – Argumenty i Fakty [03-01-01]

(31) НЕТ, мне ни за что не
 NET, mne ni za tchto ne
 NEG eu-DAT NEG PREP que NEG

стыдно в "АиФ". Я читаю каждый номер
 styдно v AIF. Ya tchitayu kazhdyi nomer
 vergonhoso PREP “AIF. 1.SG ler-1SG todo-M número

от корки до корки во время его верстки.
 ot korki do korki vo vremya ego verstki.

PREP	casca	PREP	casca	PREP	tempo	3SG-GEN	prova.
И	если	что-то	не	нравится,		отдаю	автору
I	iesli	tchto-to	ne	nravi-t-sya,		otda-yu	avtor-u
e	COND	que-DEF	NEG	agradar-3SG-REF,		entregar-1SG	autor-DAT
на	доработку.	Если	тема	статьи	вызывает	у	меня
na	dorabotk-u.	Esli	temastat-i		vyzyva-et	u	menya
PREP	finalização-AC	COND	tema	artigo-GEN	evocar-3SG	PREP	eu-GEN
противоречивые	чувства,	то	идет	ее	коллективное		
protivoretchivye	tchuvstva,	to	idet	ee	kollektivnoe		
contraditórios	sentimentos,	então	ir-3SG		3SGFP coletivo		
обсуждение	еще	в	процессе	планировани	номера.		
obsuzhdenie	eshe	v	protsess-e	planirovaniya	nomer-a.		
discussão	ainda	PREP	processo-PRP	planejamento	número-GEN		
Потом	мы	еще	раз	обсуждаем	подробно	уже	
Potom	my	eshe	raz	obsuzhda-em	podrobno	uzhe	
Depois	1PL	ainda	vez	discutir-3PL	detalhadamente	já	
вышедший	номер	на	общем	собрании	коллектива,		
vyshedshii	nomer	na	obsh-em	sobrani-i	kollektiva,		
que saiu	número	PREP	geral-PRP	reunião-PRP	coletivo-GEN,		
именуемом	у	нас	"летучкой".				
imenuemom	u	nas	"letutchkoi".				
denominada-PREP	PREP	1PL	"reunião relâmpago"				

Não, não tenho vergonha de nada na "AIF". Leio o número inteiro de ponta a ponta durante a prova. *E se algo não agrada*, entrego ao autor para acabamento. *Se o tema do artigo evoca em mim sentimentos contraditórios*, então segue sua discussão coletiva ainda no processo de planejamento do número. Depois nós discutimos mais detalhadamente o número que saiu, numa reunião geral do coletivo denominada por nós de "reunião relâmpago".

Português – JB [03-06-03]

- (32) A estatística esclarece mas não tranqüiliza. Os fatos continuam a acontecer. Algumas áreas da cidade - como a Avenida Brasil e a Linha Vermelha - são palco de batalhas entre polícia e traficantes. Daí vem o maior medo. O secretário procura tranqüilizar e diz que, **se há uma guerra declarada nas ruas**, "a polícia está ganhando".
É o que a população espera e gostaria de ver acontecer. A polícia não parece preparada para o acerto final com o crime. Antiquada, mal-equipada e maltreinada para os serviços de inteligência, despreparada para uma guerra mais

prolongada. E, o que é pior: com a imagem comprometida pela truculência de maus policiais.

O que vemos nos exemplo (31) e (32) é que as informações presentes nas condicionais do russo e do português veiculam informações que de todo não constituem informação dada, mas também não são de toda informação nova para o interlocutor. O leitor médio russo, inserido em sua comunidade de fala a partir de palavras de ativação como *nomer, statia, tema*, já compartilha com o escritor conhecimento suficiente em seu foco de consciência que o auxilia a interpretar a informação de maneira a compreender o que está sendo lido. Neste caso classificamos a informação como inferível.

Além dos dois rótulos apresentados acima para a respectiva classificação do tipo de informação presente nas orações condicionais, levamos em conta também um tipo de informação que optamos por rotular como nova³⁰. Observem-se o exemplos (33) e (34):

Russo – Nezavissimaya Gazeta [02-08-08]

(33)	Он	изображает	самого	себя —Старого	Актера,
	On	izobraja-et	sam-ogo	sebia – Star-ogo	Akter-a,
	3.SG	representar-3.SG	próprio-AC	REF - velho-AC	ator-AC
	всю	жизнь	посвятившего	театру	и пытающегося
	vsiu	jizn'	posviativch-ego	teatr-u	i pytaiuch-egosya
	toda	vida	que dedicou-AC	teatro-DAT	e que tentou-AC
	научить	ремеслу	Молодого	Актера	(Иван Шибанов).
	nautchit'	remesl-u	Molod-ogo	Akter-a	(Ivan Chibanov).
	ensinar	ofício-DAT	jovem-AC	ator-AC	(Ivan Chibanov)
	Поначалу	молодому	человеку	интересен	мэтр, он,
	Ponatchalu	molod-omu	tchelovek-u	interesen	metr, on,

³⁰ É importante ressaltar que esse tipo de informação não se apresentou na amostra analisada numa quantidade relativamente alta. No entanto, a baixa frequência desse tipo de informação nas condicionais no diz muito a respeito da organização do discurso no que se refere a esse tipo de construção. Na terceira seção do presente capítulo, em que se apresentam os resultados da análise estatística no que tange à informação nas condicionais, veremos em detalhes como atua a informação nova nas orações condicionais.

Iniciamente	jovem-DAT	homem-DAT	interessante	mestre	3.SG		
разинув	рот,	перенимает	у	него	большие	и	
razinuv	rot,	perenima-et	u	nego	bol'chie	i	
tendo aberto	boca,	imitar-3.SG	PREP	3.SG.GEN	grandes	e	
мелкие	секреты	профессии,	a	потом	старик		
melkie	sekrety	professi-i,	a	potom	starik		
pequenos	segredos	profissão-GEN	e	depois	velho		
ему	надоедает.	Герой	говорит — a	его			
emu	nadoedaet	Geroi	govor-it a	ego			
3.SG.DAT	aborrecer-3SG	herói	falar-3.SG mas	3SG.A			
не	слушают;	он	пробует	учить —	но	от	него
ne	slucha-iut;	on	probu-et	utchit'	no	ot	nego
NEG	ouvir-3.PL	3.SG	tentar-3.SG	ensinar	mas	PREP	3.SG
отмахиваются,	как	от	назойливой	мухи. Роман			
otmakhiva-iut-sia	kak	ot	nazoilivoi	mukhi. Roman			
afugentar-3.PL-REF	como	PREP	importuno	mosca Roman			
Пленкин	не	слишком	умелый	режиссер	и	вся	
Plenkin	ne	slichkom	umelyi	regisser	i	vsia	
Plenkin	NEG	demais	hábil	director	e	toda	
выписанная	Мэметом	театральная сага	стоила	бы	не		
vypissannaia	Memetom	teatral'naia saga	stoila	by	ne		
escrita	Memetom-INS	teatral saga	custar-P	IR	NEG		
дорого,	если	бы	Евгений	Красницкий	не		
dorogo,	iesli	by	Evgenii	Krasnitskii	ne		
caro	COND	IR	Evgeniui	Krasnitskii	NEG		
привнес	в	спектакль	собственную	тему.	Он		
privez	v	spetaktl	sobstvennuui	temu.	On		
trazer-P	PREP	espetácuo	próprio	tema.	3.SG		
рассказывает о	трагедии	медленного	расставания с				
rasskazyva-et o	tragedii	medlennogo	rasstavania s				
contar-3.SG	PREP	tragédia	vagarosa-GEN	separação	PREP		
жизнью,	когда	одна	за	другой	отмирают	былые	
jizn'iu,	kogda	odna	za	drugoi	otmiraiut	bylye	
vida-INS	quando	um	PREP	outro	desaparecem	passado	
привязанности	и	остаётся	лишь	вкус	к	ремеслу	
priviazannosti	i	ostaetsia	lich'	vkus	k	remeslu	

afeições	e	restar-3.SG	só	gosto	PREP	ofício-DAT
и	желание	передать	свои	умения		молодым.
i	jelanie	peredat'	svoi	umenia		molod-ym.
e	desejo	transmitir	seu	saber		jovem-DAT.PL

Ele representa a si próprio – o Ator Velho que dedicou toda a vida ao teatro e que tentou ensinar o ofício ao Ator Jovem (Ivan Chibanov). Inicialmente o jovem rapaz se interessa pelo mestre, ele, sem abrir a boca, imita os grandes e pequenos segredos da profissão, mas depois o velho lhe aborrece. O Herói fala, mas não o ouve; ele tenta ensinar, mas fogem dele como fogem de uma mosca impertinente. Roman Plenkin não é um diretor extremamente hábil e toda a saga teatral escrita por Mamet não custaria caro, se Evgenii Krasnitskii não tivesse trazido ao espetáculo tema peculiar. Ele conta a tragédia da vagarosa despedida da vida, quando as afeições do passado desaparecem, uma após a outra, e resta apenas o gosto pelo ofício e o desejo de transmitir o seu saber aos jovens.

Português – O GLOBO [15-05-04]

- (34) O melhor momento definitivamente passou. A semana termina com a certeza de que a conjuntura internacional mudou. Os juros americanos já subiram, falta apenas a alta taxa básica. Reduziu-se o dinheiro disponível para os países emergentes. O petróleo foi para níveis inesperadamente altos. Aqui dentro, o Brasil tem bons indicadores macroeconômicos, mas uma inquietante certeza ronda o país. Um fato distante da economia acabou se incorporando a todos os cenários: a expulsão do jornalista americano alimenta impressão de que este é um governo do qual se pode esperar até a insensatez.
- Erra o governo se pensa que a vida de um país está dividida em compartimentos estanques como os ministérios.**

No exemplo (33) apresentado acima, verificamos que a informação contida na condicional não se trata de uma reformulação, retomada ou contraste. Na condicional apresentada não se retomam questões apresentadas em contexto prévio diretamente ou por meio de “palavras de ativação”. O que verificamos aqui é o acréscimo de informação, uma nova elaboração de significado. O mesmo acontece em (34). Quando se apresenta a oração **se pensa que a vida de um país é dividida em compartimentos estanques como os ministérios**, apresenta-se uma nova informação, nova elaboração de conteúdo que poderá ser discutida em contexto posterior. Com base em dados dessa natureza rotulamos algumas orações com o status novo.

Na próxima seção apresentamos os resultados da análise estatística dos dados, comparando os resultados obtidos para a língua russa e para língua portuguesa, e verificando em que grau o status informacional influencia uma posição ou outra das condicionais no discurso.

6.3. RESULTADOS.

Com base na amostra de 152 dados de condicionais para o português e 166 dados de condicionais do russo foi possível chegar aos seguintes resultados no que tange à distribuição de informação nas orações hipotáticas condicionais de ambas as línguas:

	Informação velha		Informação inferível		Informação nova	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Russo	51	31	99	59	16	9
Português	68	44	61	40	23	15

Tabela 3. Ocorrência dos tipos de informação em condicionais do russo e do português.

Na amostra investigada verificamos a baixa ocorrência de informação nova tanto em russo como em português, o que se deve ao fato de as condicionais, tal como afirma Haiman (1978), servirem como estrutura de referência para o discurso posterior. Assim, é natural que a ocorrência de informação velha ou inferível seja maior nesse tipo de construção.

No entanto é possível verificar que mais da metade do percentual geral das condicionais russas (59%) se manifesta sob a forma de informação inferível, enquanto que em português verificamos um equilíbrio entre informação velha e inferível, o que possivelmente está relacionado ao conteúdo contido nos textos analisados.

No que diz respeito à relação entre status informacional e ordenação da hipotática condicional numa seqüência de texto, foi possível chegar aos seguintes resultados:

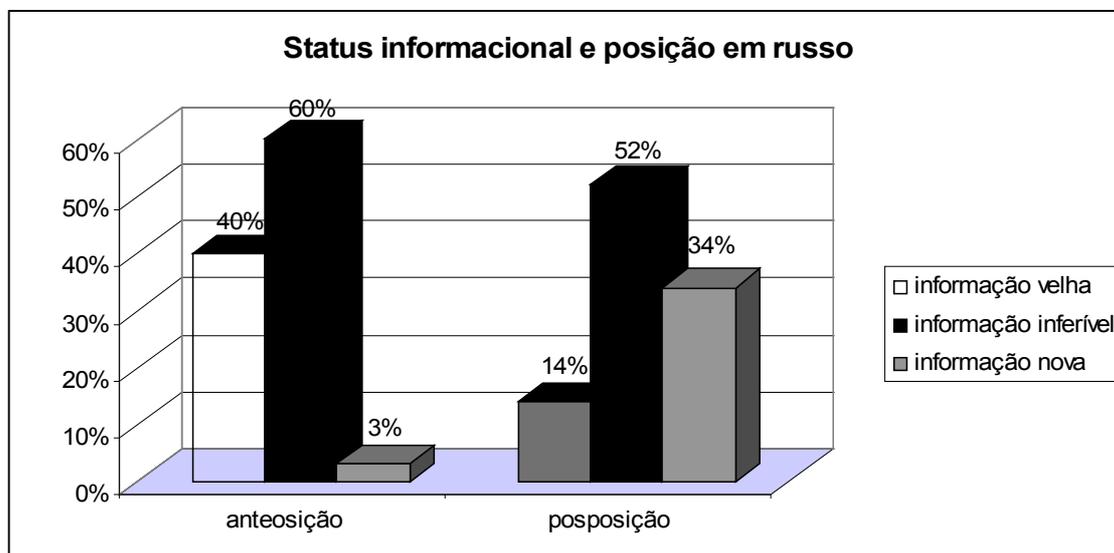


Gráfico 2. Dados referentes à status informacional e posição das orações hipotáticas condicionais em língua russa.

Podemos verificar que, em russo, o status informacional se apresenta como fator relevante no padrão de ocorrência de posposição e anteposição das condicionais no discurso. Enquanto as condicionais antepostas apresentam grande percentual de informação velha e inferível, as pospostas apresentam percentual maior de informação nova. Assim, podemos atestar como propõem Thompson & Longacre (1986) que as condicionais em russo realmente se relacionam, quando antepostas, com o discurso precedente e quando pospostas com o discurso seguinte. No entanto, tal concepção não é categórica. Observe-se o exemplo (35) em que temos uma condicional posposta veiculando informação inferível:

Russo – Argumenty i Fakty [04-04-2001]

(35) Это ветераны Великой Отечественной войны,

Eto PRO	veterany veteranos	Velik-oi Grande-GEN	Otetchstvenn-oi Pátria-GEN	voin-y guerra-GEN		
инвалиды, invalidy, inválidos,	чернобыльцы, tchernobylytsy, vítimas de tchernobil	Герои Geroi Heróis	Советск-ого Sovestk-ogo Soviética-GEN	Союз-а Soiuz-a união-GEN		
и i e	Российской Rossiskoi Russa	Федерации. Federatsii. Federação.	Список Spissok Lista	всех vsekh todos-GEN	категорий kategorii categorias-GEN	
граждан, grajdan, cidadãos	имеющих imeiuchikh possuir-PPA	право pravo direito	на na PREP	льготные l'gotnye gratuito	лекарства, lekarstva remédios	
занимает zanima-et ocupar-3SG	более 20 bolee 20 mais 20	печатных petchatn-ykh impressos-GEN	листов. list-ov. folhas-GEN	Бесплатные Besplatnye Gratuitos		
лекарства — lekarstva — remédios	это eto PRO	не ne NEG	показатель pokazatel indicador	бедности bednosti pobreza-GEN	населения, naselenia, população-GEN	а a mas
skoree — skoree - logo	цивилизованности tsivilizovannost-i civilidade-GEN	страны, stran-y, pais-GEN	поддерживающей poddverjivaiuchei apoiar-PPA	своих svoikh seus-A		
граждан grajdan cidadãos	в v PREP	самой драматической samoj dramaticheskoi mais dramático	для них dlia nikh PREP	жизненной jiznennoi 3PLGEN	vida-GEN	
ситуации. situatsii. situação-GEN.	В V PREP	любой liuboi qualquer	стране strane país	мира есть mira est' mundo haver	больные bolnye doentes	
люди, lyudi, pessoas,	которые kotorye que	просто prosto simplesmente	не ne NEG	смог-л-и smog-l-i poder-P-PL	бы жить, by jít' IR viver	
если iesli COND	бы by IR	лекарствами lekarstvami remédio-INS	их ikh 3PLGEN	не обеспечивало ne obespetchivalo NEG	fornecer	

государство.
gossudarstvo.
governo.

São Veteranos da grande Guerra Patriota, inválidos, vítimas de Tchernobil, Heróis da União Soviética ou da Federação Russa. Uma lista de todas as categorias de cidadão que tem direito a remédios gratuitos ocupa mais de 20 folhas impressas. Remédios gratuitos não são indicadores da pobreza da população, mas sim a civilidade

do país que apóia seus cidadãos em sua situação de vida mais dramática. Em qualquer lugar do mundo há pessoas doentes que simplesmente não poderiam viver se o governo não lhes fornecesse remédios.

Aqui, verificamos que a oração *iesli by lekarstvami ikh ne obespetchivalo zocydapcm6o* apenas elabora de forma distinta o que já havia sido dito em contexto anterior e não acrescenta informação realmente nova. Palavras de ativação como *lekarstvo* e *gossudarstvo*, acrescidas da anáfora pronominal contribuem para que o conteúdo veiculado pela oração condicional já esteja no foco de consciência do falante. Isso nos faz acreditar que a informação contida na condicional seja inferível por parte do leitor.

Quanto ao português, chegamos a resultados um tanto semelhantes aos que encontramos em russo. Observe-se o gráfico abaixo:

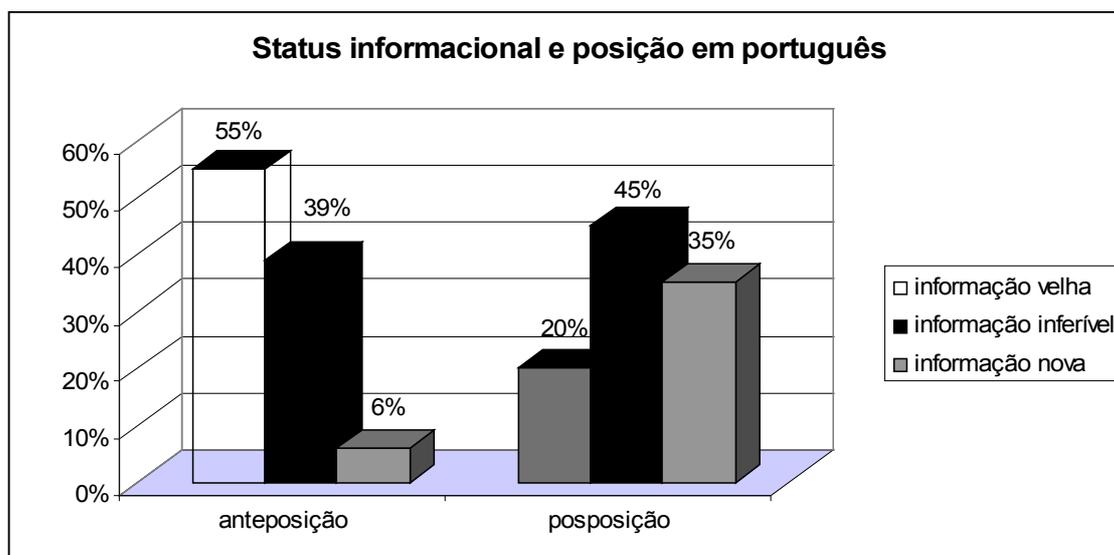


Gráfico 3. Dados referentes à status informacional e posição das orações hipotéticas condicionais em língua portuguesa.

Em português podemos verificar também o alto percentual de orações que veiculam informação inferível. No entanto, observamos também que, diferentemente do russo, o português tende a veicular mais informação velha nas condicionais antepostas do que informação inferível. Talvez o assunto contido nos textos analisados possa

inferir no tipo de informação a ser vinculado, assim como a subjetividade do escritor. Todavia, tais pressuposições não constituem objeto de estudo do presente trabalho.

No que se refere à informação veiculada pelas orações condicionais, podemos verificar convergência entre as línguas analisadas no que se refere ao fato de as condicionais tenderem a apresentar informação já contida em contexto anterior, seja informação velha ou informação facilmente inferível. É possível constatar também que tanto em russo como em português a porção de informação nova geralmente é apresentada nas condicionais pospostas, o que não impede que esta posição também veicule informação velha e inferível. Nesse sentido, podemos afirmar que a tendência das orações condicionais é a de funcionarem como tópico e, como esta categoria, manifestarem-se na primeira posição em relação à sua respectiva oração núcleo. Além disso, podemos afirmar também que a posição da condicional está vinculada ao tipo de informação que a oração introduz no discurso, fazendo referência ao contexto anterior, se anteposta, ou adicionando algum tipo de conteúdo que pode ou não ser elaborado no contexto seguinte, se posposta.

No entanto, como já mencionado acima, tal conclusão se apresenta apenas como uma tendência e por si só não explica totalmente as ocorrências marcadas, uma vez que temos condicionais pospostas veiculando também outro tipo de informação que não constitui informação nova. Por essa razão propomos outros grupos de fatores que serão apresentados e discutidos nos capítulos subseqüentes.

7. COMPLEXIDADE ESTRUTURAL DAS POSIÇÕES MARCADA E NÃO-MARCADA DA ORAÇÃO HIPOTÁTICA CONDICIONAL

Neste capítulo observamos a relação entre o posicionamento das orações hipotáticas nas construções condicionais e a complexidade estrutural da seqüência textual em que elas estão inseridas. Para isso retomaremos o conceito de marcação em lingüística e os critérios adotados por Givón (1995) para a identificação do item não marcado. O que objetivamos aqui é verificar em que medida a posposição da oração hipotática condicional como categoria marcada estaria vinculada à maior complexidade estrutural da seqüência discursiva em que ela está inserida. Assim, dividimos o capítulo em duas partes: na primeira, discutimos a complexidade estrutural sob a perspectiva da marcação e esclarecemos como ela é adotada como grupo de fatores no presente trabalho, e na segunda parte do capítulo, apresentamos os resultados de nossa análise.

7.1. MARCAÇÃO E COMPLEXIDADE ESTRUTURAL

A noção de complexidade estrutural e a forma como ela será utilizada aqui estão intimamente ligadas ao conceito de marcação. Assim, acreditamos ser indispensável retomar algumas considerações sobre esse tema.

Como já sabemos, a marcação é uma ferramenta significativa, quando lidamos com relações de assimetria entre categorias lingüísticas. Para Lakoff (1987) a marcação é um efeito de protótipo que ocorre na linguagem, em que, numa relação de assimetria entre itens da mesma categoria, temos um elemento *default*, que caracterizaria o protótipo daquela categoria, e um ou mais elementos marcados que configurariam itens menos prováveis de representação da categoria em questão. Assim, por exemplo, poderíamos dizer, com base nos resultados referentes à posição da oração hipotática condicional apresentados no capítulo 5, que o protótipo de condicional para posição é a anteposição.

Se levarmos em conta a afirmação de Croft (1990) de que a marcação é uma ferramenta importante também para os estudos em tipologia, na constatação de universais e hierarquias implicacionais, verificaremos que neste trabalho, em que comparamos línguas distintas, a marcação também é de suma importância. No entanto, quais critérios podemos adotar para identificar uma categoria como marcada ou não-marcada na linguagem? Seria a frequência de uso suficiente para concluirmos que a anteposição é realmente a ordem não-marcada em construções condicionais tanto em russo como em português?

Neste caso levamos em consideração Givón (1995), que propõe três critérios (já apresentados no capítulo 1) para a identificação do membro não-marcado no que se refere a uma categoria lingüística qualquer, a saber, *complexidade estrutural*, *complexidade cognitiva* e *frequência de uso*. No que tange a este último critério, identificamos já a anteposição como uso não-marcado, pois como foi possível verificar no capítulo 5, em termos de frequência de uso tanto para o russo como para o português temos maior ocorrência de anteposição da oração hipotática condicional em relação à oração núcleo. Entretanto, desejamos verificar se pelo menos mais um dos critérios apresentados por Givón realmente é consistente ou não no que diz respeito às construções condicionais estudadas neste trabalho.

Assumimos que talvez a complexidade cognitiva das orações condicionais antepostas seja menor do que a complexidade cognitiva das pospostas devido à motivação icônica em muitos dos casos de anteposição. À medida que os eventos descritos nas hipotáticas tendem a acontecer ou acontecem antes dos eventos descritos nas orações núcleo, a tendência é de que as hipotáticas apareçam antepostas, o que demanda menos atenção e esforço cognitivo tanto do enunciador, como do interlocutor.

No entanto, ainda não encontramos método adequado que permita a mensuração da complexidade cognitiva no que se refere à posição das condicionais em seqüências textuais, além do fato de que as utilizações de testes que ajudem a realizar esse tipo de mensuração tomam quantidade de tempo considerável, se realizados juntamente com outros tipos de composição de *corpora*, o que não é possível no caso de uma dissertação de mestrado. Resta-nos, portanto, recorrer à complexidade estrutural.

No que se refere a esse critério também investigado por Givón, levamos em consideração porções maiores do que a construção condicional, vale dizer, a relação entre oração núcleo e hipotática condicional. Observamos o tipo de oração ou orações com as quais se relaciona a hipotática condicional no discurso. Além disso, verificamos se a oração núcleo, ou a construção condicional como um todo, se relaciona estruturalmente com outras orações, nos textos analisados.

Quando temos uma construção condicional inserida numa porção maior de texto podemos verificar que alguns tipos de arranjo são possíveis:

1. A construção condicional apresenta apenas a relação entre uma oração núcleo e uma oração hipotática condicional, sem manifestar relação estrutural com qualquer outra oração da seqüência textual, como ilustram os exemplos (34) e (35):

Russo – Argumenty i Fakty [04-04-2001]

(36)	Если Iesli COND	принимаете prinimaete tomar	в v PREP	день dien dia	по po PREP	полтаблетки, poltabletki, meio comprimido
	вам vam 3PL.DAT	будут bud-ut ser-3PL	выдавать vydavav dar	именно imenno exatamente	по po PREP	15 15 15
	штук. chtuk unidade.					

Se você toma meio comprimido por dia, lhe darão exatamente 15 unidades.

Português – EXTRA [14-11-03]

- (37) Se o governo não botar urgentemente um fim a essa ciranda, não vai sobrar ninguém para contar a história no final.

O que verificamos com os exemplos acima é que, em termos estruturais, a construção condicional apresenta, nesses casos, uma estrutura relativamente simples: temos uma oração núcleo, em (36) *vam budut vydavat imenno 15 chtuk* e em (37) *não vai sobrar ninguém para contar a história no final*; e uma oração condicional, *esli prinimaete v den po poltabletki* em (36), e *se o governo não botar urgentemente um fim a essa ciranda* em (37). A relação estrutural se dá apenas entre esses dois tipos de oração³¹ como podemos verificar no esquema abaixo:

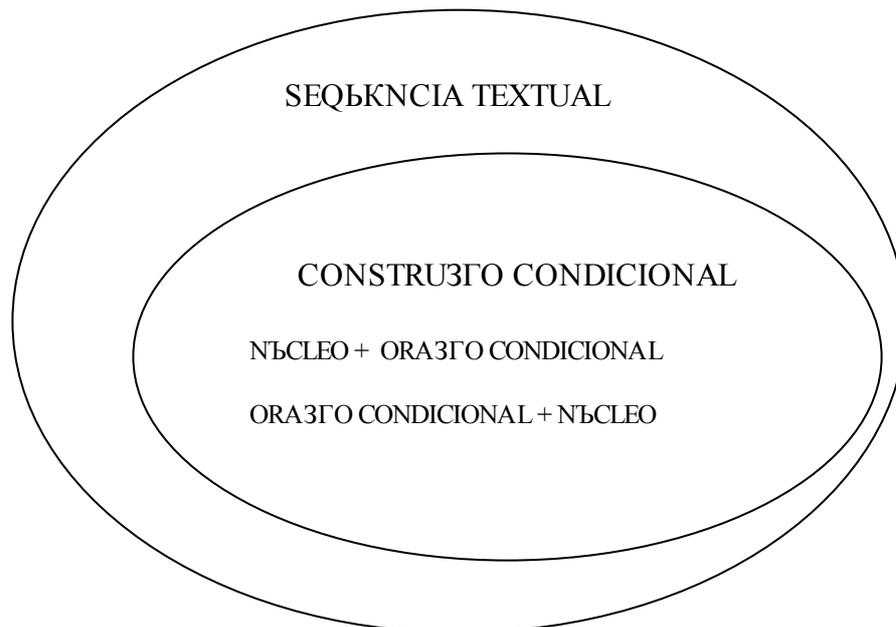


Ilustração 4. Esquema de complexidade estrutural mínima das condicionais no discurso escrito.

2. A construção condicional como um todo funciona como encaixada de uma oração matriz. Em situações como esta é muito comum verificarmos que a anteposição

³¹ Ressaltamos mais uma vez que neste capítulo o que nos interessa é verificar a relação estrutural entre as orações no discurso e não a relação semântica entre os blocos de informação.

é quase categórica em relação à posposição. Podemos ilustrar tal situação com os exemplos (38), (39) do russo e do português respectivamente:

Russo – "Вечерняя Москва" [08–08-2002]

(38)	Считалось, Tchchita-l-o-s, considerar-P-N-REF	что tchto que	если iesli COND	в v PREP	Иванов Ivanov de Ivan
	день den' dia	(7 июня) (7 iunh-ia) (7 junho-GEN)	выпадает vypada-et cair-3.SG	обильная obilnaya abundante	роса — rossa - orvalho
	ождается ojida-et-sya esperar-3.SG-REF	ясный yasnyj claro	солнечный solnetchnyi de sol	день. den' dia.	

Considerava-se que se no dia de Ivan (7 de junho) cai orvalho em abundância, espera-se dia de sol claro.

Português – O GLOBO – [21-07-03]

(39) E o presidente Luiz Inácio Lula da Silva mandou carta aos presidentes de todos os países da América do Sul dizendo que se o continente quiser ser competitivo no mercado da carne bovina tem que erradicar a aftosa.

Com os exemplos fornecidos, é possível perceber que a construção condicional funciona como oração complexa encaixada na oração matriz, no exemplo (36), *stchitalos*, e, no exemplo (37), *dizendo que*. Com isso, é possível propor o esquema, abaixo:

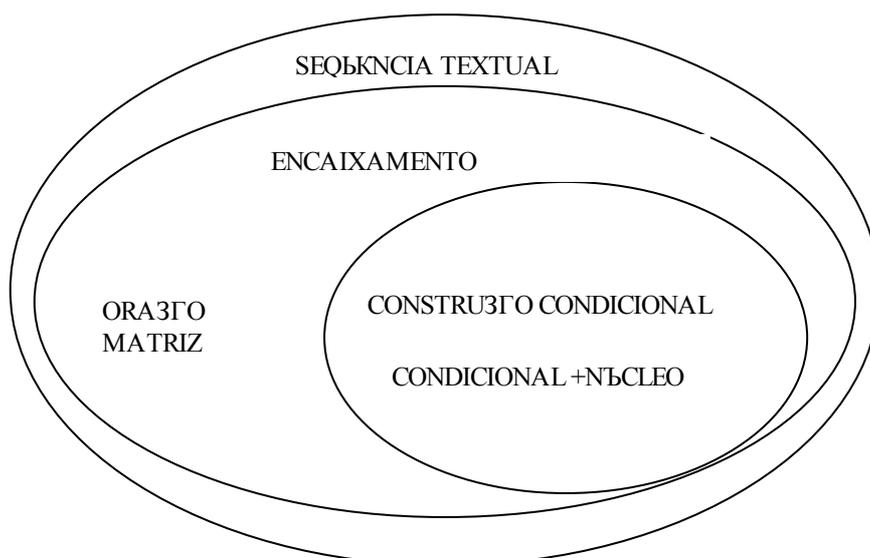


Ilustração 2. Esquema de complexidade estrutural média para as condicionais do russo e do português.

3. A construção condicional pode se relacionar estruturalmente com outras construções, tais como orações paratáticas, ou até mesmo outras hipotáticas, como indicam os exemplos (40) e (41):

Russo – Izvestia [02-07-2002]

(40)	Матовые Matov-ye opaco-PL	фотографии fotografii fotografias	более bolee mais	устойчивы ustoitchiv-y estável-PL	к k PREP	"пальцам", "palts-am" dedos-DAT
	но no mas	если esli COND	вы vy 2SG	предполагаете predpolaga-ete pretender-2PL	потом potom depois	сканировать skanirovat escanear
	изображение, izobrajenie imagem	то to então	лучше lutchche melhor	выбирать vybirat' escolher	глянцеву. gliantsev-u lustrosa-AC	

As fotografias opacas são mais estáveis para os dedos, mas se depois você quiser escanear a imagem, então é melhor escolher a lustrosa.

Português – O GLOBO [01-02-2007]

- (41) Ah! Sim, desculpe, não é justo condenar um jovem de 18 anos a 20 anos de cadeia por causa de um baseado (claro tenho filhos e acho isso razoável), **mas então, se é só um baseado, porque ele não pode fumar na praia ou em casa livremente?**

Nos exemplos apresentados acima podemos verificar que as construções condicionais não se apresentam estruturalmente isoladas no discurso, mas estruturalmente ligadas a outras orações por meio do que Halliday (1985) nomeia *parataxe*, ou seja, relação entre dois ou mais elementos de mesmo status. A construção condicional como um todo, ou parte dela se relaciona por meio de parataxe ou hipotaxe com outra oração. O que temos aqui pode ser melhor apresentado a partir do seguinte esquema:

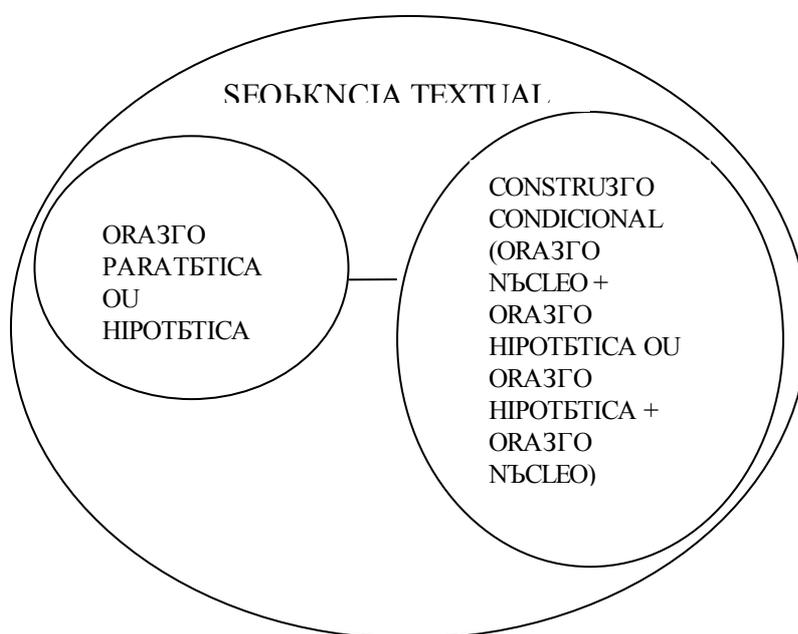


Ilustração 2. Relação entre as construções condicionais e orações paratáticas.

No que se refere ao esquema apresentado acima, pressupomos que a presença do conectivo *mas* na maioria dos casos atrai ou permite que as orações condicionais se

manifestem quase que categoricamente na primeira posição em relação à oração núcleo³². Talvez isso esteja relacionado com fato de o conectivo *mas* expressar à noção de adversidade, na qual se contrapõem idéias, e a introdução de um *mundo alternativo*, logo após a conjunção, seja uma estratégia interessante retoricamente. Por outro lado, conjunções aditivas permitem com mais frequência que a oração condicional se manifeste na segunda posição em relação a sua respectiva oração núcleo como demonstra o exemplo (42) e (43):

Russo – *Nezavissimaya Gazeta* [02-07-2002]

(42)	Впрочем, Vprotchem Aliás	в v PREP	российской rossiisk-oi da Rússia-PRP	компании kompanii compania-PRP	подчеркивают, podtcherkiva-iut, ressaltar-3.PL	
	что tchto que	с s PREP	румынского рынка rumynsk-ogo rynk-a romeno-GEN mercado-GEN	не ne NEG	уходят ukhod-iat sair-3.PL	и i e
	непременно nepremenno sem falta	откроют otkro-iut abrir-3.PL	завод, zavod fábrica	если esli COND	мировая mirovaia mundial	
	конъюнктура koniuntura conjuntura		улучшится. ulutchsh-it-sya melhorar-3.SG-REF			

Aliás, na companhia da Rússia ressaltam que não estão saindo do mercado romeno e sem falta abrirão fábrica, se a conjuntura mundial melhorar.

Português – JB [02-03-07]

- (43) As duas questões tornam-se uma só nas negociações interesseiras, e não será de espantar se chegar-se à conclusão de que o Palácio do planalto voltou a falar em reforma política não para realizá-la seriamente, mas para ter o que barganhar com esses partidos da sua base que querem torpedear a candidatura oficial à presidência da câmara.

³² Existem algumas exceções, geralmente relacionadas à ênfase que o autor deseja dar a oração núcleo.

No exemplo (42) a presença da conjunção *i* pode contribuir para o arranjo do texto que dispõe a oração condicional na segunda posição no que tange à sua núcleo. O mesmo acontece no exemplo (43). Outro fator interessante que opera no exemplo (43) apresentado acima é a complexidade da oração condicional, que se relaciona ainda com outras orações, formando um bloco complexo, que chamaremos neste trabalho de bloco condicional, uma vez que não é só a oração introduzida pela conjunção *se* que se relaciona condicionalmente com a oração núcleo. Tal tipo de construção será discutida mais detalhadamente no item 4 a seguir. É interessante notar que, nas amostras analisadas, tal complexidade de construção do texto foi com muito mais frequência encontrada em língua portuguesa, o que não quer dizer que tal forma de construção do discurso não exista com relativa frequência em língua russa.

4. A oração condicional ou a oração núcleo funcionam como matriz numa relação de encaixamento. Tal tipo de construção é extremamente complexo e permite frequentemente a posposição da condicional em relação a sua respectiva núcleo.

Português – O Globo [21-07-03]

(44) Assim, a decisão é pelo menos precipitada. Pode até se mostrar correta mais adiante, *se* uma avaliação custo/benefício indicar que o dinheiro gasto com a manutenção do dirigível poderia produzir melhores resultados caso fosse empregado, por exemplo, em colocar mais policiais nas ruas.

Podemos perceber a partir do exemplo apresentado que as condicionais antepostas, em português tendem a apresentar maior complexidade estrutural no que diz respeito à relação com outras orações que não a sua núcleo. No exemplo (44), verificamos que a oração hipotática condicional se apresenta como a matriz de uma oração encaixada, que por sua vez se apresenta como núcleo de outra oração condicional, introduzida pela conjunção *caso*. Vejamos o esquema abaixo:

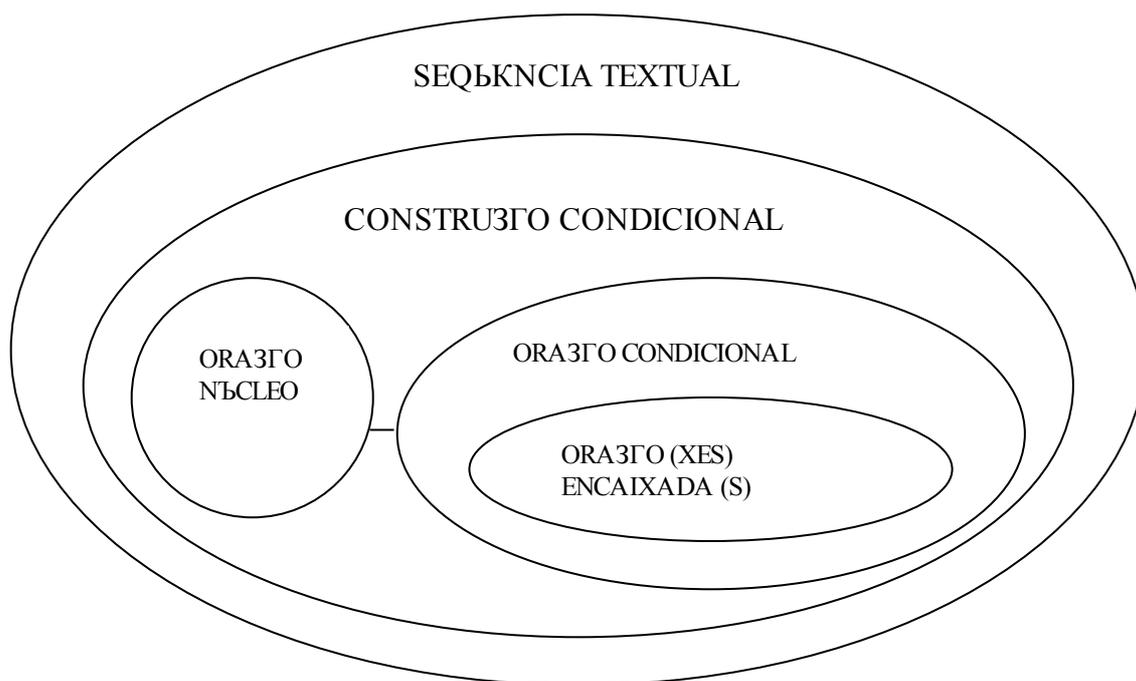


Ilustração 3. Esquema de grau máximo de complexidade estrutural nas orações condicionais³³.

Em contextos complexos como os ilustrados nos exemplos (44), acreditamos que a maneira como a oração hipotática condicional se relaciona com outras orações que não a sua núcleo contribui para a posição em que a condicional se encontra no texto.

A partir dos esquemas de complexidade estrutural apresentados, criamos os fatores que apresentamos abaixo:

1. **Complexidade estrutural baixa:** simples relação de hipotaxe entre a oração núcleo e sua oração hipotática;
2. **Complexidade estrutural média:** a construção condicional como um todo atua como um constituinte de outra oração numa relação de encaixamento;
3. **Complexidade estrutural alta:** a oração hipotática ou a construção condicional se articula com um complexo paratático ou hipotático anterior.

³³ Devemos ressaltar que a oração núcleo também pode funcionar como matriz numa relação de encaixamento, em alguns dos nossos exemplos. Quando isso acontece, também consideramos um caso de complexidade de grau máximo.

4. **Complexidade estrutural de grau máximo:** quando a oração condicional ou sua núcleo funcionam como matriz de outra ou outras orações numa relação de encaixamento.

Com base nos fatores acima enumerados pretendemos chegar a resultados que verifiquem a nossa hipótese. As orações condicionais pospostas tendem a ocorrer em contextos de maior complexidade estrutural. Tal afirmação pode, de forma um tanto diferente, ser encontrada também em Ford & Thompson (1986), quando as autoras afirmam que quando uma condicional ocorre em inglês juntamente com uma nominalização, infinitivo ou oração relativa, a tendência é de que ocorra em posição final.

De certa forma a afirmação apresentada pelas autoras em 1986 se relaciona com a hipótese que propomos para o russo e português, uma vez que contextos de nominalização, infinitivo e orações relativas configuram contextos de encaixamento e portanto, de maior complexidade estrutural. Se tal hipótese for confirmada para o russo e português, daremos mais um passo na confirmação de que realmente a anteposição é o item não marcado tipologicamente e que os contextos de ocorrência marcados podem ser sistematizados.

7.2. RESULTADOS

Ao lidarmos com dados produzidos em situações de comunicação não-artificial, devemos estar preparados, pois nem sempre os resultados encontrados configuram a convergência exata entre hipótese e confirmação. Por isso, devemos trabalhar sempre com a idéia de que, se estamos investigando fenômenos variáveis, os resultados encontrados apresentam uma tendência, não desvendando regras categóricas de

realização, até mesmo porque, se consideramos que a língua, a todo o momento, se desenvolve, apresentando novas estratégias de codificação da informação, não podemos nos enclausurar em concepções fechadas sobre os fenômenos lingüísticos.

No que se refere à questão da complexidade estrutural das construções condicionais, verificamos exatamente esta questão. Os resultados encontrados indicam uma relação interessante entre posposição e maior complexidade estrutural tanto em russo como em português, como veremos a seguir. No entanto, se são interessantes na constatação de que a anteposição é realmente o item não-marcado, não são suficientes para a sistematização uso marcado. Vejamos abaixo os resultados referentes ao russo:

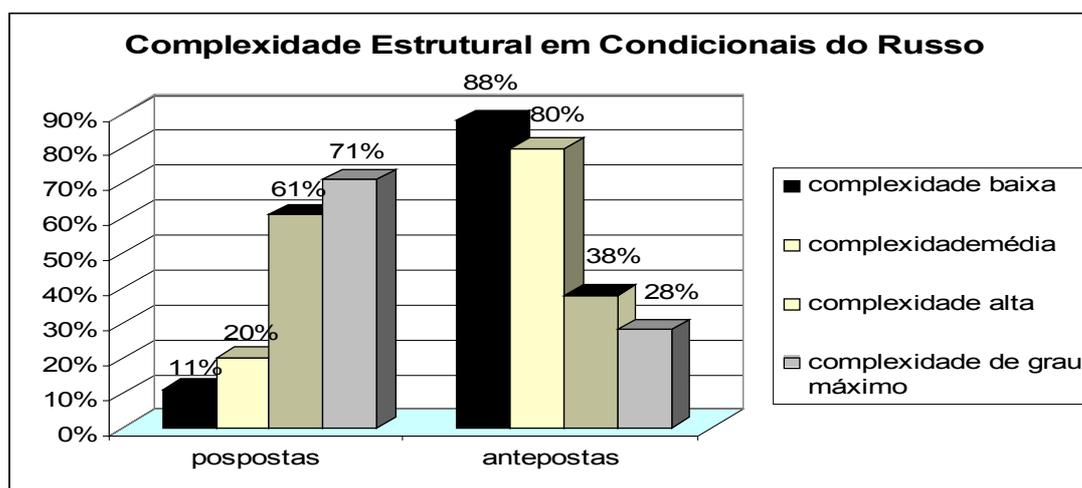


Gráfico 5. Gráfico da complexidade estrutural das condicionais em russo

No gráfico apresentado acima verificamos a distribuição complementar no que se refere aos graus de complexidade estrutural das condicionais e sua posição no discurso. Se por um lado a maioria das orações hipotáticas condicionais tende a ocorrer em contextos de complexidade estrutural baixa, por outro lado, a maioria das condicionais pospostas tende a ser empregada em contextos de complexidade estrutural máximo.

No entanto, podemos verificar que as condicionais pospostas se manifestam também nos diversos contextos de complexidade e, além disso, em frequências de

ocorrência interessantes (que serão apresentadas em breve), o que nos indica a necessidade de investigação mais detalhada, pelo cruzamento e comparação com outros grupos de fatores.

No que tange ao português os resultados são de certa forma semelhantes.

Vejam os gráfico abaixo:

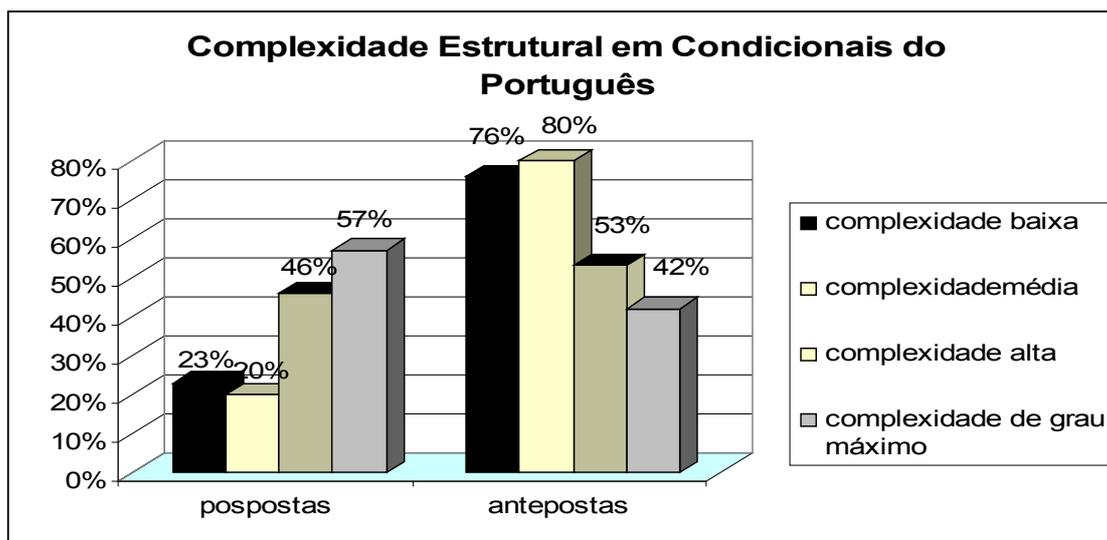


Gráfico 6. Gráfico da complexidade estrutural em condicionais do português

No gráfico apresentado para os dados do português, verificamos algumas semelhanças e diferenças no que se refere ao russo. Enquanto em sua maioria as condicionais antepostas ocorrem em contextos de baixa complexidade, a maioria das pospostas tende a ser empregada em contextos de complexidade estrutural máxima, mas em percentuais menos diversificados do que em relação ao russo. Além disso, verificamos também que mais da metade dos dados de complexidade estrutural alta se manifestam como condicionais antepostas, o que não acontece em russo.

Se levarmos em consideração apenas os percentuais obtidos através de nossa análise quantitativa, verificamos que russo e português apresentam uma relação interessante entre posição e complexidade estrutural, embora em graus diferentes. No entanto, se levarmos em consideração a frequência dos dados poderemos ter uma

compreensão mais abrangente do que realmente ocorre nas línguas analisadas no que tange à complexidade estrutural nas construções condicionais. Observe-se a tabela abaixo:

		Complexidad e Baixa		Complexidad e Média		Complexida de Alta		Complexidade de grau máximo	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Russo	Ant	118	88	4	80	7	38	2	28
	Posp	16	11	1	20	11	61	5	71
Português	Ant	70	76	8	80	17	53	8	42
	Posp	21	23	2	20	15	46	11	57

Tabela 4. Tabela de resultados para a complexidade estrutural das construções condicionais em russo e em português.

Com base na tabela acima é possível verificar que, tanto em russo como em português, a maior parte das construções condicionais ocorre em contextos de maior simplicidade estrutural e que a ocorrência de outros contextos de complexidade é relativamente baixa. Entretanto, quando tais contextos ocorrem, principalmente os contextos de maior complexidade, permitem a manifestação de orações condicionais pospostas na construção condicional. Tal afirmação nos permite concluir que a complexidade estrutural pode ser utilizada como fator que contribui para a identificação do item não-marcado na linguagem no que se refere à posição das orações hipotáticas condicionais.

No que diz respeito ao russo, podemos verificar que a complexidade estrutural atua de forma importante. No que tange ao português verificamos que a complexidade estrutural contribui para a identificação do item não marcado, mas em si não apresentou significados tão significativos como no russo. Podemos afirmar que tal grupo de fatores

requer a conjugação de outros grupos de fatores para a sistematização do uso da forma marcada em português.

8. DOMÍNIO, MODO E FOCALIZAÇÃO

Neste capítulo discutimos os grupos de fatores que não se mostraram relevantes em termos quantitativos para a explicação das ocorrências marcadas no que diz respeito à variação posicional da oração hipotática nas construções condicionais. Aqui nos restringimos apenas as ocorrências marcadas e verificamos todas as possibilidades de manifestação das condicionais pospostas, de acordo com os grupos de fatores utilizados. O capítulo está dividido em três partes: na primeira, discutimos o domínio cognitivo das condicionais, na segunda analisamos a combinação tempo-modo-aspecto nesse tipo de construção e na terceira estudamos algumas partículas que ocorrem nas orações núcleo das construções condicionais e que podem propiciar a ocorrência da posição marcada.

8.1. DOMÍNIO COGNITIVO

O grupo de fatores *domínio cognitivo* foi criado com base na hipótese de que o domínio em que a construção condicional se apresenta poderia influenciar a disposição da oração hipotática condicional em relação a sua núcleo. No entanto, a análise quantitativa não indicou resultados que permitissem uma afirmação consistente nesse sentido. Por isso, tomamos cada uma das ocorrências marcadas tanto em russo como em português e verificamos os domínios em que ocorrem, bem como a possibilidade de inversão da ordem das orações na construção condicional a depender do domínio. Antes de apresentar a análise em si, retomemos a concepção de domínio cognitivo proposta por Sweetser em 1990, e retomada em Sweetser (1996), e Dancingyer & Sweetser (2002)

Podemos verificar que as condicionais são utilizadas para falar de coisas relacionadas, apresentando-se em diversos domínios de interpretação semântico-

pragmática (Neves 1999). Segundo Sweetser (1990) elas podem se manifestar nos domínios de *conteúdo*, *epistêmico* e *de ato de fala*.

Como já dito no capítulo 3, no domínio de conteúdo, a informação codificada na oração hipotática condicional capacita, causa ou possibilita o evento descrito na oração núcleo. No domínio epistêmico, verificamos que a proposição expressa na oração hipotática condicional funciona como uma premissa para o que é afirmado na oração núcleo. No domínio de ato de fala, o ato de fala apresentado na oração núcleo está condicionado ao estado de coisas descrito na oração hipotática.

No que se refere ao português foi possível constatar que, nos gêneros textuais analisados, os domínios cognitivos apresentam distribuição interessante. Quase metade das construções encontradas ocorre no domínio de conteúdo. Além disso, se analisarmos os domínios levando em consideração a posição da oração hipotática condicional em relação à núcleo, observaremos aspectos ainda mais interessantes, os quais, se não explicam categoricamente as ocorrências marcadas, servem para indicar uma tendência de ocorrência. Observe-se a tabela abaixo:

Domínio	Anteposição da oração hipotática condicional		Posposição da oração hipotática condicional.		Total	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Domínio de conteúdo	39	58	28	41	67	44
Domínio epistêmico	40	72	15	27	55	36
Domínio de ato de fala	23	76	7	23	30	19

Tabela 2. Resultados referentes a domínio cognitivo e posição da oração hipotática em português.

O que temos na tabela apresentada são os resultados referentes à posição da oração hipotática condicional, ao domínio em que a construção como um todo se apresenta, bem como os percentuais gerais de ocorrências de construções condicionais

nos domínios. Podemos observar que, para a anteposição, os percentuais estão dispostos de forma crescente, enquanto que os percentuais para a posposição, de forma decrescente. Se observarmos os percentuais gerais, verificaremos que as condicionais de conteúdo assumem papel de destaque no que diz respeito ao padrão de ocorrência geral de construções condicionais (44%). No que diz respeito a este domínio, as distinções entre anteposição e posposição não são tão acentuadas. Por outro lado, observamos que as orações hipotáticas condicionais utilizadas em domínio epistêmico e de ato de fala apresentam distribuição semelhante entre si: em geral ocorrem antepostas, e mais raramente pospostas. Nesse sentido, podemos afirmar que o percentual maior de construções condicionais que apresentam a oração hipotática anteposta ocorrendo em domínio epistêmico se deve à distribuição de informação na seqüência textual. Se, como afirma Sweetser (1990), no domínio epistêmico a oração hipotática condicional funciona como uma premissa e, portanto, conhecimento compartilhado para o que é dito na oração núcleo, é natural que neste tipo de domínio as hipotáticas apareçam antepostas na construção condicional. Vale lembrar que assumimos que seja também natural que a informação velha ou compartilhada se apresente na primeira posição de uma seqüência textual. Nas condicionais de ato de fala, talvez as estratégias retóricas do escritor, quando este quer questionar, aconselhar, desejar ou fazer uma proposta para o que é dito no texto, assumam algum papel no posicionamento da oração hipotática³⁴.

O que é interessante perceber é que o domínio de conteúdo permite maior ocorrência de condicionais pospostas do que os outros domínios. Talvez isso esteja associado ao fato de o domínio de conteúdo lidar com fatores de natureza mais concreta, pois relaciona eventos do mundo real. Assim, a possibilidade de ocorrência de

³⁴ Não constam em nossos grupos de fatores as estratégias retóricas utilizadas pelo escritor. Noções como ênfase, experiencição do conteúdo descrito na condicional por parte do escritor, entre outros fatores contidos em Gryner (1990) não foram verificados na presente dissertação, o que indica a complexidade do assunto abordado e a necessidade de investigações futuras sobre o presente tema.

seqüências marcadas é maior do que em outros domínios. Podemos verificar isso em português a partir dos exemplos abaixo:

Português – JB [21-04-07]

(45) Uma empresa pode ficar até cinco anos sem participar de licitações **se for pega doando dinheiro para algum candidato.**

Português – Extra [19-12-03]

(46) Um estigma que agora pode ser relegado ao esquecimento **se as novas regras forem, de fato, cumpridas.**

Conforme é possível perceber nos exemplos supracitados, nas condicionais de conteúdo temos uma relação entre eventos do mundo real, em que o evento descrito na oração hipotática condicional pode causar ou proporcionar a realização do evento descrito na oração núcleo. Em (45) o flagrante na empresa que doa dinheiro para deputado proporciona o castigo que se configura como impedimento de participação de licitações. Em (46) o cumprimento de regras novas pode fazer com que um estigma seja relegado ao esquecimento.

Em russo podemos verificar a mesma tendência no que diz respeito à maior ocorrência de construções condicionais no domínio de conteúdo. No entanto, quando observamos os resultados referentes a esta língua, percebemos que os percentuais de ocorrência da ordem marcada de acordo com os domínios são mais acentuados. Observe-se a tabela abaixo:

Domínio	Anteposição da oração hipotática condicional		Posposição da oração hipotática condicional.		Total	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Domínio de conteúdo	58	69	25	30	83	49
Domínio epistêmico	51	94	3	5	54	32
Domínio de ato de fala	25	83	5	16	30	17

Tabela 3. Resultados referentes a domínio cognitivo e posição da oração hipotática em russo.

De acordo com a tabela apresentada verificamos que em orações hipotáticas condicionais pospostas, assim como no português, a frequência maior é de condicionais de conteúdo. Os exemplos (47) e (48) ilustram essa afirmação:

Russo – Nezavissimaya Gazeta [25-11-2001]

(47) две трети россиян не испытают большого
 dve treti rossian ne ispyta-yut bolchovo
 dois terços russo.GEN.PL NEG sentir-3.PL grande

сожаления, **если** канал будет закрыт.
 sojalenia, iesli kanal budet zakryt.
 tristeza, COND canal ser-3.PL fechar.PP

dois terços dos russos não sentirão grande tristeza, se o canal for fechado.

Russo – Izvestia [25-11-2001]

(48) Больше всего телезрители пострадают, **если**
 Bolche vsego telezritel-i po-strada-yut iesli
 mais tudo-GEN telespectador-PL PE-sofrer-3.PL COND

в одно целое превратятся OPT
 v odn-o tseloe prevrat-yat-sya OPT
 PREP um-N inteiro transformar-3.PL-REF ORT

и ПТП (эта идея все еще
 i PTP (eta ideia vse eche
 e RTR esta idéia tudo ainda

существует).
suchestvuet).
existir-3.PL

Mais do que tudo os telespectadores sofrerão, se ORT e RTR se transformarem em um só (esta idéia ainda existe).

Além disso, observamos que o percentual de orações hipotáticas pospostas no domínio epistêmico é muito menor do que em português e ainda menor que o percentual de orações hipotáticas pospostas no domínio de ato de fala. As razões para a maior ocorrência de orações hipotáticas condicionais em domínio de conteúdo em língua russa possivelmente são as mesmas observadas para o português. No entanto, podemos observar que tais resultados indicam apenas uma tendência e não se configuram como regras categóricas. A posição marcada também ocorre em condicionais epistêmicas e de ato de fala, mas em frequência muito menor do que em língua portuguesa.

8.2. COMBINAÇÃO DE MODO

Ao analisarem a transitividade em narrativas de diversas línguas do mundo, Hopper & Thompson (1982) defendem que a transitividade é um objeto de investigação que envolve a oração como um todo e, assim, propõem diversos fatores que permitiriam avaliar o grau de transitividade de uma oração particular. Tais fatores variam desde questões que se referem ao número de participantes na oração até aspectos relacionados à individuação do objeto.

Neste trabalho, a análise das construções condicionais em russo e em português, sob o prisma dos parâmetros sugeridos por Hopper e Thompson (1982, 2001), mostrou que apenas dois são relevantes para a análise da variação posicional das condicionais: modo e aspecto. Face a esses resultados estatísticos, decidimos modificar o foco de nossa análise e verificar também como a categoria lingüística tempo (a qual não consta

dos fatores propostos por Hopper & Thompson) se manifesta nesse tipo de construção. No entanto, os tais grupos de fatores não se demonstraram quantitativamente relevantes para a explicação da posição marcada em construções condicionais do russo e do português, à exceção do grupo de fatores modo.

A conexão modo-temporal em construções condicionais do português tem sido investigada já há alguns anos por Gryner (1990, 1995, 2003), numa perspectiva sociolingüística, e por Ferrari (1999, 2006), numa perspectiva cognitivista. Gryner constatou que a conexão modo-temporal contribui para a diferenciação entre condicionais factuais, potenciais e contra-factuais na construção condicional e que as variações no uso das categorias de tempo e modo presentes nessas diferentes proposições estão relacionadas ao envolvimento do falante com aquilo que é dito. De certa forma, tal perspectiva se relaciona com o que a Lingüística Cognitiva denomina postura epistêmica, ou seja, a associação ou dissociação do mundo descrito na prótase por parte do falante. Nesse sentido, Ferrari (1999, 2006) tem constatado que no português as condicionais de conteúdo apresentam postura epistêmica positiva, como na oração *Se chover não vou ao cinema*, e neutra, como, por exemplo, na oração *Se chovesse não iria ao cinema*.

No entanto, nos trabalhos que verificam a conexão modo-temporal em português não é possível se chegar a qualquer conclusão sobre a maneira como a conexão modo-temporal está associada à posição das orações que compõem a construção condicional numa seqüência textual e até mesmo se essa influência de fato existe. No presente trabalho, como um dos itens de investigação, desejamos verificar a forma como os verbos da oração hipotática condicional e da oração núcleo se combinam na construção condicional e como tal combinação se manifesta em construções condicionais marcadas.

A língua portuguesa exhibe uma grande variedade de marcas formais que explicitam tempos verbais, se comparada com a língua russa: *presente*, *pretérito imperfeito*, *pretérito perfeito*, *pretérito-mais-que-perfeito*, *futuro do presente* e *futuro do pretérito*, no modo indicativo; *presente*, *pretérito imperfeito*, *pretérito-mais-que-perfeito* e *futuro*, no modo subjuntivo. Nas orações condicionais da amostra referente ao português foi possível encontrar grande quantidade dos tempos verbais apresentados acima. Quanto ao russo, existem apenas três tempos verbais marcados morfologicamente: *presente*, *passado* e *futuro*.

No que se refere ao modo, podemos verificar que russo e português não são tão diferentes. Se em português temos tradicionalmente os modos indicativo, subjuntivo e imperativo, em russo temos os modos indicativo, condicional³⁵ e imperativo.

No que diz respeito ao aspecto, observamos que em russo há um sistema de marcação morfológica, distinto do português, que se faz por meio do acréscimo de prefixos e sufixos variados, os quais atribuem ao verbo determinadas nuances aspectuais, que tradicionalmente são conhecidas como *perfectivo* e *imperfectivo*³⁶. No português o aspecto em certo ponto se mescla com a categoria tempo, na medida em que temos várias formas de pretérito que em si já apresentam noções aspectuais, como, por exemplo, o *pretérito imperfeito*, que claramente se relaciona com o aspecto *imperfectivo*³⁷. O que podemos concluir a partir disso é que a chamada distinção temporal perfeito-imperfeito é, na realidade, uma distinção aspectual³⁸. Além disso, o

³⁵ No que se refere ao modo condicional em russo, adiciona-se a partícula *by* à oração para se atribuir o modo *irrealis*. Quando este modo é empregado em construções condicionais, é natural encontrarmos concordância entre oração núcleo e condicional, ou seja, a partícula *by* deve estar presente em ambas as orações.

³⁶ Para discussão mais aprofundada sobre a organização do sistema aspectual em russo conferir Botelho Pereira (1986).

³⁷ Para discussão mais detalhada a respeito do funcionamento da categoria aspecto em língua portuguesa, conferir Travaglia (2005).

³⁸ Diversos trabalhos em língua portuguesa vêm investigando a questão do aspecto, dentre os quais vale ressaltar Castilho (1967), Travaglia (1981) e o trabalho de Soares (1987), o qual compara a semântica do aspecto verbal em russo e em português.

português apresenta um sistema rico de locuções verbais que contribuem para a expressão do aspecto, diferentemente do que acontece em língua russa³⁹.

Observem-se alguns exemplos de como tempo modo e aspecto se comportam nas condicionais das línguas analisadas:

Português – JB [21-09-06]

(49) Se o Rio **fosse** um país, **seria** como a Grécia.

Português – JB [21-07-02]

(50) Mas nenhuma ação social **terá** êxito no país se a inflação **fugir** do controle.

Português – O GLOBO [12-02-07]

(51) O gasto também aumentou: se alguém **tem** uma reunião cedo em outra cidade, **prefere** viajar no dia anterior, dormir num hotel, e isso só aumenta os custos das empresas.

Russo – Izvestia [15-10-2001]

(52)	если Esli COND	американцы amerikantsy americanos	переусердствуют в pereusserdstvu-iut v exceder-se.IM – 3.PL PREP	в v PREP	применении primeneni-i emprego-PRP	
	оружия, orujiia arma-GEN	то to então	северяне severiane do norte	вполне vpolne plenamente	могут mogut poder.IM-3PL	
	перейти pere-iti PE.trans-ir	на na PREP	сторону storon-u lado-AC	талибов — talibov taliban	совместно sovместno junto	бороться borotsa lutar
	с s PREP	"неверными". "nevernymi". infiéis-INS				

Se os americanos se excedem no emprego de armamento, então os do norte podem plenamente passar para o lado do taliban – juntos lutar contra os infiéis.

³⁹ Em língua russa as locuções verbais se fazem na maioria dos casos com o verbo *byt'* geralmente para marcar o que chamam de futuro composto. Além disso, temos também o verbo *stat'*, que marca o início da ação e o verbo *motch'*, que funciona como um modal epistêmico como é possível conferir em Kuteva (2001). No entanto, em termos de frequência como apresenta Khrakovski 2005, locuções com o verbo *stat'* são bem menos frequentes do que o processo de prefixação e sufixação que atribuem noções aspectuais ao verbo.

Russo – Argumenty i Fakty [06-06-2001]

(53)	Примите Prim-ite Tomar-IMPR	лекарства, lekarstva, remédios	понижающие ponijaiuchie que diminuem-PART		давление, davlenie, pressão	
	если iesli COND	вам vam 2.PL.DAT	их ikh 3.PL	уже uje já	назначали naznatchi-l-i indicar-P-PL	ранее. ranee anteriormente.

Tome remédios que baixam a pressão, se já lhe indicaram anteriormente.

Russo – Izvestia [20-11-2001]

(54)	Если Iesli COND	бы by IRR	я ia 1.SG	знал, zhal, saber.IMP-P	что tchto que	"Chopard" "Chopard" Chopard	просто prosto simplesmente
	делает delaiet fazer.IMP-3.SG		красивые krassiv-ye bonito-PL	вещи, vesh-i, coisa-PL	я ya 1.SG	бы, by, IRR	может mojet poder-3.SG
	быть, byt, ser	поступил postupi-l agir.PER-P	по-другому. po-drug-omu. PREP-outro-DAT.				

Se eu soubesse que "Chopard" só faz coisas bonitas, eu talvez agisse de outra forma.

No que tange aos exemplos do português, temos em (49) uma condicional contrafactual marcada pela combinação *pretérito imperfeito do subjuntivo* na hipotática condicional (*fosse*) e *futuro do pretérito do indicativo* na oração núcleo (*seria*). Além disso, temos verbos com aspectos imperfectivos em ambas as orações da construção condicional. Em (50) temos uma combinação *futuro do presente do indicativo* (*terá*) na oração núcleo e *futuro do subjuntivo* na condicional (*fugir*), que contribui para marcar a idéia de potencialidade. No exemplo (51) temos uma combinação *presente do indicativo* na condicional (*tem*) e *presente do indicativo* na núcleo (*prefere*) para marcar a hipótese provável do fato descrito na construção. Vale dizer também que os verbos de

núcleo e condicional do presente exemplo também se caracterizam por serem imperfectivo.

No que se refere ao russo, temos, no exemplo (52), o presente do indicativo e, portanto aspecto imperfectivo⁴⁰, operando tanto na condicional (*pereusserdstvuiut*) como na oração núcleo (*mogut*), o que permite uma leitura potencial, marcada também pelo modal na oração núcleo. Em (53), temos um imperativo na oração núcleo (*primite*) e na condicional, temos um verbo no passado do indicativo no aspecto perfectivo (*naznatchili*). O exemplo (54) nos apresenta uma construção condicional contrafactual, em que na oração condicional temos um verbo no passado, no aspecto imperfectivo (*znal*), acrescido da partícula de modo condicional (*by*), e na oração núcleo também temos a partícula condicional acrescida a um verbo de aspecto perfectivo no passado (*postupil*).

Os exemplos apresentados servem para mostrar a gama de possibilidades de combinações distintas que, por sua vez, envolvem a veiculação de significados distintos. O que procuramos investigar neste trabalho, no entanto, é o efeito da correlação tempo-modo aspecto sobre a posição da oração hipotática. Para isso, isolamos as construções com orações hipotáticas na posição marcada e, uma a uma, verificamos as combinações de tempo, modo e aspecto.

Nas construções condicionais com oração hipotática posposta do português foi possível constatar que tempo e aspecto se manifestam de maneira muito variada e não constituem grupos de fatores confiáveis que contribuem para a explicação do uso das construções condicionais marcadas. No entanto, o modo se demonstrou como grupo de fatores relevante tanto em russo como em português.

Observe-se a tabela com os resultados referentes ao português:

⁴⁰ Em russo o presente do indicativo, sem exceção, sempre será expresso por um verbo marcado como imperfectivo.

Modo na oração núcleo	Posição da oração hipotática	Modo realis na oração hipotática		Modo irrealis na oração hipotática		Total de ocorrências	
		Freq	%	Freq	%	Freq	%
Realis	Anteposição	44	83	31	50	75	65
	Posposição	9	17	31	50	40	35
Irrealis	Anteposição	1	100	20	71	21	72
	Posposição	0	0	8	29	8	28
Total	Anteposição	45	83	51	57	96	67
	Posposição	9	17	39	43	48	33

Tabela 4. Resultados referentes a modo e posição da oração hipotática em português.

As construções que combinam modo *realis* tanto em oração núcleo como em oração hipotática favorecem a anteposição da hipotática, sem eliminar, todavia, a possibilidade de posposição. A correlação *irrealis* na núcleo e *realis* na hipotática é de ocorrência praticamente nula. O único dado ocorre na posição não marcada. A correlação *irrealis* com *irrealis* favorece a anteposição, sem eliminar a possibilidade de posposição. A correlação *realis* na núcleo e *irrealis* na hipotática leva a anulação dos resultados observados para as outras combinações: as percentagens são rigorosamente iguais. A partir daí podemos fazer as seguintes afirmações:

1. As orações hipotáticas das construções cujos segmentos compartilham o mesmo modo tendem a ocorrer antepostas;
2. As orações hipotáticas das construções cujos segmentos não compartilham o mesmo modo ou são de ocorrência quase nula ou tendem a nivelar as duas posições. Para elas parece não ser possível identificar uma posição marcada.
3. A combinação mais comum em ocorrências marcadas é *realis* (oração núcleo) *irrealis* (oração hipotática);
4. Se o modo for interpretado isoladamente na oração hipotática e não em combinação com o modo da oração núcleo, verificamos maior ocorrência de modo *realis* na hipotática posposta do que do modo *irrealis*.

Agora se observem os resultados referentes ao russo:

Modo na oração núcleo	Posição da oração hipotática	Modo <i>realis</i> na oração hipotática		Modo <i>irrealis</i> na oração hipotática		Total de ocorrências	
		Freq	%	Freq	%	Freq	%
<i>Realis</i>	Anteposição	116	83	6	75	122	82
	Posposição	24	17	2	25	26	18
<i>Irrealis</i>	Anteposição	0	0	6	46	6	46
	Posposição	0	0	7	54	7	54
Total	Anteposição	116	83	12	57	128	80
	Posposição	24	17	9	43	33	20

Tabela 5. Resultados referentes à categoria modo e a posição da oração hipotática em russo.

Assim como em português, os resultados referentes ao russo indicam que a combinação *realis* nas orações núcleo e hipotática favorece a anteposição. Além disso, a correlação *irrealis* na oração núcleo e *realis* na hipotática é nula, resultado muito parecido com o português. A presença do modo *irrealis* na duas orações manifesta resultados próximos a 50% para posposição e anteposição (54% e 46% respectivamente). E por fim a combinação *realis* na oração núcleo e *irrealis* na hipotática favorece a anteposição.

Diferentemente do português, observamos que em russo a manifestação do modo *realis* tanto em oração núcleo como em hipotática é muito mais concentrada do que em português, língua na qual verificamos um equilíbrio maior nas correlações entre modo *realis* e *irrealis*. É possível identificar também que em russo a concordância *irrealis/irrealis* é praticamente idêntica em condicionais pospostas e antepostas, apresentando-se frequência levemente maior para a posposição, o que não acontece em português.

Diante das afirmações apresentadas, é possível propor três combinações mais prováveis de correlações de modo nos verbos de oração núcleo e hipotática da

construção condicional, as quais apresentam graus distintos de freqüências nas línguas analisadas e que por isso são listadas em ordens distintas na figuras abaixo:

Português	
Oração núcleo	Oração hipotática
Realis	Realis
Realis	Irrealis
Irrealis	Irrealis

Ilustração 7. Combinações de modo mais prováveis nas construções condicionais do português

Russo	
Oração núcleo	Oração hipotática
Realis	Realis
Irrealis	Irrealis
Realis	Irrealis

Ilustração 8. Combinações de modo mais prováveis nas construções condicionais do russo

8.3. PARTÍCULAS DE FOCALIZAÇÃO.

Nesta seção apresentamos os resultados para análise da ocorrências marcadas do russo e do português, levando em consideração as marcas de focalização presentes nas orações hipotáticas. Durante a pesquisa realizada, verificamos que, em muitas das ocorrências marcadas do português, a oração núcleo apresentava algum tipo de marcador que parecia se correlacionar com a posposição da oração hipotática. Observe-se o exemplo (45) já mencionado neste capítulo:

Português – JB [21-04-07]

- (45) Uma empresa pode ficar **até** cinco anos sem participar de licitações se for pegando dinheiro para algum candidato.

Em (45) podemos verificar a presença da preposição *até* que marca o tempo limite para que uma empresa fique sem participar de licitações. Se mudássemos a ordem

da oração hipotática condicional nessa construção o sentido não se alteraria como é possível verificar no exemplo (55):

(55) se for pega doando dinheiro para algum candidato, uma empresa pode ficar até cinco anos sem participar de licitações.

No entanto, se tomarmos o exemplo (56) em que temos a presença da partícula de ênfase *só*, verificaremos que a alteração da ordem das orações na construção condicional é questionável ou pelo menos estranha:

Português – O Globo [23-10-04]

(56) A punição é um recurso extremo e **só** tem sentido se for precedida e acompanhada de ações educativas;

(56. b) A punição é um recurso extremo e, se for precedida e acompanhada de ações educativas, **só** tem sentido;

Acreditamos que a estranheza de (56. b) se deve à presença do marcador de ênfase *só*, comum em orações núcleo de construções condicionais que codificam a oração hipotática na última posição. O mesmo acontece com exemplo (57):

Português – Extra [21-09-03]

(57. a) Foi alertado de que **só** conseguiria ser atendido se chegasse na véspera;

Ao mudarmos a posição da oração hipotática, teremos uma construção estranha como é possível ver em (57.b):

(57. b) Foi alertado de que se chegasse na véspera, só conseguiria ser atendido.

O mesmo acontece nos exemplos (58.a) e (58.b):

Português – O Globo [29-10-03]

(58.a) Nas sociedades em transformação, as instituições **só** se legitimam se forem capazes de, honestamente, aferir os desejos e necessidades dos cidadãos e trabalhar para que lhes seja dado um estatuto legal.

(58.b) Nas sociedades em transformação, se forem capazes de, honestamente, aferir os desejos e necessidades dos cidadãos e trabalhar para que lhes seja dado um estatuto legal, as instituições só se legitimam.

O que é possível perceber, além da presença do elemento *só*, é que os contextos apresentados se caracterizam também pela maior complexidade estrutural da seqüência em que a condicional se apresenta. Nesse sentido, talvez possamos dizer que há uma comunhão de fatores que favorecem o posicionamento da hipotática condicional na segunda posição em relação a sua núcleo.

Todavia, contextos de menor complexidade estrutural que apresentam o elemento *só* também favorecem o posicionamento da hipotática na segunda posição, como podemos ver em (59. a):

Português – JB [11-01-07]

(59. a) Pela Constituição, Chávez **só** continua na presidência se sobreviver ao referendo - instrumento legal com que seus adversários pretendem encurtar drasticamente o seu mandato.

(59. b) Pela constituição, se sobreviver ao referendo - instrumento legal com que seus adversários pretendem encurtar drasticamente o seu mandato – Chavez *só* continua na presidência.

Em (59. b), a inversão da ordem da oração hipotática condicional soa estranha com a presença do elemento de ênfase *só* na oração núcleo. No entanto, em alguns contextos o elemento *só* pode aparecer na oração núcleo e a hipotática pode livremente aparecer na primeira posição, como ilustra o exemplo (61):

Português – JB – [06-01-07]

(60) se você é detido com quantidade “X” é só usuário, então a pena é bem leve;

Em (60) a possibilidade de realização da hipotática condicional na primeira posição, e sem estranhamento por parte de quem a lê, está relacionada com a presença do verbo *ser* na oração núcleo.

Em russo, a ênfase também é marcada por palavras focalizadoras presentes na oração núcleo. O funcionamento é muito semelhante ao do *só* na oração núcleo das condicionais do português. Observem-se os exemplos abaixo:

Russo – Vetcherniaia Moskva [20-03-03]

(61. a) Ноябрьский раунд переговоров
Noyabrskii raund peregovorov
de novembro round negociação-GEN

может	стать	последним	лишь	в	том
moj-et	stat	posledn-im	lich	v	tom
poder-3.SG	tornar-se	ultimo-INST	somente	PREP	aquele

случае, slutchae, caso	если iesli COND	европейцы evropeit-sy europeu-PL	резко rezko bruscamente	поднимут podnimut levantar-3.PL
------------------------------	-----------------------	--	-------------------------------	---------------------------------------

планку.
planku.
chapa

O round de negociações de novembro pode se tornar o último somente se os europeus bruscamente levantarem a chapa.

No exemplo (62. a), percebemos a presença da partícula *lich* que assume a mesma função focalizadora que o *só* do português. Verificamos que a mudança da ordem causa estranhamento na leitura da construção, como também veremos agora em (61. b):

(61.b) Если Iesli COND	европейцы evropeit-sy europeu-PL	резко rezko bruscamente	поднимут podnimut levantar-3.PL		
планку, planku, chapa	ноябрьский Noyabrskii de novembro	раунд raund round	переговоров peregovorov negociação-GEN		
может moj-et poder-3.SG	стать stat tornar-se	последним posledn-im ultimo-INST	ЛИШЬ lich somente	В v PREP	ТОМ tom aquele

случае.
Slutchae
caso

Se os europeus bruscamente levantarem a chapa, round de negociações de novembro pode se tornar o último somente.

Os exemplos do russo apresentados em (61. a) e (61.b) podem suscitar discussão porque a tradução não representa exatamente o que acontece em língua russa. Em russo é muito comum termos o tipo de construção apresentado acima como a forma *v tom slutchae, esli*. As gramáticas tradicionais da língua russa tendem a interpretar cada constituinte em separado e não como uma construção em processo de gramaticalização

(uma série de formas gramaticais dando origem a uma nova conjunção) e por isso interpretam que *v tom slutchae* pertence à oração núcleo e *iesli* pertence à oração hipotática. Se temos o advérbio *lish* fica mais difícil fazermos a inversão, a não ser que utilizemos uma estrutura parentética como expresso em (61. c):

(61. c) Лишь	в	том	случае,	если	европейцы
Lich	v	tom	slutche,	iesli	evropeit-sy
Somente	PREP	aquele	caso	COND	européu-PL
резко	поднимут,	ноябрьский		раунд	
rezko	podnimut	noiabrskii		raund	
bruscamente	levantar-3.PL	de novembro		round	
переговоров		может	стать	последним	
peregovorov		mojet	stat	posledn-im	
negociação-GEN.PL		poder-3PL	tornar-se	último-INST.	

Somente se os europeus levantarem bruscamente a chapa, o round de negociações pode se tornar o último.

As seqüências apresentadas acima, exemplares de outras encontradas nos *corpora*, sugerem que existe uma correlação entre presença de partículas de foco e posição da oração hipotática e que tal correlação pode ser utilizada como uma das evidências de que as orações hipotáticas condicionais pospostas são empregadas em contextos específicos, a depender também da necessidade comunicativa do escritor. No próximo capítulo, buscamos relacionar todos os grupos de fatores apresentados até o momento, apresentando uma análise apenas das ocorrências marcadas das orações condicionais.

9. AS CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS EM RUSSO E EM PORTUGUÊS – ANÁLISE GERAL

Nos três capítulos anteriores analisamos em separado cada grupo de fatores proposto para explicação da variação na ordem das orações hipotáticas na construção condicional. Verificamos que alguns dos grupos de fatores apresentados permitem generalizações mais interessantes que outros, se tomados como itens de análise em separado. Neste capítulo comparamos as construções condicionais em russo e em português no que diz respeito à posição da oração hipotática na construção condicional, levando em conta todos os grupos de fatores apresentados no presente trabalho.

Assim, faremos uso de alguns exemplos já apresentados nos capítulos precedentes, como por exemplo o (33), presente no capítulo 6 e apresentado abaixo:

Russo – *Nezavissimaya Gazeta* [02-08-08]

(33)	Он	изображает	самого	себя —Старого	Актера,		
	On	izobraja-et	sam-ogo	sebia – Star-ogo	Akter-a,		
	3.SG	representar-3.SG	próprio-AC	REF - velho-AC	ator-AC		
	всю	жизнь	посвятившего	театру	и пытающегося		
	vsiu	jizn'	posviativch-ego	teatr-u	i pytaiuch-egosya		
	toda	vida	que dedicou-AC	teatro-DAT	e que tentou-AC		
	научить	ремеслу	Молодого	Актера	(Иван Шибанов).		
	nautchit'	remesl-u	Molod-ogo	Akter-a	(Ivan Chibanov).		
	ensinar	ofício-DAT	jovem-AC	ator-AC	(Ivan Chibanov)		
	Поначалу	молодому	человеку	интересен	мэтр, он,		
	Ponatchalu	molod-omu	tchelovek-u	interesen	metr, on,		
	Iniciamente	jovem-DAT	homem-DAT	interessante	mestre 3.SG		
	разинув	рот,	перенимает	у	него	большие	и
	razinuv	rot,	perenima-et	u	nego	bol'chie	i
	tendo aberto	boca,	imitar-3.SG	PREP	3.SG.GEN	grandes	e
	мелкие	секреты	профессии,	а	потом	старик	
	melkie	sekrety	professi-i,	а	potom	starik	
	pequenos	segredos	profissão-GEN	е	depois	velho	

ему	надоедает.	Герой	говорит — а	его		
emu	nadoedaet	Geroi	govor-it a	ego		
3.SG.DAT	aborrecer-3SG	herói	falar-3.SG mas	3SG.A		
не	слушают;	он	пробует	учить —	но	от него
ne	slucha-iut;	on	probu-et	utchit'	no	ot nego
NEG	ouvir-3.PL	3.SG	tentar-3.SG	ensinar	mas	PREP 3.SG
отмахиваются,	как	от	назойливой	мухи. Роман		
otmakhiva-iut-sia	kak	ot	nazoilivoi	mukhi. Roman		
afugentar-3.PL-REF	como	PREP	importuno	mosca Roman		
Пленкин	не	слишком	умелый	режиссер	и	вся
Plenkin	ne	slichkom	umelyi	regisser	i	vsia
Plenkin	NEG	demais	hábil	director	e	toda
выписанная	Мэметом	театральная сага	стоила	бы	не	
vypissannaia	Memetom	teatral'naia saga	stoila	by	ne	
escrita	Memetom-INS	teatral saga	custar-P	IR	NEG	
дорого,	если	бы	Евгений	Красницкий	не	
dorogo,	iesli	by	Evgenii	Krasnitskii	ne	
caro	COND	IR	Evgeniui	Krasnitskii	NEG	
привнес	в	спектакль	собственную	тему.	Он	
privez	v	spetakl	sobstvennuui	temu.	On	
trazer-P	PREP	espetácuo	próprio	tema.	3.SG	
рассказывает о	трагедии	медленного	расставания с			
rasskazyva-et o	tragedii	medlennogo	rasstavania s			
contar-3.SG	PREP	tragédia	vagarosa-GEN	separação	PREP	
жизнью,	когда	одна	за	другой	отмирают	былые
jizn'iu,	kogda	odna	za	drugoi	otmiraiut	bylye
vida-INS	quando	um	PREP	outro	desaparecem	passado
привязанности	и	остается	лишь	вкус	к	ремеслу
priviazannosti	i	ostaetsia	lich'	vkus	k	remeslu
afeições	e	restar-3.SG	só	gosto	PREP	oficio-DAT
и	желание	передать	свои	умения	молодым.	
i	jelanie	peredat'	svoi	umenia	molod-ym.	
e	desejo	transmitir	seu	saber	jovem-DAT.PL	

Ele representa a si próprio – o Ator Velho que dedicou toda a vida ao teatro e que tentou ensinar o ofício ao Ator Jovem (Ivan Chibanov). Inicialmente o jovem rapaz se interessa pelo mestre, ele, sem abrir a boca, imita os grandes e

pequenos segredos da profissão, mas depois o velho o aborrece. O Herói fala, mas não o ouvem; ele tenta ensinar, mas fogem dele como fogem de uma mosca impertinente. Roman Plenkin não é um diretor extremamente hábil e toda a saga teatral escrita por Mamet não custaria caro, se Evgenii Krasnitskii não tivesse trazido ao espetáculo tema peculiar. Ele conta a tragédia da vagarosa despedida da vida, quando as afeições do passado desaparecem, uma após a outra, e resta apenas o gosto pelo ofício e o desejo de transmitir o seu saber aos jovens.

No capítulo 6 analisamos o exemplo acima quando tratamos do grupo de fatores *status informacional* e classificamos a informação presente na oração hipotática condicional como nova, por apresentar conteúdo que não fora evocado anteriormente. Temos na condicional a presença de uma nova personagem (Evguenii Krasnitskii) e a avaliação do autor sobre o fato (trazer ao espetáculo tema peculiar). Nesse caso verificamos também a posição da oração hipotática que se manifesta de forma marcada, ou seja, posposta.

Se observarmos a seqüência pelo viés da complexidade estrutural, constataremos que o exemplo acima instancia complexidade de grau 3, isto é, a construção condicional pode se relacionar estruturalmente com outras construções, tais como orações paratáticas, ou até mesmo outras hipotáticas. Temos neste exemplo uma oração paratática (*Roman Plenkin ne slichkom umelyi regisser*) e em seguida temos uma construção condicional (*i vsia vypissannaia Memetom teatral'naia saga stoila by ne dorogo, iesli by Evgenii Krasnitskii ne privez v spetakl sobstvenniuu temu.*), cuja oração núcleo se relaciona também com a oração anterior por meio de parataxe. Tal tipo de contexto neste trabalho é considerado complexo e propicia a ocorrência da posição marcada nas construções condicionais.

No que diz respeito ao domínio cognitivo em que a construção condicional em pauta ocorre, podemos concluir que se trata do domínio de conteúdo, em que trazer tema peculiar ao espetáculo permite que a saga teatral de Mamet custe caro. Mostramos

no capítulo 7 que as orações hipotáticas pospostas ocorrem em sua maioria no domínio de conteúdo.

Em português, também podemos ver exemplos em que os fatores analisados no presente trabalho atuam para propiciar a posposição da oração hipotática condicional. Observe-se o exemplo (60):

Português – Extra [02-10-2002]

- (63) A morte de um idoso na fila do posto do INSS de Padre Miguel não é a primeira e nem será a última **se providências para melhorar o atendimento não forem tomadas pelo governo.**

Se considerarmos o status informacional, verificaremos que no exemplo acima a oração hipotática introduz informação nova na seqüência textual. O texto do qual foi retirada a seqüência começa exatamente como apresentado acima. O autor introduz condicionalmente a sua avaliação sobre a morte de um idoso na fila do INSS.

Quanto à complexidade estrutural, temos, assim como no exemplo do russo apresentado em (33), o grau de complexidade de número três, pois o complexo condicional se articula com um outro complexo oracional cujas orações se vinculam por parataxe. O autor afirma que a morte de um idoso não é a primeira e, em seguida apresenta uma construção condicional que se vincula hipotaticamente a uma seqüência prévia constituída por parataxe.

A correlação do modo verbal nas orações hipotática e nuclear se inscreve no padrão que identificamos no capítulo 8, *realis* na oração núcleo, marcado pelo futuro do presente do indicativo (será) e *irrealis* na hipotática, marcado pelo futuro do subjuntivo (forem).

Podemos verificar, no que diz respeito ao domínio cognitivo, que a condicional apresentada se manifesta no domínio de conteúdo⁴¹. Como já visto no capítulo anterior tal tipo de domínio também parece se correlacionar favoravelmente com a posposição na língua portuguesa.

Os marcadores presentes nas orações que compõem a construção condicional no exemplo (63) também contribuem para a disposição da oração hipotática. Podemos perceber que as marcas *nem*, na oração núcleo, e *não* na oração hipotática podem aumentar a ênfase do que é afirmado na seqüência textual, permitindo a ocorrência da oração hipotática para a última posição. No entanto, a quantidade de exemplos desse tipo presentes na amostra não é suficiente para se afirmar que palavras com a negação favorecem de fato a posposição.

Além disso, nem sempre os fatores apresentados acima atuarão em comunhão para o aparecimento da categoria marcada. Podemos encontrar uma combinação de informação nova em orações postostas num domínio cognitivo que não necessariamente será o de conteúdo, sem marcas formais que proporcionem a posposição. Em alguns momentos o modo utilizado não será aquele que ocorre com mais freqüência com a construção marcada. Exemplos desse tipo são apresentados abaixo:

Russo – Izvestia [23-11-2002]

(64)	В	этом	году	российские	туристы
	V	etom	godu	rossisk-ie	turist-y
	PREP	este	ano	russo-PL	turista-PL
		затянули	с	отдыхом.	Об этом

⁴¹ Tal ocorrência nos parece um tanto híbrida devido à presença do verbo *ser* na oração núcleo. Talvez se possa fazer uma leitura no domínio epistêmico, mas acreditamos que o que é dito na oração hipotática provoca ou proporciona o que foi declarado na oração núcleo. Assim optamos por classificar esse domínio como de conteúdo.

zatianu-l-i protelar	s PREP	otdykhom. descanso.	Ob PREP	etom isso	
можно mojno possível	судить sudit julgar	хотя khotia embora	бы by IR	по po PREP	тому, tomu aquele
что tchto que	ежегодный ejegodnyi anual	вопрос vopros questão	"Как Как como		
вывезти vyvezti tirar	за za PREP	границу granitsu fronteira	ребенка?" rebenka?" criança		
читатели tchitatel-i leitor-PL	стали sta-l-i tornar-se-P-PL	задавать zadavat dar	нам nam 1.PL	не ne NEG	
в v PREP	июле, iule, julho	а a mas	в v PREP	августе. avgust-e. agosto-PRP	
Действительно, Deistvitelno, realmente		проблем poblem-0 problema-GEN.PL	возникает voznika-et surgir-3.SG	много. mnogo. muito	
Нужна Nujna preciso	ли li INTE	доверенность doverennost documentação	родителей, roditelei, pais-GEN,	если iesli COND	
ребенок rebenok criança	выезжает vyezjaet sai	с s PREP	бабушкой? babuchkoi? avó		

Neste ano os turistas russos protelaram com as férias. Podemos pensar assim, porque até mesmo a questão anual “Como levar o filho para o exterior?” os leitores começaram a fazer não em julho, mas em agosto. Realmente surgem muitos problemas. É preciso a documentação dos pais, se a criança está saindo com a avó?

- (65) Escrever com ironia é um pouco como escrever em código: a comunicação só funciona **se na outra ponta houver um decodificador**.

Nos exemplos supracitados podemos verificar que a informação expressa nas orações hipotáticas de russo e português não é exatamente nova, mas sim inferível.

Além disso, a estruturas em que ocorrem as construções condicionais não são complexas. Por outro lado a combinação de modo se manteve (*realis-realis* em russo e *realis*, na núcleo, e *irrealis* na condicional, em português) O domínio em russo é de ato de fala, enquanto que em português é o que proporciona a posposição: conteúdo. Em ambas as orações não se verificam palavras focalizadoras que favoreçam a ocorrência do elemento marcado.

No entanto, podemos assumir que nas amostras analisadas pelo menos um dos fatores propostos se manifesta em condicionais pospostas, caracterizando a condicional marcada, o que revela, quanto à posição das orações hipotáticas em construções condicionais, o poder explanatório das variáveis consideradas nesta dissertação.

Nesse sentido, apresentamos abaixo um quadro que descreve o efeito das variáveis estudadas sobre o posicionamento da oração hipotática, para o russo e o português:

Grupo de Fatores	Russo	Português
Status informacional	A oração hipotática, quando posposta, tende a veicular informação nova ou inferível.	
Complexidade estrutural	A oração hipotática condicional tende a ocorrer na posição marcada em contextos de maior complexidade estrutural;	
Domínio cognitivo	Orações hipotáticas condicionais tendem a ocorrer na posição marcada quando empregadas no domínio de conteúdo	
Concordância de modo	A correlação modal mais comum em ocorrências marcadas é <i>realis-realis</i> ;	A combinação mais comum em ocorrências marcadas é <i>realis</i> (oração núcleo) <i>irrealis</i> (oração hipotática);
Marcadores de ênfase	Presença na oração núcleo de elementos com função	

	focalizadora parece se associar favoravelmente à posposição da oração hipotática.
--	--

Tabela 6. Comparação entre russo e português quanto às ocorrências marcadas e aos grupos de fatores utilizados.

Podemos perceber que tais fatores não se restringem apenas ao âmbito gramatical; ao contrário, incluem também o âmbito semântico-pragmático, o que nos faz acreditar que os fenômenos lingüísticos podem ser sistematizados e explicados pela comunhão de fatores de ordem lingüística e extralingüística e que tal hipótese pode ser baseada empiricamente verificada a partir de uma análise comparativa. Em outras palavras, o compartilhamento de propriedades gramaticais e pragmáticas, no que tange a posição das orações hipotáticas de condição, pelo português e pelo russo, línguas de famílias distintas, parece sugerir que tais propriedades são mais gerais. Outras línguas também podem exibir comportamento semelhante.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa das construções condicionais em russo e em português, em especial o estudo da variação posicional da oração hipotática em relação a sua núcleo, nos permitiu chegar a conclusões interessantes quanto à identificação do uso não marcado e explicação do uso marcado nesse tipo de construção.

Neste trabalho foi possível constatar que a anteposição é realmente o uso não marcado, não só pelo fato de ser a posição mais freqüente, mas por se manifestar principalmente em co-textos de menor complexidade estrutural. Nesse sentido, podemos considerar de forma mais precisa dois dos critérios fornecidos por Givón para a identificação do item não marcado: a freqüência de uso e a complexidade estrutural. Além disso, tais resultados contribuem para a solidificação da asserção de Greenberg (1986) de que anteposição é um universal lingüístico no que tange às condicionais.

No presente trabalho também foi possível chegarmos a algumas conclusões quanto ao uso marcado, ou seja, a posposição. Identificamos uma tendência no comportamento das orações hipotáticas pospostas, cuja ocorrência pode ser de fato explicada.

No capítulo 6 verificamos que há uma forte tendência da posição marcada veicular muitas vezes informação nova, apresentando conteúdo que pode ou não ser elaborado pelo contexto seguinte, o que já havia sido postulado por Ford & Thompson para o inglês em 1986. A tendência geral é de que as orações hipotáticas condicionais antepostas veiculem informação velha ou inferível, que se relaciona com o discurso precedente, ao passo que as hipotáticas pospostas apresentam informação inferível ou nova, que se relaciona com o discurso subsequente.

A ocorrência da posição marcada também está associada ao contexto estrutural em que a construção condicional ocorre. Quanto mais complexo o contexto, mais

possibilidades de ocorrência da estrutura marcada. No capítulo 7 distribuimos os contextos de ocorrência das construções condicionais em quatro graus de complexidade. Em russo o contexto de complexidade estrutural alta favorece mais a ocorrência de hipotáticas pospostas, enquanto que em português a posposição é mais favorecida pelo grau máximo de complexidade, o que nos permite concluir que os co-textos estruturais mais complexos da escala proposta no capítulo 7 proporcionam a ocorrência da posposição.

Diante dos grupos de fatores apresentados até o capítulo 7, verificamos que a variação posicional das orações hipotáticas na construção condicional está sujeita tanto à distribuição de informação no texto, quanto à forma como este se organiza estruturalmente. Se o texto apresenta informação nova na condicional em um ambiente estrutural complexo, a probabilidade de ocorrência de orações hipotáticas pospostas na construção aumenta.

Verificamos, porém, que as análises apresentadas não configuram regras categóricas que explicam completamente os usos das condicionais marcadas na amostra estudada. Os resultados para as variáveis se configuram com uma tendência, o que não anula a possibilidade de ocorrência do elemento marcado em contextos não previstos. Observamos ainda a necessidade de combinação dos fatores mencionados com outros fatores de menor relevância quantitativa para a explicação das ocorrências marcadas: domínio cognitivo, combinação de modo entre os verbos da oração núcleo e da oração hipotática e a presença ou ausência de focalizadores na oração núcleo.

O grupo de fatores *domínio cognitivo* em que ocorrem as construções condicionais indica que a posição marcada tanto em russo como em português tende a ocorrer no domínio de conteúdo. Acreditamos que isso se deve ao fato de tal domínio lidar com fatores de natureza mais concreta, relacionando eventos do mundo real. Como

os domínios epistêmico e de ato de fala lidam com conteúdos mais abstratos, apresentando padrões de raciocínio e questões pragmáticas, é natural que a possibilidade de ocorrência do item marcado nesses contextos seja reduzida.

A concordância de modo também influencia de certa forma a ocorrência do item marcado. Verificamos que em russo a correlação modal mais comum em ocorrências marcadas é *realis-realis* e que em português a mais freqüente é modo *realis* na oração núcleo e modo *irrealis* na oração hipotática. Tais resultados indicam que o modo *realis* na oração núcleo favorece a ocorrência do item marcado.

Outro fator que pode contribuir para o uso da posição marcada tanto em língua russa como em língua portuguesa diz respeito à presença de palavras focalizadoras na oração núcleo. Percebemos que a presença da palavra *lish*, em russo, e só, em português, associa-se à posposição da oração hipotática. É interessante notar que a alteração da posição da oração hipotática nesses exemplos acarreta o estranhamento na organização da sentença, o que nos faz concluir que nesses casos a oração condicional assume o papel de foco, auxiliada pelas palavras focalizadoras, nas duas línguas analisadas.

No capítulo 8 combinamos todos os fatores analisados, realizando comparação direta entre as duas línguas analisadas. Observamos que as estruturas marcadas existentes nos *corpora* analisados sempre se correlacionam a uma ou outra variável, o que revela a sistematicidade da variação. Verificamos também que, salvo diferenças mínimas no que refere à correlação modal nas orações das línguas analisadas, há uma convergência entre os fatores que explicam as ocorrências marcadas em russo e em português.

Diante das análises realizadas no decorrer do presente trabalho e das conclusões a partir dos resultados que obtivemos para cada grupo de fatores, podemos afirmar que

o uso marcado da oração hipotática nas construções condicionais pode ser sistematizado e explicado, na medida em que podemos já prever as possibilidades de sua recorrência. Além disso, a identificação da posição não-marcada e a explicação para a posição marcada em contextos concretos de uso em línguas com grau distante de parentesco indicam não só que a anteposição pode ser considerada um universal lingüístico, mas também que o uso marcado, isto é, a posposição, pode ser igualmente explicada por fatores que são comuns a ambas as línguas.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARLOW, M. & KEMMER, S. (eds.) **Usage-Based Models of Language**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. São Paulo: Lucerna, 2005. 37ª ed.

BEHRENS, Heike (under revision). Usage-based and emergentist approaches to language acquisition. **Linguistics**.

BRAGA, M. L. ; NEVES, M. H. M. Hipotaxe e Gramaticalização: Uma Análise das Construções de Tempo e de Condição. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**. v. 14, p. 191-208, 1998.

BRAGA, Maria Luíza. Os enunciados de tempo no português falado no Brasil. In: NEVES, Maria Helena de Moura. (Org). **Gramática do português falado**. Novos estudos. Sro Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da UNICAMP, p. 443-459, 1999.

BYBEE, Joan. 2006. From usage to grammar: the mind's response to repetition. **Language** **82(4)**. 711-733.

CHAFE, W. The Flow of Ideas in a Sample of Written Language. In MANN, W. & THOMPSON, S. (eds.) **Clause Combining in Grammar and Discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1994, 1-28.

_____. Linking intonational units in spoken English. In HAIMAN, J. & THOMPSON, S. **Clause Combining in grammar and discourse**. Philadelphia/ Amsterdam John Benjamins Publishing Company, 1988.

_____. Givenness, Contrastiveness, Subjects, Topics and Point of View. In LI, C. (ed.) **Subject and Topic**. New York: Academic Press, 27-56.

_____. **How people use adverbial clauses**. Proceeding of the tenth meeting of the Berkeley Linguistics Society, 1984. p437-450.

CROFT, W. **Typology and Universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. **Radical construction grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DANCYGIER, Barbara, SWEETSER, Eve. Constructions with *if*, *since* and *because*: causality, epistemic stance and clause order. In: COUPER-KUHLEN, Elizabeth, KORTMANN, Bernd (Eds). **Cause, concession, contrast, condition**. Cognitive and discourse perspectives. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, p. 111-142, 2000.

DOLENGA, M. **A Língua Russa**. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

DU BOIS, J. W. Competing Motivations. In: HAIMAN, J. **Iconicity in Syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

DUCROT, Oswald. **Provar e dizer. Leis lógicas e leis argumentativas**. Tradução de Maria Aparecida Barbosa, Maria de Fátima Gonçalves Moreira, Cidmar Teodoro Pais. Sao Paulo: Global, 1981. 264 p. Título original: La preuve et le dire.

FAUCONNIER, G. **Mappings in Thought and Language**. New York: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G. **Mental spaces: Aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge: MIT Press, 1985.

FERRARI, L. **Postura epistêmica, ponto de vista e mesclagem em construções condicionais na interação conversacional**. In: Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos. Juiz de Fora: EDUFJF, vol. 3, n.1, jan/jun. 1999^a, p. 115-128.

_____. **Perspective and Prediction: a mental space approach to conditional constructions in brazilian portuguese**. Enviado para Cognitive Linguistics.

FORD, C. & THOMPSON, S. Conditionals in discourse: a text based study from English. In: TRAUGOTT, E. et al. **On Conditionals**. London, New York, New Rochelle, Melbourne, Sydney: Cambridge University Press, 1986, p 356-372.

FURTADO DA CUNHA, et al. **Lingüística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GIVON, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GOLDBERG, A. E. 2003a. Constructions: a new theoretical approach to language. **Trends in Cognitive Science** 7.219-24.

GRICE, H. P. Logic And Conversation. In COLE, P. & MORGAN, J. (orgs.) **Syntax and Semantics**. Nova York: Speech acts, v. 3, 1975.

GRYNER, H. **A variação tempo-modo e conexão nas orações condicionais do Português**. Tese de doutorado, Rio de Janeiro, UFRJ, 1990.

_____. Graus de vinculação nas cláusulas condicionais. In: KOCH, I. G. V. & BRAGA, M. L. (org.). **Caderno de Estudos Lingüísticos**. Campinas jan/jun, 1995. p. 69-83.

Haegeman, L., & Guéron, J. (1999). **English Grammar: A Generative Perspective**. Oxford/Boston: Blackwell.

HAIMAN, John, THOMPSON, Sandra. (Eds.) **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988. 433p.

HAIMAN, JOHN (1978) Conditionals are Topics. **Language** 54, 565-589.

HALLIDAY, M. K. A. Language Structure and Language Function. In LYONS, J. (org.) **New Horizons in Linguistics**. London: Penguin Books, 1972.

_____ **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HEINE, B. & KUTEVA, T. **Language contact and grammatical change**. Cambridge: University Press

HOPPER, P. J. & Thompson, S. Transitivity in Grammar and discourse. **Language** 56: 251-99.

_____ & TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KOBASHI, C. M. (2004) **Língua Falada – A Ordem Das Orações No Período Condicional No Português Popular Brasileiro: Implicações Semânticas E Gramaticalização**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP.

KOCH, I. V. *Argumentação e Linguagem*.

Labov, William. 1972. “The Transformation of Experience in Narrative Syntax.” In **Language in the Inner City**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. p. 354-396.

LAKOFF, G. **Women, Fire, and dangerous things – What categories reveal about the mind**. Chicago: University Press, 1987.

LANGACKER, R. A Dynamic Usage Based Model. In BARLOW, M. & KEMMER, S. **Usage-Based Models of Language**. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 1-63.

LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, John, THOMPSON, Sandra. (Eds.) **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, p. 181-225, 1988.

LONGACRE, R & THOMPSON, S. Adverbial Clauses. In: SHOPEN, T. **Language Typology and Syntactic Description**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

LYONS, J. **Semantic 1, 2**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002, v. , p. 19-36.

MARTELOTTA, M; AREAS, E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA et al. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

- MASLOVA, E. Conditionals in the Yukaghir languages. In KHRAKOVSKIJ, V. (Ed.), *Typology of Conditional Constructions*. München: LINCOM. (2005). p. 612-28
- MATEUS, Maria Helena Mira et al. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1989.
- MATHIESSEN, & THOMPSON, S. The Structure of Discourse and Subordination. In HAIMAN, J. & THOMPSON, S. (eds.) **Clause Combining in Grammar and Discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988, 275-329.
- NEVES, M. H. M. . (1999) “As construções condicionais”. In: NEVES, M.H.N. (org.) **Gramática do Português Falado**. V. VII: Novos estudos. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP; Campinas, Editora da Unicamp. Pp. 397-444.
- NEVES, Maria Helena de Moura, BRAGA, Maria Luíza. Hipotaxe e gramaticalização: uma análise das construções de tempo e de condição. **DELTA**, vol.14, no.spe., 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>> Acesso em: 10/07/2001.
- NICHOLS, J. Functional theories of grammar. **Annual Antropol** (13) 97-117, Berkeley, 1984.
- PRINCE, E. Toward a Taxonomy of Given-new information. In COLE, P. (ed.) **Radical Pragmatics**. New York: Academic Press, 1982.
- PULKINA, & ZAKHAVA-NEKRASSOVA, **Gammatika russkogo Yazyka**. Moskva: Nauka, 1984.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998, 553p.
- SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. Cultrix. 1916.
- SOARES, M. A.B. P. **A Semântica do aspecto verbal em russo e em português**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 1987.
- SILVA, A. S. A lingüística cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em lingüística. **Revista portuguesa de humanidades I**, 1997. p. 1997.
- SWEETSER, Eve. **From etymology to pragmatics**. Metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. 174p.
- Sweetser, Eve. “Mental spaces and the grammar of conditional constructions.” To appear in Gilles Fauconnier and Eve Sweetser (eds.), **Mental Spaces, Grammar, and Discourse**. Chicago: University of Chicago Press.
- TAYLOR, J. **Cognitive Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2002
- TRAUGOTT, E. et al. **On Conditionals**. London, New York, New Rochelle, Melbourne, Sydney: Cambridge University Press, 1986, p 356-372.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português – a categoria e sua expressão.** Uberlândia: EDUFU, 2006. 4ª ed.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano.** Tradução: Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Título original: The cultural origins of human cognition.

TRAUGOTT, E. C. et al. (eds). (1986). **On conditionals.** Cambridge: Cambridge University.

VALGINA, N. S. **Sintaks sovremennogo russkogo jazyka.** Moskva: Vyshaya shkola, 1978.

VILELA, M. & KOCH, I.G.V. **Gramática da língua portuguesa.** Porto: Almedina, 2001.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)